

CLEIDE DURANTE ASSIS DE JESUS

**A CRÍTICA DE JOÃO ANTÔNIO
NA *TRIBUNA DA IMPRENSA***

CLEIDE DURANTE ASSIS DE JESUS

**A CRÍTICA DE JOÃO ANTÔNIO
NA *TRIBUNA DA IMPRENSA***

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Literaturas de Língua Portuguesa)

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira

Assis - 2001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Jesus, Cleide Durante Assis de
J58c A crítica de João Antônio na Tribuna da imprensa /
Cleide Durante Assis de Jesus. Assis, 2001.
177p.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista

1. Ferreira Filho, João Antônio, 1937-1996. 2. Crítica
literária. 3. Crítica textual. I. Título.

CDD 869.9309
801.95
801.959

CLEIDE DURANTE ASSIS DE JESUS

**A CRÍTICA DE JOÃO ANTÔNIO
NA *TRIBUNA DA IMPRENSA***

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador: _____

Segundo examinador: _____

Terceiro examinador: _____

Assis, de 2001

DADOS CURRICULARES
CLEIDE DURANTE ASSIS DE JESUS

NASCIMENTO 6.8.1961 – MARINGÁ/PR

FILIAÇÃO Raul Antônio Durante
Irene Manhezi Durante

1983/1986 Curso de Graduação
Universidade Estadual de Maringá - UEM

1986/1998 Professor de 1º e 2º Graus de Língua Portuguesa, Literatura,
Gramática e Redação
Instituição de Ensino Particular

1990 Professor Colaborador do Departamento de Letras da Universidade
Estadual de Maringá - UEM

1996/1998 Professor Colaborador do Departamento de Letras da Universidade
Estadual de Maringá - UEM

À memória do escritor João Antonio Ferreira Filho,

que partia do princípio de que

“um homem saciado não pode entender um faminto...”

e acreditava que

“ ... uma literatura de verdade não pode existir apenas para o pó da vaidade de uma sociedade e, quando se preza, põe o dedo na ferida...””.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Maria Domingues de Oliveira, pela orientação e apoio durante todo o mestrado;

Aos Professores Doutores Antonio Esteves e Tania Macêdo, pelas críticas e sugestões durante o exame de qualificação;

A Alessandra F. Kliass Machado, pelas sugestões de pesquisa no CEDAP;

A Iêda Maria Ferreira Nogueira, pela contribuição bibliográfica;

A Clara Ornellas, pela disponibilidade em contribuir com esta pesquisa;

A Daniel Pedro e Marília, pela confiança em ceder os arquivos de João Antônio à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, o que possibilitou a realização desta pesquisa;

Ao jornal Tribuna da Imprensa, pela gentileza com que nos forneceu as informações necessárias;

A meus amigos, mãe, irmã e esposo, pelo apoio e incentivo;

Ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa.

“Só um sujeito como eu, homem se atilando naquilo que faz, pode avaliar um chute digno para determinadas tampinhas. Porque como as coisas, as tampinhas são desiguais...”

João Antônio Ferreira Filho

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. Introdução | 10 |
| 2. Algumas considerações: João Antônio, polígrafo | 16 |
| 2.1. O polígrafo | 16 |
| 2.2. O crítico | 20 |
| 2.3. Descrição dos textos da <i>Tribuna Bis</i> | 39 |
| 2.4. Considerações finais | 52 |
| 3. Os textos da <i>Tribuna Bis</i> | 54 |
| 4. Bibliografia | 141 |
| 5. Anexo: índice onomástico | 149 |

1. Introdução

Encontra-se certa dificuldade em tentar definir João Antônio – escritor, contista, cronista, repórter, crítico – e tal dificuldade deve-se à pouca possibilidade de rotulação da produção do escritor e ao fato de sua fortuna crítica estar ainda se fazendo. Em contrapartida, temos vasto material espalhado por revistas literárias, periódicos, ensaios, coletâneas, referindo-se ao escritor, material de trabalhoso acesso, devido ao caráter de pesquisa, sistematização bibliográfica e conservação que a própria natureza desses meios de comunicação oferecem. Entretanto, é justamente no referido material que nos fundamentamos para apresentar João Antônio Ferreira Filho, bem como nas palavras registradas pelo próprio escritor sobre sua pessoa e sua atividade literária, em artigos, prefácios, entrevistas.

João Antônio nasceu em São Paulo, em 27 de janeiro de 1937, em uma família humilde. O pai, João Antônio Ferreira, era dono do bar-armazém *Beco da Onça*, no morro do Wilson, que o escritor só chamava de morro da Geada. O pai era emérito cultivador de orquídeas e exímio tocador de banjo e de cavaquinho, resultando no gosto que o filho desenvolveu pelo chorinho, pois cresceu entre violões, cavaquinhos e banjos. A mãe era uma mulata carioca, chamada Irene Gomes. A infância e a adolescência, vividas nos bairros operários e subúrbios paulistas, ensinaram-lhe o convívio com a camada simples e pobre da população brasileira.

Trabalhou, desde cedo, como *office-boy*, bancário, estafeta e caixeiro de mercearia. Estudou à noite, cursou a Escola Normal e a Faculdade de Comunicação Social *Cásper Líbero*. Também frequentou o curso de Teatro e Cinema da Universidade de São Paulo, o qual não terminou. Ligou-se ao Teatro de Arena da capital paulista. Chegou a lecionar Português e Geografia na Escola de Polícia de São Paulo (Cabello, 1984).

O escritor mudou-se de São Paulo para o Rio na esperança de encontrar maiores possibilidades de realização como escritor e, segundo João Antônio, encontrar um ambiente menos provinciano.

Conforme declaração de João Antônio à amiga Ilka B. Laurito (1999, p.26, 30,47), ele gostava de escrever à mão para “ter o gosto físico de sentir as palavras saindo diretamente de seus dedos para o pouso no papel, prolongamento da ebulição

artística que implodia de seu corpo”. Acrescentando: “... só escrevendo sou inteiro. Tudo é meu, então. (...) Se não escrevo não sou ninguém. Se não amar o que escrevo, não escrevo”. Concluindo: “... eu me devo uma porção de coisas e se não escrever também não me pago. E escrever é esta renúncia e esta solidão.”

Em outra entrevista, João Antônio (Apud Hollanda, 1979, p. 58) declarou: “Escrevo apenas sobre o que conheço e sinto. Parto do princípio de que um homem saciado não pode entender um faminto. Tenho procurado dar voz a quem não tem nenhuma no mundo brasileiro de hoje...”.

Na entrevista concedida a Lurdes Gonçalves (1983, p.3), foi-lhe perguntado se vivia de literatura. A resposta foi curta e bem ao estilo do escritor: “seria mais certo dizer, talvez, que eu existo para ela. Vivo de direitos e de tortos. Especialmente de tortos” (reportagens, artigos). Complementado a idéia, em outra oportunidade, o escritor afirmou: “... o jeito é ir continuando com o jornalismo e a publicidade. Apesar deles, nunca cheguei a deixar de escrever.” (Coelho, 1968, p.6).

A Jácomo Mandatto – que o enquadrou na literatura utilizando palavras de Dostoiévski: “Para escrever bem é preciso sofrer, sofrer” – João Antônio (1981, p.4) declarou que “um escritor escreve para não explodir. E isso é tudo. O mais são firulas e lantejoulas. Um escritor escreve porque não agüenta mais. Quem suporta um pouco mais, não escreve. Simplesmente vai para casa, janta, vê televisão e dorme em paz. Dorme o sono dos justos, dos ignorantes ou dos otários. Não sei. Sei que dorme.” Em outra entrevista ele complementa: “... uma literatura de verdade não pode existir apenas para o pó de vaidade de uma sociedade e, quando se preza, põe o dedo na ferida...” (João Antônio, 1979, p. 52).

Mas foi a dedicação à ficção que definiu sua vida. Em entrevista concedida a José Edson Gomes, para a revista *Leitura*, afirmou que, se pudesse, teria dedicado todo seu tempo somente à ficção. Não escreveria nem mais um artigo, isto sem falar de que jamais faria outro tipo de redação que não fosse o de sua prosa literária. O jornalismo veio como consequência e sobrevivência. Entretanto, o que João Antônio produziu e foi veiculado em jornais trata-se de um material vasto, rico e pronto a ser explorado e estudado para que o escritor também se torne conhecido e reconhecido neste outro aspecto que permeou toda a sua vida.

Mas voltemos ao ficcionista. A partir de seu livro de estréia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, com primeira edição em 1963, a obra do escritor impõe-se como destaque, conquistando praticamente todos os prêmios disponíveis à época, como reconhecimento

de uma obra e autor que incorporariam, a partir desta obra, “a marginalidade paulista à literatura” e adiantava o que se configuraria em traço característico de suas criações: não trazer para nós a realidade e sim colocar-nos dentro dela.

Ao longo dos anos foi colhendo, pesquisando ou transpondo o material organizado e/ou vivenciado, externando, em suas obras, o “universo da malandragem”, “das categorias humanas menos legitimadas”, analisando-o interiormente, registrando a autenticidade e reconhecendo o aspecto lingüístico deste contingente de pessoas que a sociedade marginaliza, segundo afirma Fábio Lucas, em seu ensaio *Reflexões*, incluído no número especial que a revista *Remate de Males* lhe dedicou em 1999.

A *Malagueta, Perus e Bacanaço* seguiram-se outras obras, centralizadas no universo espacial do Rio e especialmente de São Paulo, flagrando a realidade paulista urbana e suburbana, mas o coração de João Antônio, nas palavras de Flávio Aguiar (1999, p.114), “tinha o tamanho do Grande Rio, da Grande São Paulo, da América desamparada, sua linguagem era a de uma livre adaptação do *ecce homo*, seu abraço era com os miseráveis do mundo inteiro, e seu olhar abarcava tudo, reconhecendo, na opulência, a presença da miséria, e na miséria, a força da dignidade ou mesmo apenas da lealdade...”.

Para o crítico Antonio Candido (1999, p. 83), os contos de João Antônio representam, na literatura contemporânea, um incrível banho de humanidade.

Por outro lado, segundo Jorge Amado, um tempo conturbado como o período em que João Antônio viveu exige um escritor não apenas de pulso e de determinação mas também capaz de recolher e restituir os derradeiros grãos de ternura, de estabelecer um novo humanismo e João Antônio é esse escritor. (Apud Aguiar, 1999, p.117).

Segundo Lurdes Gonçalves (1983, p.3), João Antônio trabalha com “o lixo da vida” e com ele constrói beleza e poesia, somando ao talento e à experiência, o amor, a paixão pela gente que povoa seus livros admiráveis.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1968, p.7), João Antônio é poeta que olha devagar para seus irmãos e para o mundo e vê muito além dos simples contornos exteriores; é o escritor que redescobre o diálogo entre os homens e as coisas. Apesar de todas estas declarações, os críticos concordam, no entanto, não ser tarefa fácil a classificação do escritor e de sua produção.

De acordo com Fábio Lucas (1999, p.92), primeiramente João Antônio foi analisado pela temática abordada em suas obras, ou seja, pela fixação de tipos, personagens da marginalidade social. Em seguida, centralizaram-no na perspectiva da

história da literatura, denominando-o “o Lima Barreto de São Paulo”, da fase de expansão industrial. Atualmente, é possível admiti-lo como um escritor acabado, dono de um estilo próprio, de uma profunda consciência literária, ou ainda, como afirma Nelly Novaes Coelho: “A arte de João Antônio é só sua: não há aparentes dívidas com ninguém”. (1968, p.7).

Devido à dificuldade encontrada na classificação da obra de João Antônio, invocaremos ainda mais dois críticos: Antonio Hohlfeldt (1986) e Malcolm Silverman (1981). Tanto um como o outro propõem uma certa classificação para a produção do ficcionista. O primeiro divide-a em “produção de ficção, do jornalismo e biografias”, e, por fim, “um misto de conto e reportagem”. (p.73). O segundo opta pelo critério do que seria “ficção ou realidade”, uma ficção de mãos dadas com o jornalismo, denunciando um Brasil que nem sempre é visto a olho nu e que é inenarrável pela grande imprensa. (p.118).

Hohlfeldt (1986, p.93) não se arrisca sozinho na qualificação da obra de João Antônio, servindo-se do conceito de Fausto Cunha, com quem está de acordo, quando afirma que “já em 1970, João Antônio surgia como uma das maiores revelações do conto destes últimos tempos”.

O crítico aponta que João Antônio, marcadamente a partir dos anos 70, aderiu a uma tendência que consiste em se fazer uma literatura “parajornalística”, próxima do realismo, levando a ficção a ter como modelo o jornalismo e mantendo esta grande influência até o fim de sua produção artística. Para João Antônio, o parajornalismo tem como marco mais vivo o ano de 1975 e é através desse trabalho que se “poderia lançar muita luz sobre a compreensão de vários de nossos problemas, principalmente sociais, comunitários...”. (Apud Hollanda, 1979, p.62).

Acrescenta que, à semelhança de suas personagens, João Antônio estava fora do esquema, vendo-se obrigado, permanentemente, a uma luta “corpo-a-corpo” com a vida. Também ele, vivia à margem, “vivia prá lá de Bagdá” e, como suas personagens, foi herói e vítima do sistema social.

Pessoas que conviveram com João Antônio também deixaram registradas impressões pessoais sobre o escritor. Para Ellen Spielmann, ele detestava estar ao lado de quem venceu: ficava sempre do outro lado. Caio Porfírio Carneiro salienta que tudo o que rompia com os padrões estabelecidos, com a falsa moral burguesa, agradava a João Antônio. Fábio Lucas registra que a escolha do contista situa-se nos pontos em que

as convenções tendem a romper-se. “Há um ataque à compostura, ao bom-tom e ao decoro burgueses.” (Lucas, 1999, p14, 76, 95).

Diversos críticos dedicaram e dedicam estudos ao escritor João Antônio. Mário da Silva Brito (1977) associa o ficcionista a Antônio de Alcântara Machado e a Damon Runyon, afirmando que, para João Antônio, “escrever é sangrar”, é um estado de determinação e sacrifício. Assis Brasil (1973) o coloca ao lado de Rubem Fonseca. Para Alfredo Bosi (1981), *Malagueta, Perus e Bacanaço* é ainda o melhor trabalho do escritor. Edna Savaget (Apud Bosi, 1981) afirma que jamais o submundo teve um intérprete tão eloqüente e carinhoso. Fausto Cunha, em 1970, já afirmava ser João Antônio uma das maiores revelações do conto dos últimos tempos.

Mark Scherer (Apud Nunes, 1969, p. 143) afirma que, em João Antônio, “o estilo não é o homem, mas sim, o assunto”. Da prosa do escritor emerge uma fraterna identificação com seus personagens, uma solidariedade que sabe esposar a intimidade, a essência daqueles que a sociedade marginalizava e marginaliza, deixando transparecer o gosto que tinha em olhar as pessoas anônimas e deixar acontecer por elas um sentimento atávico, uma intuição que vasculha pessoas e imagens.

Para Heloisa Buarque de Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves, João Antônio merece um espaço considerável de discussão na imprensa e na universidade, especialmente a partir de 1975, quando, através de seu artigo *Corpo-a-corpo com a vida*, interfere de forma direta no conceito e debate literário, colocando-se contra o que ele denomina “posições beletristas”. O escritor acredita que há a necessidade do “levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora”. Necessidade de que assumíssemos o compromisso com o fato de escrever, sem nos distanciarmos do povo e da terra. (Hollanda, 1980, p. 143-4).

No prefácio de *Malhação do Judas Carioca*, João Antônio (1975, p. 143) critica o marasmo em que se encontrava a literatura, ou seja, muita gente preocupada com “o acessório, o complementar, o supérfluo, ficando esquecidos o fundamental, o essencial”, especialmente entre 60 e 75, denunciando um distanciamento do escritor de certas realidades de nosso país, quadro este que, na visão do escritor, denuncia “o resultado de uma cultura precariamente importada e pior ainda absorvida, aproveitada, adaptada”.

Referindo-se a João Antônio, Thomas Wolfe (Apud Nunes, 1969, p.143) afirma que “só há gênio onde há energia, obsessão fanática pelo trabalho”, palavras que espelham a idéia que o próprio João Antônio possuía da literatura e do escritor. Em uma das cartas, enviada a Cassiano Nunes, com quem se correspondeu durante vinte e nove

anos, o escritor revelou: “Sei que a literatura não dá dinheiro, nem nada. Não dá mais que uma cacunda, que um peso enorme nos ombros”. Não importa, já que as letras contêm “a significação maior de nossa vida”. Os “homens sérios, casados indissolúvelmente com o material, não têm um pingo de loucura e não valem sequer um diálogo de Shakespeare”, (carta de 19/11/67 a Cassiano Nunes), publicada no *Estado de São Paulo*, de 26/10/97.

O investimento num novo recorte para a figura do escritor, como profissional/batalhador, comprometido de peito aberto com a realidade brasileira, aparece marcadamente tanto nos textos de ficção como em artigos jornalísticos, escritos por João Antônio. Em entrevistas, o escritor reclama da falta de profissionalismo editorial. Afinal, nas palavras de João Antônio, “tudo o que um escritor ganha no Brasil é por acréscimo, nunca profissionalmente”. (1980, p. 49). Nas entrevistas promovidas por ele, enquanto repórter, a profissionalização do escritor também era assunto constantemente presente.

Duílio Gomes (1976, p. 3) afirma que João Antônio “não escreve com delicadeza, nem estilo pomposo, pelo contrário, descarna a alma do povo, mostra suas mazelas”, transcreve toda a sua gíria e angústia do dia-a-dia. Idéias estas que vêm ao encontro do pensamento expresso por João Antônio para o jornal *Movimento*, na entrevista *Um escritor na República dos Bruzundangas*, de 14/7/75, concedida a Flávio Aguiar, na qual o escritor fala desabridamente sobre a necessidade de uma literatura que se voltasse para áreas sociais e de comportamento, como futebol, umbanda, vida industrial, áreas proletárias e outras formas atuais de vida brasileira que, na opinião de João Antônio, “estão aí, inéditas, esperando intérpretes e interessados”.

Exatamente um escritor como foi João Antônio poderia nos dar lições que, na opinião de Ellen Spielmann (1999, p. 72-3), alimentam-se da profissionalidade do ofício, da inteligência, da sensibilidade, do estudo e conhecimento profundo do Brasil, refletindo *in loco* essas áreas sociais e de comportamento da vida brasileira.

João Antônio participou de várias equipes em jornais e tablóides alternativos como *JB*, *Realidade*, *O Bondinho*, *EX*, *Panorama*, *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Ovelha Negra*, *Última Hora do Rio*, *Crítica*, *Extra-Realidade*, *Versus*, *Coojournal*, *Paralelo*, *Repórter*. Dedicou sua vida à literatura, conciliando (ou tentando conciliar, devido à necessidade) a vida de escritor de ficção ao trabalho jornalístico.

Mário da Silva Brito (1977) declara que, depois de o escritor andar disperso pelo jornalismo, produzindo reportagens da melhor qualidade, João Antônio retornava “ao domicílio da literatura” e afirma ser esta a sua “legítima residência”.

João Antônio foi encontrado morto, em seu apartamento, em 31 de outubro de 1996. Segundo artigo publicado na Revista *Veja*, morria “o craque do conto e da crônica”. Era o “fim de partida para um dos grandes ‘tacos’ da melhor literatura urbana brasileira”.

Aproveitando definição de Mário Lago (1978, p.5), acrescenta-se que, com ele, morria também “o repórter fuçador, escritor com olhos rodando 360 graus, cronista candidato a torcicolo de tanto virar a cabeça em todas as direções. Escritor continuando o repórter, repórter que passeia pela crônica como se estivesse em casa, na tranqüilidade do chinelo...”.

Concluindo essa breve apresentação do escritor, transcrevemos palavras de Fernando Paixão (1999, p. 70) que expressam, com propriedade, o julgamento e a sensibilidade que se tornam inerentes ao leitor e ao pesquisador que entram em contato com o universo criacional de João Antônio:

Aprendo contigo, João Antônio, que a cor e o volume das pequenas coisas só chegam ao texto pelo esforço da atenção sensível – atitude cada vez mais rara em quem escreve, convenhamos.

2. Algumas considerações: João Antônio, polígrafo

Exercer a liberdade é um ato de coragem.

(João Antônio, 1993, p.1)

2.1. O polígrafo

Para João Antônio, a “onda” de o escritor fazer de tudo não o agradava. Certa vez, declarou: “Esse movimento de o escritor ser ensaísta, poeta, crítico, ficcionista, isso é autêntico?” – questionou João Antônio – “Nós sabemos e a história literária brasileira e universal está aí: os legítimos polígrafos são raríssimos.” (apud Laurito, 1999, p.44).

Em *Abraçado ao meu rancor*, João Antônio (apud Spielmann, 1999, p.74) deixou, ainda, registrada a sua preocupação e reprovação quanto ao escritor ser um *polígrafo*:

Como vão as coisas neste país adjetivo, preferível e menos desastroso o sujeito ser apenas jornalista... Pior é, no país, o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí perderá potencial maior – o tempo, a vergonha, o talento e o estilo ... além claro ... as deformações e vícios pequenos da classe média”.

João Antônio não concordava com essa *versatilidade* do escritor e não temos informações se mudou seu julgamento a respeito desse assunto. Contudo, mostrá-lo como um *polígrafo* é justamente o propósito central deste texto, especialmente no que concerne ao João Antônio crítico e cronista, ressaltando-se que, além de exímio escritor, foi excelente repórter, crítico e cronista.

É notório o imbricamento do João Antônio-ficcionista com o João Antônio-repórter, aspecto que pode ser constatado tanto em suas obras como em seus artigos, especialmente nos da *Tribuna da Imprensa*, nos quais recai nosso foco de interesse, ou seja, especificamente em sua produção de artigos para o referido jornal no período entre 1993 a 1996, veiculados na seção *Tribuna Bis*, totalizando os 133 artigos que constituem o *corpus* desse estudo.

Sem intenção de rotular, João Antônio definiu esses dois aspectos de sua atividade de escritor como aparentemente diferentes, mas que, no *corpo-a-corpo* de

João Antônio com a escrita, não parecem divididos. As palavras de João Antônio (apud Gomes, 1965, p. 45) testificam a afirmação anteriormente proposta: “... não sei inventar coisa alguma – vivi todos os meus contos – partilhei dos sentimentos e da linguagem dos meus personagens”. É o repórter captando tudo e transformando o que viu em ficção e também é o ficcionista que se posicionou frente aos assuntos dos quais o jornalista havia de tratar.

João Antônio (apud Gomes, 1965, p. 12) deixou-nos, ainda que palidamente, a definição de sua “paixão”, ou obsessão pelo escrever, quando em entrevista declarou:

...fui apanhado pela coisa. Só tive a opção de ir deixando que ela me fosse tomando conta ... A ficção é minha condução... Há entre mim e a ficção uma posse e uma entrega. E nesse laço ... não há nada pela metade. Jorro tudo o que tenho.”

Os depoimentos destacados a seguir servem, ao nosso ver, como demonstração de que mesmo o escritor não se preocupou em enquadrar sua produção nessa ou naquela tipologia textual, o assunto sempre emerge nas entrevistas concedidas por ele ou nos estudos referentes à sua produção escrita.

Em *Evocação a João Antônio ou do purgatório ao inferno*, Flávio Aguiar (1999, p. 118) registra seu ponto de vista crítico referente à escrita de João Antônio: “Um grande texto, de um grande repórter, uma crônica de mestre por um contista excepcional”. É com esse julgamento crítico que apresentamos o estilo de João Antônio que o leitor irá encontrar ao se lançar no “corpo-a-corpo” com os seus 133 artigos na *Tribuna Bis*.

Jesus Antônio Durigan (1986, p.6), por sua vez, em *Otários & Otários & Otários*, também enfatiza a particularidade de muitos textos de João Antônio serem marcadamente jornalísticos, exemplificando com *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de loucos*. Outros, classifica como biográficos: *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e *Noel Rosa*. Há, ainda, outros que se interligam e, ao mesmo tempo, ultrapassam categorias: *Lambões de caçarola* e *Ô Copacabana*, por exemplo.

Se no campo da ficção há esta interseção entre o ficcionista, o repórter, o biógrafo, o cronista, nunca esquecendo a visão crítica inerente ao escritor, é evidente que o mesmo comportamento irá ser evidenciado em seus artigos produzidos para a imprensa, desembocando no João Antônio crítico, também foco de nosso estudo.

Em *Novos malandros de João Antônio*, Jácomo Mandatto (1982, p.5) assim se refere a uma das obras do escritor, *Lambões de caçarola*: “Eu disse novela, como poderia dizer conto, reportagem ou romance.”

Ainda sobre o referido imbricamento, na entrevista *João Antônio, ou A hora e a vez do anti-herói*, ao ser questionado sobre a adjetivação “conto-reportagem”, atribuída a *Um dia no cais*, João Antônio declarou: “Nem conto, nem reportagem. Os editores para quem trabalho entenderam finalmente que eu sou escritor, mais que qualquer coisa.” (1968, p. 6).

Quanto à crítica literária referente à produção de João Antônio, Ruud Ploegmakers (1985, p.8), no seu artigo *Frescuras do coração* (parte do título de sua tese de mestrado sobre João Antônio), traça o perfil da crítica literária recente no Brasil, que ainda não se preocupa profundamente com a obra de João Antônio, sem desmerecer, evidentemente, algum outro crítico e não diminuindo o valor de comentários e análises feitos por críticos como Léo Gilson Ribeiro, Fausto Cunha, Antonio Hohlfeldt, Antonio Candido, Pilar Gomes Bedate, Cassiano Nunes etc.

Tanto Ruud Ploegmakers (1985) como Jesus Durigan (1986) afirmam que, na grande maioria, o que se tem em termos de crítica sobre João Antônio consiste em artigos veiculados em jornais que anunciam a publicação ou o lançamento de um livro do autor ou que dão as primeiras impressões do crítico. Assim, justificamos a bibliografia por nós utilizada como fundamentação das considerações referentes ao escritor e aos artigos por ele produzidos em *Tribuna da Imprensa*, considerações que talvez se ressintam de argumentos que corroborem nossas reflexões sobre a crítica elaborada pelo escritor.

Durigan afirma que a crítica auxiliou no espetáculo promocional dos livros do escritor, pretendendo muitas vezes formular grandes sínteses interpretativas de sua obra, porém de maneira insuficiente, porque não possibilita ainda a compreensão da produção literária do escritor, “camuflando a tessitura significativa da ficção de João Antônio” e impedindo, ao mesmo tempo, tanto o seu conhecimento como o lugar ocupado pelo autor no conjunto da Literatura Brasileira Contemporânea (1986, p. 2).

É imprescindível, ainda que deva ser sucinta, devido ao caráter deste capítulo, uma reflexão sobre a crítica literária, para, através desses apontamentos, tecermos nossas considerações sobre a crítica exercida pelo escritor João Antônio.

2.2. O crítico

Algumas são as tarefas da crítica, entre elas, entender, interpretar e julgar aspectos singulares da produção artística, enquanto que ao crítico resta a aspiração de atingir uma “verdade aproximativa e contingente”, sendo o tempo um fator indispensável e significativo colaborador da crítica. João Antônio teve claras tais tarefas, exploradas em seus artigos, em especial no texto n.º 91, da *Tribuna Bis: O tempo é o senhor da crítica*.

Na tentativa de se chegar, ao menos, a uma verdade aproximativa a respeito da crítica literária, as verdades absolutas começaram a faltar, atingindo um pensamento comum: tanto literatura como crítica não descobrem o que a obra contém, mas (re)criam a obra, tornando-a significante.

Até fins do século XIX, sob a vigência dos métodos naturalistas de crítica, as relações entre Literatura e História foram equacionadas de maneira que a dependência se transformava no núcleo da questão. Mas, desde o Romantismo, constata-se que a crítica literária, pouco a pouco, e com totalidade no século XX, deixou de estabelecer critérios rígidos ao *julgar* uma obra literária, porque o julgar utilizando-se de critérios rígidos é impossível, especialmente no caso das obras de nossos dias. Conforme Afrânio Coutinho (1957), até pouco tempo atrás a crítica trilhou uma trajetória dominada por fatores que o crítico denomina *exteriores* ou *extrínsecos*, que condicionavam a gênese do fato literário.

Seguindo em parte Afrânio Coutinho, Francisco Miguel de Moura (1986, p. 8) divide a crítica até o final do século XX em três blocos básicos. A primeira, até antes do Modernismo, período em que perdurou uma crítica apelidada de *extrínseca*, em virtude da apropriação evidente que fazia dos conceitos e temas da Sociologia, Psicologia, Moral e Filosofia. Posteriormente, houve o que ele designa “crítica intrínseca”, intimamente ligada à forma e ao conceito de que a arte é sobretudo forma: surgem aí a crítica estilística, a gramatical etc. Em seguida, surgiu a crítica *ontológica*, a crítica *expressionista* ou *reflexiva*, denominações que, para Moura, definem basicamente a mesma coisa, ou seja, aquela crítica que reúne os dois tipos anteriores, sob a orientação da força própria gerada pela obra de arte.

Em parte, poderíamos focalizar a crítica de João Antônio no que Daiches (1967, p. 269) denomina “crítica prática”, devido aos textos produzidos pelo escritor estarem em contínuo movimento da literatura para a vida e vice-versa, sendo a autobiografia

convocada como parte desse movimento. Para Daiches (p. 237), o crítico judicativo tornou-se mais comum que o crítico intérprete ou divulgador.

Dentre os objetos da crítica, Daiches destaca o “julgamento da qualidade ou a apreciação da obra literária”. Percebemos, em João Antônio, um crítico em consonância com esse objetivo, devido a termos, em *Tribuna Bis*, uma espécie de *juiz* que atribui graus às obras divulgadas, exercendo o papel de mediador entre as obras e o leitor, tendo por função comunicar a este o prazer e a satisfação que ele próprio desfrutou e, assim, contribuindo para que o leitor, do mesmo modo, possa gozar de semelhante prazer e satisfação.

Ainda utilizando Daiches, os artigos de João Antônio se assemelham mais a uma dissertação “prazenteira e vigorosa”, na qual “o encanto se mescla ao ensino”, à indignação, à denúncia e à cumplicidade e amor pelo ser humano. Trata-se de um escritor que põe à prova o seu “direito de julgar graças à sua capacidade de realizar” (1967, p. 237).

Não se trata de advogar a favor ou contra a ausência de métodos críticos; ao contrário, reconhecemos, nos diferentes métodos críticos, o valor e a contribuição para que a crítica estabelecesse o vínculo da obra à razão de cada época. Por outro lado, concordamos com Fábio Lucas (1984, p. 160), que defende a idéia de que

... os métodos, além de mecanicamente expostos e aplicados, não contêm a história da obra analisada, seus antecedentes culturais nada dizem dos nexos que ela estabelece com os seu contexto, são ineptos para estabelecer as relações necessárias.

O próprio João Antônio, em entrevista concedida a Edmílson Caminha Júnior (apud Caminha Júnior, 1984, p.10), expôs a sua posição frente ao assunto *crítica literária*, especificamente a produzida no Brasil. João Antônio levanta alguns problemas enfrentados pela crítica: o crítico necessita de uma cultura de raízes – não apenas conhecer os escritores brasileiros. Em função da própria gênese de nossa literatura, para ele é inadmissível que um crítico não conheça determinados escritores universais. Outros problemas são a precariedade de nossas universidades, a falta de um embasamento teórico maior, enfim, uma maior vivência de leitura.

Em virtude da espécie de texto constante do *corpus* de nosso estudo, nossa atenção recaiu sobretudo na crítica elaborada e veiculada em jornais. Traçando um breve painel, historicamente, a chamada *crítica de rodapé* originou-se ainda no século

XIX, quando uma crítica impressionista, mas nem por isso menos importante, pontuava todo o panorama literário de nosso país, não esquecendo que, na época dos rodapés, a crítica não dispunha dos instrumentos de estudos que lhe trouxeram o desenvolvimento de ciências como a lingüística, a antropologia, a sociologia e a psicanálise. Essa tendência, que permaneceu praticamente até a metade do século XX, sofreria um primeiro e sério impacto com a introdução, a partir dos anos 50, dos conceitos do chamado *new criticism*, trazidos por Afrânio Coutinho, perspectiva inovadora que, conforme Barbosa Filho (1987, p. 16), indicou novos caminhos aos críticos, que acabaram se distanciando dos rodapés semanais dos jornais.

O *new criticism* trouxe um estatuto de cientificidade à crítica literária, buscando detectar o fenômeno da literariedade. O centro de interesse do crítico devia recair nos elementos intrínsecos que dão o caráter de esteticidade às obras, deslocando para um segundo momento o problema da sua historicidade, gênese e autoria. Assim, cada vez mais, a crítica literária foi se sofisticando, especializando-se, fundando elos inevitáveis com a teoria e a análise literárias.

A reviravolta desencadeada pela Nova Crítica trouxe algumas conseqüências de ordem extratextual que determinariam um corte, mais ou menos definitivo, entre a crítica literária e o jornalismo. Mudando-se a visão sobre a crítica, os métodos e a terminologia, muda-se naturalmente o espaço para a sua prática e exercício. Mesmo que tenhamos, hoje, as obras de José Veríssimo, Araripe Júnior e Álvaro Lins, por exemplo, não podemos esquecer que elas foram escritas parceladamente, mediante uma militância crítica nos jornais da época.

Quem não se lembra da crítica hebdomadária de um Fernando de Azevedo, de um Agripino Grieco e de um Sérgio Milliet? As famosas críticas de rodapé intensificaram a relação entre literatura e jornalismo, sedimentando uma tradição e fermentando as idéias e os pensamentos. Não obstante, introduzida aqui a Nova Crítica, notadamente em função de uma série de mutações por que passou a sociedade e a cultura no pós-guerra, esta tradição se vê abalada.

Para Afrânio Coutinho (1957), genericamente, a crítica literária começa a desaparecer dos jornais porque o movimento editorial cresceu assustadoramente, tornando-se impossível para o crítico militante escrever, em rodapé, seus comentários sobre todos os lançamentos. Especificamente a crítica literária, enquanto discurso exegético, havia mudado radicalmente.

Barbosa Filho (1987, p. 16) acredita que o rodapé verdadeiramente não possua mais sentido ou validade, uma vez que, ao crítico de hoje, é organicamente imprescindível o conhecimento dos métodos modernos e das terminologias atualizadas. Contudo, conforme o crítico, o lugar dos antigos rodapés não pode ficar vazio e não pode ser ocupado pela “objetividade deformadora das resenhas ou dos *press-releases*”. Se estes têm o papel social de divulgar as obras dentro de uma perspectiva editorialista, de propaganda e consumo, isso não se faz sem prejuízo do leitor, na medida em que a sua consciência crítica não é estimulada juntamente por uma crítica séria, sedutora, inquietante, perturbadora. Na visão dele, “de repente, o leitor comum só lê as obras. A crítica é matéria de professores e especialistas! Com isso, perde o leitor e perde o crítico!”.

Ressalta, ainda, que é natural que o rodapé não comporte mais a crítica, sendo esta transferida para suplementos ou revistas, mas mesmo que a crítica se apoie na análise e na teoria, nada impede que se pratique crítica nos espaços dos jornais. O importante, aqui, será sobretudo a competência e a criatividade do crítico. Sem enveredar pelo “atomismo aberrante das resenhas, dos *reviews*”, o crítico poderá, num espaço mais reduzido, fazer sua leitura, seu comentário, “temperando sua linguagem com os ingredientes da competência técnica e do charme”. Para ele, o crítico não tem a obrigação de criticar todas as obras publicadas, mas apenas aquelas que, dentro do seu “círculo hermenêutico”, lhe interessam, o crítico vai, aos poucos, “germinando as condições para a tarefa livre e independente de sua vocação”.

A partir da década de 70, começou a se manifestar um certo desencanto com o armado saber universitário, vivido através da Nova Crítica. Deste desencanto, manifestam-se novas posturas críticas. De um lado, e ainda situada dentro da complexidade e hermetismo de uma crítica sofisticada, temos a Estética da Recepção. De outro, há todo um exercício livre e corajoso de críticos competentes de formação universitária, ocupando o espaço diário dos jornais, sem reviver os grandes dias do rodapés, mas substituindo-os por uma crítica de verdade.

Barbosa Filho (1987) julga que, de certa forma, com seus exemplos, estes críticos inovadores têm tentado resgatar a tradicional ligação entre a crítica literária e o jornalismo. Sem simplesmente “mofar nas salas e departamentos das Universidades”, os seus estudos, quando condizentes com o espaço dos jornais, “têm servido de ponte na estratégia da compreensão enriquecedora entre o leitor e a obra”.

Esses críticos, “eivados de competência e charme, sensibilidade e imaginação”, têm servido ainda para desmistificar essa “visão tão equivocada e imbecilóide que alguns ingênuos manifestam a respeito da crítica literária”. Na visão do crítico, através deles, melhora-se o nível dos jornais e se melhora o nível da própria crítica brasileira (Barbosa Filho, 1987, p. 16).

Devido à flexibilidade de critérios ou métodos da própria crítica, contemporaneamente, pode-se dizer que a crítica é mais interpretativa que judicativa, alcançando, por isso mesmo, resultados significativos. Não há público que se satisfaça com uma recensão sem cláusulas judicativas, por mais disfarçadas que estas se apresentem. Nas palavras de Fábio Lucas (1984, p. 157), “é preciso apontar virtudes e lapsos; e sem uma visão do mundo não há como escalonar valores”. Embora os modelos críticos tenham cada um o seu devido valor e contribuição para a evolução da Crítica Literária, verifica-se que, isoladamente, não conseguem responder, de maneira plena, à totalidade exigida pela obra literária.

Posteriormente, outras escolas encontrariam espaço entre nós, como a sociologia da literatura de Luckács e Goldman, o estruturalismo, e, mais recentemente, o que Hohlfeldt (1984, p.114) denomina “crítica científica”, oriunda dos cursos de pós-graduação e doutorado e apta a destrinchar o lado palpável da obra, porém conforme Helena Parente Cunha (1980, p.18), quando o “passo vacila e se inicia a vertigem do abismo, os esquemas ou modelos detêm, rejeitam e negam o que foge à objetividade da racionalização”.

Hohlfeldt (1984) atribui à *crítica científica* a função específica do aprofundamento da leitura e das questões pertinentes à arte literária, enquanto que ao comentário de rodapé, em jornais e revistas, designa uma outra função, a de ser o registro imediato do movimento editorial do país, evidenciando a extinção gradativa deste tipo de crítica. Em seus artigos, João Antônio também abordou o destino da crítica elaborada para a imprensa, especialmente no texto n.º 89, *Sob o tacho do obscurantismo*, no qual se refere à diminuição considerável dos espaços destinados à crítica, ao fechamento de suplementos literários, ao desaparecimento dos espaços para os comentários semanais.

Situação semelhante ocorreu com a *Tribuna Bis*, que ainda existe, mas que foi dividida em vários quadros, não tendo mais o caráter artístico e de crítica literária que possuía quando João Antônio ali colocava seus artigos produzidos semanalmente. A página em que João Antônio escrevia foi dividida em vários quadros que versam sobre

assuntos diferentes: música (divulgação de CDs, por exemplo), política, literatura, folclore, artistas e pessoas famosas da sociedade etc., não nesta seqüência e incidência, mas apenas variando os assuntos a cada exemplar.

O próprio João Antônio (1968, p. 6) deixou registrado o que pensava sobre a crítica de rodapé ou de jornal: “...é matéria jornalística, e por isso estará morta antes do próximo número da revista. O que se escreve para jornal ou revista não dura, não subsiste...”. Acrescenta ainda que a crítica na imprensa é obrigada a sofrer uma adaptação ao veículo e ao gênero do texto produzido. Não podemos, contudo, esquecer a crítica de jornal de boa qualidade como, por exemplo, a praticada por Alceu Amoroso Lima que militou nesta área, na imprensa de 1919 a 1983, por 64 anos, constituindo uma obra qualificada por Elvo Clemente (1986, p. 15) como de “um valor monumental”. Num sentido desbravador, pretendemos ressaltar mais uma personalidade da crítica de imprensa: João Antônio Ferreira Filho.

Guardadas as devidas proporções e diferenças no sentido amplo e restrito entre as duas personalidades citadas, os artigos elaborados por João Antônio, em *Tribuna da Imprensa*, também devem ser considerados mais que *crítica de rodapé*. Observa-se, nessa sua produção, textos que, se preservados, tornar-se-ão exemplos significativos de seu exercício como jornalista e crítico, especialmente por se tratar de um material escrito no auge da maturidade literária do escritor, ou seja, nos últimos quatro anos de sua vida.

Dentre os 133 artigos, citam-se como exemplos os textos: n.º 84 - *Drummond e Vinícius: três visões do mistério*, n.º 15 - *As duas mortes do humor*, n.º 18 - *O carteador de palavras*, n.º 19 - *Um envelope repleto de intimidades* ou o n.º 30 - *Brasil: o país dos enjeitados*, que se configuram em manifestações de uma crítica a ser preservada e aprofundado o seu estudo, devido aos juízos críticos neles contidos.

Elvo Clemente (1986, p.18) afirma que, para a crítica elaborada para a imprensa, as coisas tornam-se mais fáceis: esta deve ser posta ao alcance do leitor de cultura média, porque o leitor repele o texto complicado. Sugere, inclusive, que a crítica universitária deveria seguir, em parte, os mesmos passos, ou seja, adaptar os programas de crítica (teoria e prática) ao nível cultural dos alunos.

Ary Quintella (1986, p.12), em seu artigo *João Antônio, o compromisso com o texto*, declara que “falar de João Antônio, pessoa humana, é falar de João Antônio, pessoa que escreve”, concluindo ser difícil distinguir as duas situações. Tal simbiose, homem/escritor, já flagrada em sua ficção, também é facilmente detectável em seus

textos críticos, escritos sem sentimentalismos, mas com profundo sentimento solidário pelo homem.

Porém, quando se diz, popularmente, que existe uma crítica universitária em oposição à crítica de jornal, há de se verificar que há uma tendência natural em se ignorar as distinções necessárias, bem como os objetivos e o lugar social da atividade crítica. O ideal seria o que Elvo Clemente (1986, p.14) denomina de “aspecto da complementariedade”: a imprensa divulgar o que a universidade produz; a universidade recolher os anseios dos leitores e reelaborar as suas teses para, de novo, serem levadas ao público pela imprensa.

No seu artigo *O outro saber*, Dirce Côrtes Riedel (1990, p.13) afirma que “a literatura de João Antônio é como uma universidade às avessas, cujo bom desempenho proporciona aos letrados” a oportunidade de aprender e apreender a realidade, vista pela ótica de uma literatura compromissada com a justiça e com a liberdade. Liberdade “que quer romper as fronteiras sociais fechadas...”, ou seja, João Antônio se aproximaria do *ideal* acima descrito, à medida em que trouxe para seus artigos, obras como *A vocação do prazer – A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*, *Murilo Mendes – poesia completa e prosa*, *Graciliano Ramos - O manifesto sobre o trágico*, *A literatura e o gozo impuro da comida*, *A pátria que o pariu*, entre outros.

Utilizando-nos desses pensamentos, aplicaremos essa realidade à atividade crítica do escritor, reafirmando o caráter de “universidade às avessas” também em sua crítica, já que, afinal, João Antônio não seguia métodos ou teorias preestabelecidas para compor seus artigos para jornal. Ao contrário, fez uso do vasto conhecimento que possuía, não apenas literário, mas em outras ciências, o que pode ser constatado em seus diferentes artigos. Apesar de seguir graficamente determinadas estruturas composicionais (no tocante ao conteúdo) a cada assunto diferente, revela-se um crítico centrado em um ponto de análise específico.

Podemos constatar os dois tipos de crítica no escritor. Temos um João Antônio que nos apresenta uma crítica que se enquadra perfeitamente na denominada “universitária”, em seu artigo *Corpo-a-corpo com a vida*, publicado em 1975, por exemplo, e também temos outros artigos que podem ser denominados “crítica de jornal”, como a maior parte dos que foram escritos para a *Tribuna Bis*.

Um dos fatores que permite firmar o valor crítico dos artigos de João Antônio é a ausência, em seus textos, da “ditadura dos modismos”, ou a não obediência às imposições do editor que, de acordo com Daniel Fresnot (1989, p.16), “é uma das

causas da pobreza de muita crítica que se faz atualmente”. De acordo com o próprio João Antônio, a obediência às imposições do editor – “seu dono e senhor” – leva o escritor a sentir-se como um repórter. Em *A lembrança de Néelson Cavaquinho passeia pelas ruas*, texto n.º 28, João Antônio identifica-se com Néelson Cavaquinho, afirmando que talvez o pecado do compositor tenha sido mesmo “um mau comportamento, uma dignidade humilde mas desassombrada com que buscava a liberdade”, liberdade de expressão e liberdade de produção.

Nesse primeiro estudo do material crítico produzido por João Antônio, especificamente o *corpus* aqui discutido – os artigos veiculados em *Tribuna da Imprensa* – torna-se difícil definir o tipo de crítica praticada pelo escritor nesse ou naquele artigo, e questionamo-nos se tal procedimento seria possível.

Sua obra foi objeto de discussão desde o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e Carlos Cunha (1979, p. 4), em seu artigo *Ô Copacabana!*, assim a define, ou melhor, tenta defini-la: “Crônica, romance, reportagem, novela? Tudo isso e nada disso ao mesmo tempo.”. Por extensão, a mesma dificuldade encontrada em se atribuir determinado gênero ou tipologia textual à ficção de João Antônio também é observada em seus artigos críticos.

Não é possível enquadrar ou associar os artigos do escritor a este ou àquele método crítico. De concreto, utilizando conceitos de Carlos Cunha (1979, p.4), mas na mão contrária, temos “o faro de uma longa experiência de repórter” sendo transposto para o papel pelas mãos de “um ficcionista do submundo”.

Poder-se-ia enquadrar a crítica elaborada pelo escritor em outra espécie de crítica, na denominada *impressionista*, apartando-se desta classificação o que há de negativo e seguindo a opinião de Caio Porfírio Carneiro (1976, p.3), que vê no escritor “o toque delicado do impressionista”. O próprio João Antônio mostrou simpatia por esse tipo de crítica. Podemos conferi-la na linha fina de seu artigo n.º 41, *Há 20 anos morria Agripino Grieco, nosso maior crítico impressionista*, e principalmente em seu conteúdo, acentuando a simpatia do escritor pela referida crítica e pelo crítico que a exerceu:

É possível que a morte de Agripino Grieco tenha sido a melhor resposta para a sua tímida indagação, ao abrir o debate sobre a importância da crítica impressionista, que ele exercia por vocação e sólido respaldo cultural, se a pusermos em confronto com as múltiplas tendências do criticismo moderno, muitas das quais extrapolam a própria finalidade crítica.

Uma análise mais aprofundada dos 133 artigos permite-nos afirmar que a crítica de João Antônio vai além de uma determinada definição que a enquadre simplesmente como *impressionista*, mesmo concordando, em parte com Afrânio Coutinho (1957), quando afirma que o impressionismo legou grandes páginas à história da crítica, compreendendo um estágio do desenvolvimento e da evolução da arte, encontrando páginas “soberbas de crítica” em pessoas com qualidades de “alma e temperamento mui especiais”, que possuem “observação genial, lampejo, muita sugestão inteligente”. Com algumas ressalvas, João Antônio até pode ser enquadrado nesta casta de “pessoas mui especiais”.

Vemos, no exercício crítico de João Antônio, uma mistura de crítica *impressionista*, *new criticism* e até características do método *naturalista crítico*, utilizando a terminologia de João Alexandre Barbosa (1984, p. 9), ressaltando que o naturalismo, em João Antônio, não é aquele que passa tudo por um microscópio ou que olha as coisas de fora, mas sim, como afirmou Lauro Machado Coelho (1981, p.5), trata-se de uma observação que vem de dentro, “com a ternura de quem sente em profundidade a maneira de ser, o jeito mais íntimo de suas personagens e por extensão das personalidades retratadas em seus artigos”.

O que se percebe de toda essa *mistura* é que a crítica de João Antônio vem de uma intensa prática literária que, conforme Fábio Lucas (1999), introduz-se “na margem ambivalente do conhecimento, alimentando ao mesmo tempo o pensamento sistemático e a apreensão sensível através dos nexos da afetividade”. Trata-se de um crítico que lia e relia, para escolher o máximo de potencialidade da obra ou do assunto a ser tratado. Procurava, através destas pré-leituras, aparelhar-se a fim de realizar as articulações intertextuais e extratextuais possíveis, nunca se eximindo da opinião de outros críticos sobre o que ou quem estava escrevendo.

Cada artigo preparado para a *Tribuna Bis* teve sua *gestação* registrada por João Antônio – leituras que fez, pesquisas, anotações, enfim, tudo de que havia lançado mão para chegar ao resultado final: o artigo a ser publicado. Era o crítico que tinha sua gênese no leitor – não aquele de leitura apenas prazerosa para acumular informações – mas no leitor e escritor no *corpo-a-corpo* com a vida, resumidos e imbricados em João Antônio.

Através dos conceitos formulados por Fábio Lucas (1987), afirmamos que, se o essencial na crítica é a capacidade de estabelecer relações, em João Antônio esse fator

está presente em todos os seus artigos, através dos comentários sobre diferentes artigos produzidos pelo escritor.

Os artigos da *Tribuna Bis* poderiam ser classificados como crítica de *review*? Se levarmos em conta que, no Brasil, a crítica tem sido exercida basicamente de duas maneiras, uma, como crítica no sentido estrito, em livros ou estudos, denominando-se “ensaio” e outra sob a forma militante, semanal, enciclopédica, na imprensa, em folhetins ou rodapés, denominando-se “crítica” e, se também observarmos os críticos que afirmam que a crítica de *review* reduz-se ao comentário marginal ou a propósito de livros, possuindo mais a natureza do *review*, sem mesmo chegar ao impressionismo, logo veremos que a resposta à pergunta inicial será negativa. Os textos, por si mesmos, evidenciam que os artigos elaborados por João Antônio não se tratam de simples *review*, não se trata de simples recensões, de informativos sobre livros, ligeiramente comentados.

Liba Beider (apud Dieguez, 1979, p.78) afirma que “a linguagem crítica da linguagem fundamenta-se como ciência da literatura justamente por não recusar um diálogo com a objetividade nem com o que contém de subjetivo”. Analisando os artigos de João Antônio, pode-se perceber que o escritor teve clara a noção de que fala Beider. João Antônio emprega uma linguagem toda sua em seus textos críticos; misturam-se ou fundem-se palavras do leitor/escritor culto a palavras do cotidiano, a gírias, adequando-se a linguagem à temática de cada texto.

Retomando o pensamento de Dirce Côrtes Riedel (1990, p.13) de que “a literatura de João Antônio é como uma universidade às avessas” e falando em crítica literária e, especialmente, em crítica produzida pelo escritor João Antônio, persistimos em afirmar que se torna complicado enquadrá-lo nesta ou naquela espécie de crítica.

Subsidiando-nos da definição de crítica elaborada por Lúcia Helena (1980, p. 10) em *A crítica, a arte e a história*, o que se constata, no referido escritor, é uma atividade crítica que se caracteriza como uma força ruptora, como “uma força transgressora dos automatismos a partir dos quais sobrevive a sociedade do ‘fazer’, do ‘ter’ e, principalmente, do ‘poder’”. João Antônio leu esta ruptura vertical e horizontalmente, sua leitura dialoga com a arte e o poético, diferenciando-se do mero falar sobre o poético, discorrer ao redor dele, ou detectar como ele se formaliza.

Não apenas como escritor, mas também assumindo o papel de crítico, João Antônio não se dobrou a modismos, a esquemas editoriais. Em seus artigos, percebe-se que ele possuía um compromisso com a *Tribuna Bis*, que era o de divulgar os

lançamentos efetuados principalmente pela editora Topbooks. Como exemplo, citam-se os textos n.º 5 - lançamento do livro de Franklin de Oliveira, *A Semana de Arte Moderna na contramão da história e outros ensaios*, n.º 24 - de Grande Othelo, *Bom dia, manhã*, n.º 46 - de Paulo Mercadante, *Graciliano Ramos – O Manifesto do trágico*, n.º 113 - de Assis Brasil, *Teoria e prática da crítica literária* e o n.º 127 - de Jacob Wassermann e tradução de Adonias Filho, *Kaspar Hauser*.

Contudo, João Antônio também divulga outros lançamentos, mesmo não sendo os realizados pela Topbooks. Divulga escritores “esquecidos”, que devem ser relidos ou lidos pela primeira vez. Refere-se à juventude, defendendo sempre a idéia de que o acesso à cultura não deveria se restringir somente à elite ou às universidades, afirmando que são necessários planos do governo aliado às editoras para a divulgação da literatura junto aos jovens.

Mesmo tendo como objetivo primeiro a divulgação ou resgate de determinada obra e/ou escritor, em função até do veículo através do qual foi transmitida a sua crítica, João Antônio mostra uma perspectiva contemporânea em seus artigos, pois o que se constata é que suas palavras críticas partem do texto em si, explicando-o, decifrando-o, compreendendo-o e recriando-o, à medida em que não reduz sua leitura somente à razão, mas também comportando as contradições e até mesmo a emoção.

Se pensarmos no exercício jornalístico de João Antônio, com o compromisso de elaborar um artigo semanal para publicação num determinado caderno cultural, poderíamos enquadrar o trabalho do escritor ao que Northrop Frye (1973) define como “crítica pública”, ou seja, o exercício feito por um resenhista em revistas, pequenos artigos de jornais, suplementos literários ou orelhas de livros. Novamente esbarramos na não-definição da crítica exercida por João Antônio, devido à leitura de seus artigos permitir refutar a inclusão do jornalista neste tipo de crítica. Alargando o alvo pretendido pelo escritor, a ficção, tocamos no seu exercício crítico e encontramos, nos seus artigos, o mesmo posicionamento frente a sua escrita. A consciência que o escritor possuía a respeito deste aspecto pode ser notada no prefácio de *Malhação do Judas Carioca*, quando ele afirma que:

...o escritor não pode partir com uma forma pronta. Ela será dada, exigida, imposta pelo próprio tema e com esse elemento de certa novidade, é possível admitir também que cada novo tema tratado jamais deixará de surpreender o escritor. O tema passa a flagrar o desconhecimento do escritor, uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada. (1975, p. 149)

Por outro lado, ainda utilizando Northrop Frye, não poderíamos atribuir a seus artigos a denominação de “crítica sistemática”, devido a João Antônio não se ajustar a um determinado estilo de crítica em voga. A crítica sistemática normalmente está impregnada de uma prosa difícil de ser entendida, baseada em modelos “importados” e que, por isso mesmo, nada ou pouco têm a ver com a nossa tradição literária. A esse respeito, Fábio Lucas afirma que “quem importa método, acaba também importando pensamento” (1984, p. 156). Em acordo com os dois críticos anteriores, Elvo Clemente (1986) declara que “não se deve aplicar indistintamente quaisquer métodos para quaisquer textos” e, neste aspecto, o crítico lança um desafio e um obstáculo à crítica, especialmente a universitária.

Marcadamente encontramos no exercício crítico de João Antônio a advertência feita por Northrop Frye (1973, p. 14):

... a primeira coisa que o crítico literário tem de fazer é ler literatura, para obter um levantamento indutivo de seu próprio campo e deixar seus princípios críticos se configurarem a si próprios apenas com o conhecimento desse campo...

Não seria possível listar todos os autores lidos pelo escritor, nem esse é o intento, uma vez que o índice onomástico foi elaborado também com esse intuito, mas ele próprio cita leituras de Tolstoi, Svevo, Musil, Dostoiévski, Gogol, Puskin, Gorki, O. Henry, Guy de Maupassant, Tchecov, Akutagawa, Camus. Leu também muitos dos escritores portugueses e, obviamente, dos autores brasileiros. João Antônio revelou que, com escritores da literatura russa, aprendeu “a grande lição: a preocupação com o homem”. No prefácio de *Malhação do Judas Carioca*, o escritor declarou que “desde Cervantes, Dostoiévski, Stendhal, Balzac, Zola, o universal sempre coube no particular pela captação e exposição da luta do homem e não de suas piruetas, cambalhotas, firulas e filigranas mentais.” (1975, p. 145).

Esse posicionamento do escritor também é constatado em seus ensaios críticos. Neles, os julgamentos partem de leituras aprofundadas e do conhecimento literal das obras e/ou escritores aos quais ele se refere, ressaltando-se que um procedimento comum do escritor/leitor assíduo foi o de anotar, em papéis anexados aos livros que leu, suas próprias observações referentes ao conteúdo que estava sendo lido, procedimento

comprovado através dos livros pertencentes à biblioteca pessoal do escritor que se encontram no *Acervo de João Antônio*, temporariamente cedido ao câmpus de Assis da Universidade Estadual Paulista.

Percebe-se que João Antônio, ao elaborar seus artigos, age profissionalmente e ciente de seu papel: constrói uma crítica para ser lida e entendida, mesmo por aqueles que não têm uma leitura prévia da obra a que ele se refere. Não raro, ele provoca, no leitor, a curiosidade em ler a obra. Como exemplo, citam-se os textos que divulgam o livro *Elesbão, o bleso*, de Carlos Menezes – n.º 119, *Desabrigo*, de Antônio Fraga – n.º 20, *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais – n.º 67, *Balé da utopia*, de Álvaro Caldas – n.º 47. Tal reação enquadra-se no que Elvo Clemente definiu como “mérito ou serventia da crítica” (1986, p.17).

Esse envolvimento do leitor com o texto de João Antônio é abordado por Ellen Spielmann (1999), em seu artigo *João Antônio em Berlim*, referindo-se ao campo ficcional do escritor. Por extensão, podemos atribuir os mesmos juízos elaborados pela escritora aos textos produzidos para jornal, especialmente nos exemplos citados no parágrafo anterior. Constata-se que João Antônio dialoga com seu leitor implícito e explícito. Transforma o leitor em seu cúmplice, numa atividade elaborada por um escritor não apenas engajado, mas na atividade “de um olhar antropológico”. Citamos o texto n.º 4, como exemplo, no qual, a certa altura de seu comentário crítico, João Antônio interpela o leitor: “... Com universalidade. Ou, filosoficamente, se preferirem...”.

Francisco Silveira Bueno (1942) postula, em seu artigo *A arte de escrever*, que o crítico deve ser “verdadeiro, documentado, imparcial, cortês e coerente”. No caso de João Antônio, o que se constata é um crítico aproximativo destes padrões, principalmente no tocante a seu texto ser e estar “documentado”, e ser “coerente” (apud Moura, 1986, p.8).

Na maioria das vezes, vamos encontrá-lo “imparcial”, mas sempre “cortês”, quando seu artigo se trata de obras e/ou escritores. Quando isso não ocorre, tem-se o profissional que expressa julgamentos como os que estão no texto n.º 31: “Não conheço ninguém que confesse dormir como um porco. Mas tenho tropeçado em calhordas e dorminhocos jurando dormirem como homens justos.” Aqui se expressa com clareza o profissional engajado que foi.

Conforme depoimentos de amigos, a cortesia é traço inerente à escrita de João Antônio. Ary Quintella, em entrevista, declara: “Curiosamente, nunca o ouvi reclamar

de ninguém, em termos pessoais, ou defender alguém, por mais idiota que esse alguém seja” (1986, p. 10). Alguns artigos da *Tribuna Bis* testificam o ponto de vista aqui abordado: *Presença incômoda e fecunda* – n.º 126, *A luz negra da solidão* – n.º 130, *A história dos deuses da bola* – n.º 86, *O samba agoniza mas não morre* – n.º 88, *Sob o tacho do obscurantismo* – n.º 89, *Um homem chamado Brasil* – n.º 97, *O inferno essencial à vida urbana* – n.º 101, *A grande dama do Encantado* – n.º 114, *Deixem falar. O Rio ainda é carioca* – n.º 34, *O inferno fica em Jacarepaguá* – n.º 39, *A dama procura um cavalheiro* – n.º 43, *A luta desigual do livro no Brasil* – n.º 55 e *A literatura não está correndo atrás da bola* – n.º 59.

Quanto ao adjetivo *cortês*, João Antônio mostrou-se um crítico “cortês” sem ser elogioso, cortês por se tratar de um escritor e, como tal, compreender a luta por se firmar na literatura e no meio literário que qualquer escritor enfrenta. Mas o que conta sobretudo em João Antônio e corrobora a qualidade de seus ensaios críticos ou crônicas é a sua cultura, seu talento, sua habilidade, imaginação e intuição adquiridos por um escritor que estreou já firmando o seu talento em 1963 e que continuaria escrevendo até sua morte, em 1996. Para nós, assumindo o julgamento de Francisco da Silveira Bueno (1942), a crítica para João Antônio foi “um ato de amor à verdade”, verdade que fala alto em todos os seus artigos, independentemente do tema que foi abordado ou do tipo de texto produzido.

Às vezes, a *imparcialidade* em João Antônio não é constatada devido ao compromisso cristalinamente assumido pelo escritor, não apenas na *Tribuna da Imprensa*, mas em outros suplementos onde trabalhou, como o *Suplemento literário Minas Gerais*, por exemplo. Seu compromisso foi o de defender *corpo-a-corpo* a profissionalização do escritor e, por extensão, defender escritores indubitavelmente profissionais, devido à qualidade literária de suas produções, mas autores que ainda não haviam atingindo a mídia, como a denúncia feita no texto n.º 93, *Comentários de um sobrevivente*, no qual João Antônio resgata, ainda que momentaneamente, escritores que permaneciam e/ou permanecem “esquecidos” ou que já contribuíram e continuam contribuindo para a formação da literatura.

Permeiam as páginas de seus artigos escritores que ficaram “esquecidos” até João Antônio resgatá-los em textos como o n.º 6 - *A palavra no país do desmazelo*, n.º 20 - *Estética pioneira ao relento*, n.º 23 - *Noel Rosa no ‘Brasil de tanga’*, n.º 30 - *Brasil: o país dos enfeitados* – sendo o adjetivo “enfeitado” resumo da situação em que

se encontram escritores do passado, à semelhança da realidade que foi denunciada no texto n.º 102 - *O homem que domou a Inquisição*.

Em seu artigo *A Crítica: resgate do humano*, Helena Parente Cunha (1980) defende que “a crítica é a leitura, em toda a extensão” e, citando Emmanuel Carneiro Leão, afirmou que, no que concerne ao significado etimológico, a crítica consiste em “‘separar para distinguir’ o que há de característico e constitutivo”. Assim, a crítica irá considerar a obra literária em suas várias dimensões e saberá “separar para distinguir” o fundamental do supérfluo (apud Cunha, 1980, p. 18).

Podemos, então, em conformidade com Helena Parente Cunha e Emmanuel Carneiro Leão, afirmar que a crítica desenvolvida por João Antônio na *Tribuna da Imprensa* evidencia o dinamismo do conhecimento que o escritor possuía tanto da literatura como da crítica literária. Podemos, a partir disso, situar essa crítica no terreno do possível, no âmbito do “infinito”, uma vez que possa haver tantas críticas quantas leituras da obra, sustentando-se cada uma destas críticas por sua substancialidade, em função deste mesmo aspecto infinito. Desta forma, nas palavras de Francisco Miguel de Moura, a literatura “finca suas raízes nas profundezas do incontrolável”, totalmente inacessível até mesmo “às mais sutis elucubrações mentais”, não podendo limitar e comprimir a sua inesgotável potencialidade dentro das previsões e das leis científicas (1986, p.8).

O que vemos, nos artigos da *Tribuna da Imprensa*, é um crítico ciente desse distanciamento que a crítica literária oferece. Vemos um crítico capaz de demonstrar seus conhecimentos literários, através de uma linguagem acessível e acordante com os temas que ele se propôs a discutir. A destreza no uso da linguagem, em João Antônio, não é só marca registrada de sua ficção, mas também de seus artigos e ensaios críticos. Temos, convivendo perfeitamente, a linguagem culta, especificamente literária, com a linguagem a qual denominamos “brasileira”. O próprio João Antônio afirma, em seus artigos, que não temos mais uma Língua Portuguesa, mas uma “língua brasileira”.

No que concerne à linguagem utilizada por João Antônio, vários textos da *Tribuna Bis* devem ser destacados, especialmente os de número 79, 87, 85, 92, 114. Como ilustração do que foi afirmado, transcreveremos excerto do texto n.º 108, *Popular e sofisticado a um só tempo*:

... sejam damas autoritárias, feiticeiros falsos, pilantras, mandriões ou barregãs, religiosos tarados, maridinhos anulados, traídos ou pascácios, cortesãos aproveitadores ou insípidos, doutores de fachada...

Também merece destaque o texto n.º 25, *O choro chorado do Garoto de ouro*, no qual temos, como afirma Fábio Lucas (1999, p.89), “a combinação perfeita do popular com o refinamento”:

...todo fascínio na sua malícia, rápido na denguiça, aparentemente simples, faz uma curva e se sofisticada, é desconcertante e mequetrefe, esse filho dos quilombos que sempre ganha a maioria dos corações e alma nossos.

Antonio Candido, em seu artigo *Na noite enxovalhada* (1999, p. 84-5 et passim), afirma que João Antônio foi capaz de criar linguagem a partir da que se fala no dia-a-dia, mas isso não significa que o escritor escrevia como falava, basta observar a linguagem empregada em seus artigos para se verificar o que Candido declara. Na avaliação do crítico, João Antônio possuía:

... a coragem tranqüila de elaborar a irregularidade, aceitando os caprichos da conversa, as hesitações, as repetições, as violações do “bom-gosto” convencional, que contradizem os manuais de escrever bem, mas aumentam o alcance da expressão, porque aproximam da naturalidade.

Encontramos no escritor uma linguagem tocando o lirismo, em textos como *Mário Quintana oitentão: um anjo irônico em forma de homem* - n.º 21, em *A solidão a um, a dois, a muitos* – n.º 61, em *A solitária e jovem estrela negra* – n.º 71 ou ainda em *Perdas e flores na virada do ano* – n.º 83. São assuntos que aparentemente se referem ao exterior, contudo a sensibilidade do escritor e a sutileza de sua argumentação mostram-nos o lado de dentro, o sensível que, em artigos como os acima citados, toca o lirismo, revelando ao leitor carinho, ironia, desafio.

Ainda referente a esse aspecto da linguagem que toca o lirismo, acrescentamos julgamento de Fábio Lucas, em *Reflexões sobre a prosa de João Antônio*, vindo corroborar os apontamentos aqui explicitados: “Em tudo se nota a alternância entre a percepção suave do lirismo e a visão iracunda do profeta.” (1999, p.103), como atestam os textos 103, 4, 16 e 76 (os três últimos abordam a figura de Lima Barreto). Ou também, como afirmou Fernando Paixão, em *As coisas simples de João Antônio*: “...o leitor compartilha com a intimidade sensorial do escritor”, cujo texto retira “do resvalado semântico um efeito de permanência poética” (1999, p. 68). Somemos estas

considerações às de Nelly Novaes Coelho, registradas em seu artigo *Malagueta, Perus e Bacanaço*: “João Antônio é o poeta que ‘olha devagar’ para os seus irmãos e para o mundo e vê muito além dos simples contornos exteriores...”. (1968, p. 7).

O lirismo que apontamos é uma das razões pelas quais o adjetivo *cronista* pode ser aplicado também a João Antônio, que em suas próprias palavras, intitulou-se “este cronista”, em textos como o n.º 85, *Um gringo apaixonado pelo Rio*. Além disso, podemos concordar com a ascendência ilustre de escritores/cronistas elaborada por Campomizzi Filho (1976), em seu artigo *Malhação do Judas Carioca*, que principia com Manoel Antônio de Almeida e culmina em João Antônio. Até mesmo a *Tribuna da Imprensa* denomina “crônicas” a seus textos.

Campomizzi Filho afirma que nada falta ao escritor para ser um cronista, tanto na ficção como em suas reportagens. João Antônio situa problemas, revela aspectos, liga personagens no tempo e no espaço, tudo “com argúcia e entusiasmo”, com domínio da língua, revelando-nos, através deste instrumento, a alma de personagens como Gabreno da Rocha dos textos n.º 31 e n.º 104, da empregada doméstica Anara Rita de Jesus do texto n.º 39, do encanador Alcebíades, morador da Cidade de Deus do texto n.º 26, do botequineiro português de Cascadura do texto n.º 90 ou do guarda-vidas do texto n.º 92.

Se fosse possível compactar todas essas crônicas numa só expressão, seria na criada por Lima Barreto, em *Clara dos Anjos*: “o subúrbio é o refúgio dos infelizes”; expressão várias vezes utilizada por João Antônio em seus artigos.

No tocante ao aspecto do cronista, Antônio Arnoni Prado (1999, p. 152), em *Lima Barreto personagem de João Antônio*, aponta características que se podem verificar em textos como: n.º 31 - *O grito dos guerreiros loucos*, n.º 104 - *Lima Barreto, o urubu e outros bichos*, texto n.º 39 - *O inferno fica em Jacarepaguá* e o n.º 90 - *A falsa alegria de um povo*, crônicas elaboradas por João Antônio, na *Tribuna Bis*:

No traço da crônica de Lima Barreto, João Antônio descobre um tratamento melancólico do subúrbio e, neste, o sarcasmo sempre pronto a atizar a crueza da luta de classes para pôr em evidência a sobrevivência difícil dos destituídos, esquadrihados a fundo nas galerias da miséria.

Em contrapartida, temos um João Antônio utilizando agressivamente a língua, com o intuito de tentar revelar seus pensamentos e julgamentos referentes ao assunto de que está tratando, desafiando o leitor a uma posição engajada como a assumida por ele.

Tais aspectos podem ser verificados em textos como *Noel Rosa no 'Brasil de tanga'* – n.º 23, *Brasil: o país dos enfeitados* – n.º 30, *Pensamentos fugidos das baionetas* – n.º 98, *Rio: a arrepiante república da violência* – n.º 68, *Sob o tacão do obscurantismo* – n.º 89, *A terra dos otários, malandros e ricos* – n.º 95 ou todas as vezes em que se refere ao tratamento dispensado ao escritor Lima Barreto, especialmente no texto n.º 76, *Lima Barreto, presença incômoda*.

Para João Alexandre Barbosa (1984, p.7), a leitura é o fundamento da crítica e, por isso, a crítica tem que assumir uma multiplicidade de perspectivas correlatas às modificações impostas pela diversidade das obras literárias. À medida em que a leitura passa a existir sob o signo da pluralidade, por força da diversificação dos textos, a crítica percorre necessariamente o caminho do pluralismo. É esse pluralismo que encontramos no João Antônio crítico e/ou cronista, pluralismo vindo das inúmeras leituras feitas por João Antônio – leituras de livros e de vida, de ambientes e pessoas – tanto no aspecto temático como no lingüístico.

Em textos como *Mãe em prosa e verso* – n.º 50, em que o articulista delinea a figura da mãe, temos um escritor que trata de um tema liricamente definido, utilizando textos de Paul Verlaine, Mauro Mota, Manuel Bandeira, Augusto dos Anjos, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt. Ou, ainda, no texto n.º 130, *A luz negra da solidão*, no qual João Antônio se vale de pensamentos de escritores brasileiros e estrangeiros para definir o tema universal da solidão. Textos como estes aqui citados atestam o caminho do “pluralismo” percorrido pelo crítico João Antônio.

Em outros textos, temos uma linguagem próxima da realidade do povo ao qual o escritor estava se referindo, num “gingado” – vocábulo que João Antônio gostava de utilizar – da palavra, das gírias, da “linguagem brasileira” (expressão também utilizada por ele) que só o escritor possui. Esta linguagem pode ser constatada especialmente nos textos dedicados à música popular (com a qual possuía uma forte ligação), nos artigos dedicados ao futebol ou a personalidades que, nas palavras de João Antônio, além de estarem esquecidas, não tiveram nem têm seu talento devidamente reconhecido em vida.

Destes artigos, destacamos o texto n.º 25, *O choro chorado do Garoto de ouro*, no qual o escritor aborda o chorinho, tipo de música pelo qual tinha paixão desde a infância. Há, ainda, o texto n.º 28, *A lembrança de Nelson Cavaquinho passeia pelas ruas da cidade*, ou o texto n.º 48, *Agora é que o bicho está pegando*, o texto n.º 51, *Zicartola, o templo do samba* e o texto n.º 88, *O samba agoniza mas não morre*. Neste

último, em especial, encontramos a fusão da linguagem sonora e “malandra” do escritor com o vocabulário culto do homem estudioso e pesquisador. Como ilustração, segue-se trecho:

Um descalabro. Todo este estrago e muito mais. Mas a raiz parece forte, de tempera. E mesmo desvirtuado, comercializado, vendável e vendido, prostituído, desdobrável, descartável, turistizado ou para exportação, o Carnaval

Sobre a linguagem empregada por João Antônio, em seus artigos, ainda vale destacar apontamentos críticos extraídos de *As coisas simples de João Antônio*, mostrando que todos os aspectos do texto de João Antônio vêm costurados por uma construção sintática peculiar não só à ficção, mas aos outros textos do escritor, construção assim explicada por Fernando Paixão (1999, p. 67-8):

A maneira da montagem de recortes, as frases se sucedem por superposições. Dispensando as coordenadas explícitas de espaço e tempo, a situação emerge delineada por uma eleição de fragmentos vários, ângulos de uma realidade fisgada por atenção às coisas ... A frase curta, compassada pelo uso preciso de adjetivos, busca dar conta do tramado do texto.

Retomando Ary Quintella, ele também explora o aspecto da linguagem em João Antônio e afirma que “devido ao ritmo das palavras, linhas e blocos, às aliterações, a impressão que temos é a de estar lendo poesia em prosa...” (1986, p. 10). Confirmando as palavras de Quintella, citam-se excertos do texto n.º 54 – *Faulkner, o mestre da fúria e do som*: “É gigante. Influencia, bate fundo e sempre, vai ao osso ... a esperança é uma nesga. E só. O mais é loa. William Faulkner sabe disso.” Ou do texto n.º 78 – *O inferno poético de um gênio*, sobre Rimbaud: “...é um criador de beleza poética que estronda e de ecos perduráveis...” Ou ainda o texto n.º 80 – *Uma estrela no Beco das Garrafas*, sobre Tom Jobim: “Agora, a duas semanas de abrir o verão, o ‘garoto de Ipanema’ toca sua última nota. Uma nota triste...”. Por último, o texto n.º 119 - *Carlos Menezes está de volta*, ao se referir a Carlos Menezes: “... ele é de uma humildade franciscana e de uma paciência beneditina...”.

Para Antonio Candido, João Antônio tira a palavra da sua função meramente comunicativa e a traz para dentro da literatura: “tratava-se de um escritor culto que usava a sua cultura para diminuir as distâncias entre os homens, irmanando a sua voz à

dos marginais” (1999, p. 86-7). Deve-se entender aqui não só os chamados “marginais”, na forma depreciativa, mas aqueles que estão à margem, por isso foram e são marginalizados, como Alcebíades, do texto n.º 26. João Antônio esqueceu o sobrenome de Alcebíades? E sobrenome para quê? – apenas o Alcebíades, “o encanador que ama a Rocinha”, que precisa entupir com creolina todos os buracos de seu barraco, na Cidade de Deus, devido ao fedor do local, para conseguir comer.

João Antônio coleta situações do imediato do mundo e as apresenta com um vocabulário culto de um escritor que além de tudo foi um cidadão, um ser humano, atento a tudo o que ocorria à sua volta, sensibilidade esta que encantou seus amigos desde o primeiro contato, conforme declaram, por exemplo, Ilka B. Laurito e Caio Porfírio Carneiro. Trata-se de uma sensibilidade realista que permite ao escritor compor crônicas como o texto n.º 90 – *A falsa alegria de um povo*, ou o texto n.º 92 – *O charme do príncipe das marés*, por exemplo.

2.3. Descrição dos textos da *Tribuna Bis*

Três foram os procedimentos que nortearam nossa pesquisa. O primeiro foi o de organizar o material, ler todos os textos da *Tribuna Bis* e descrevê-los um a um. Além da leitura de livros sobre a crítica em jornal e, em especial, a crítica de rodapé, foram pesquisados e estudados artigos de e sobre João Antônio, no período de 1963 (data da primeira publicação do escritor) até 1996 (ano de sua morte). Tais pesquisas se centralizaram sobretudo nos periódicos *Suplemento literário Minas Gerais*, *D.O. Leitura*, *Tempo brasileiro*, *Remate de males*, *Uniletras*, *Proleitura*, *Leitura*, *Letras de hoje*, *Colóquio/Letras*, entre outras, em busca de textos que pudessem fundamentar nossa reflexão sobre o processo crítico do escritor durante quase quatro anos.

Entre os 133 textos publicados por João Antônio, há 11 entrevistas com diversos autores; 5 artigos sobre contos; 38 reportagens sobre assuntos diversos; 5 reportagens sobre poesia; 4 sobre crônicas; 3 sobre ensaios; 7 sobre crítica literária e teoria; uma reportagem sobre uma tese de doutorado; 26 reportagens sobre escritores e/ou obras diversas da literatura brasileira; 2 reportagens sobre romance; 10 sobre escritores e/ou obras estrangeiras; 13 sobre música e/ou músicos; 3 sobre cinema e 7 sobre futebol.

Os artigos objetivam, na sua maioria, a divulgação de obras editadas ou relançadas em especial pela Topbooks, e por consequência, destacar os respectivos autores.

Apresentam-se de maneira padronizada quanto à diagramação. O título, sempre inteligente e marcante, vem em negrito e em letras maiores, merecendo destaque devido à linguagem e/ou à simbologia que João Antônio neles emprega, evidenciando o aspecto “poético” de que se falou anteriormente. Como ilustração, citam-se os títulos dos textos: n.º 13 – *Uma rajada de talento e aflição*, ao referir-se a Guy de Maupassant, n.º 49 – *Caymmi, oitentão, na força da doçura*, n.º 54 – *Faulkner, o mestre da fúria e do som*, n.º 58 – *Jaguar, o pistoleiro do entardecer*, n.º 79 – *Dalton exporta a pálida lua dos vampiros*, n.º 83 – *Perdas e flores na virada do ano*, n.º 87 – *O ilimitado e divino demônio*, referindo-se a Machado de Assis, n.º 92 – *O charme do príncipe das marés*, referindo-se à figura do guarda-vidas e o n.º 118 – *Canto de amor pleno e permanente*, divulgando “Petrucha”, de Albertus Marques.

Em *João Antônio – um incrível banho de humanidade*, entrevista concedida a Lurdes Gonçalves, o articulista discorre a respeito dos títulos de suas obras:

Meus títulos têm de ter a minha marca. São muito buscados. Sofro e bem, batalho muito com todos eles. Tenho manias, claro. Não admito os artigos definidos: O, A, OS, AS. Isso é proibido para mim ... O título tem de ter musicalidade, força poética, garra, impacto, uma fundura emocional. Uma cara, uma fisionomia original e nunca repetida. E inspirar amor, num clima de flerte, de namoro. Assim os títulos devem ser: sensuais, marotos, cheios de picardia, de intenções. (apud Gonçalves, 1983, p.3)

Através de seus artigos, vemos João Antônio preocupado em fixar personalidades que deram ou ainda estão dando à cultura brasileira traços característicos, enfatizando representantes da música popular, compositores como Ciro Monteiro, Lupicínio Rodrigues, Sílvio Caldas, Cartola, Aníbal Sardinha, Tinhorão, Caymmi. Intérpretes como Aracy de Almeida, Dolores Duran. Atores como Grande Othelo. Romancistas como Antônio Fraga, Jason Tércio, Álvaro Caldas, Ivo Barroso, Néelson Corrêa Vasconcelos, Carlos Menezes. Poetas como Moacyr Félix, Heitor Saldanha, Luís Bacelar. Críticos como Agripino Grieco, Franklin de Oliveira, Wilson Martins. Jogadores de futebol como Garrincha, Ponce de Leon, Heleno, Gérson, Almir, Domingos da Guia. Caricaturistas como Nair de Teffé, Trimano, Nássara, Jaguar. Cineastas como Glauber Rocha, Mário Peixoto. Cronistas como João do Rio, Manoel

Alcântara Machado. Colunistas como Maneco Müller ou escritores de literatura de cordel, apenas para citar alguns nomes.

Outros títulos revelam a linguagem rápida, direta e dinâmica, característica de João Antônio, que centraliza, em uma ou poucas palavras, a idéia de todo um texto. Exemplificamos com os títulos dos textos: n.º 2 – *Cristóvão Nonato Colombo no país da mentiralhada*, n.º 5 – *Um intelectual ‘vara de marmelo’* (ao se referir a Franklin de Oliveira), n.º 6 – *A palavra no país do desmazelo* (no qual João Antônio critica a ausência de memória do brasileiro), n.º 8 – *Restos de um inverno em Berlim com muro e tudo*, n.º 10 – *Sem revolta e sem vergonha* (referindo-se a Alberto Moravia), n.º 53 – *As outras leis de Gérson, o campeão*, n.º 93 – *Comentários de um sobrevivente* (em que fala do escritor Néelson Corrêa Vasconcelos), n.º 94 – *Eles só pensam naquilo* (artigo que fala sobre a presença do erotismo na literatura brasileira), n.º 97 – *Um homem chamado Brasil* (referindo-se a Monteiro Lobato), n.º 102 – *O homem que domou a Inquisição* (divulgando o livro *O primeiro brasileiro*, de Gilberto Vilar), n.º 105 – *Um santo com cara de bandido* (falando de Néelson Rodrigues) e n.º 126 – *Presença incômoda e fecunda* (destacando a figura de Lima Barreto).

Na seqüência da diagramação, os artigos trazem o que a nomenclatura jornalística denomina *linha fina*, que, às vezes, vem acima ou abaixo do título. Merecem destaque algumas linhas finas como as dos textos: n.º 20: *Morre no Rio, esquecido pela ‘intelligentzia’, o autor de ‘Desabrigo’*; n.º 25: *Há 38 anos morria o ‘pioneiro dos pioneiros’ da música popular do Brasil*; n.º 31: *O futebol no Brasil funciona como divã de psicanálise nos estádios e ruas*; n.º 68: *O lixo humano na literatura e na arte é muito mais velho do que se pensa*; n.º 76: *Desprezado na época, o reformador do romance moderno brasileiro continua esquecido*; n.º 88: *O Carnaval varou a história do mundo para se acabar no Brasil em fevereiro*; n.º 96: *O ‘metralhadora’ Leo Gilson Ribeiro derruba meio mundo em entrevista exclusiva*; n.º 107: *Cronista morreu de viver e muito cedo, sem alarde, aos 40 anos*, referindo-se a João do Rio; n.º 116: *As mil facetas de uma unanimidade nacional que nasceu na Rua da Esperança*, referindo-se a Nássara, o caricaturista.

Outro recurso jornalístico utilizado é a *retranca*, que vem logo abaixo da *linha fina*. Percebe-se um grau crescente e depois decrescente quanto ao uso deste recurso. Nos textos compostos no ano de 1993, a *retranca* foi utilizada apenas em alguns artigos. Em alguns casos, ela funciona como uma espécie de resumo do texto integral, como é o caso dos textos de número 4, 11 e 16, que, nada tendo de coincidência, versam sobre o

escritor Lima Barreto. Nos textos elaborados durante o ano de 1994 – ano em que João Antônio produziu mais na *Tribuna Bis* – as retrancas são mais freqüentes e extensas. Os artigos produzidos em 1995 não apresentam retrancas, com exceção para os textos n.º 107 - sobre João do Rio, n.º 110 - sobre a poesia contemporânea e o n.º 115 - sobre *Cristal*, romance de Wilson Bueno. Nos artigos escritos em 1996, João Antônio dispensou o uso da retranca.

Observando-se o conteúdo das retrancas, nota-se um escritor crítico, externando reflexões profundas sobre os temas abordados. Citamos como exemplo os textos n.º 34, 35, 49, 51, 53, 72, 101, 107, 109 e 112. Um outro recurso característico de boa parte dos artigos, presente sempre no final da página impressa e em destaque, é o uso do *box*, no qual João Antônio transcreve dados biográficos ou bibliográficos dos escritores a quem se referia. Frequentemente, o escritor faz uso desse recurso, mostrando, neste procedimento, um comportamento jornalístico clássico, visto que manuais como *Novo Manual da Redação*, da Folha de S. Paulo, não aconselham o uso desta palavra, adjetivando-o de “jargão popular”, provavelmente devido a este manual objetivar um público específico: os jornalistas.

A ilustração e a montagem dos artigos mostram-se interessantes e significativas, merecendo comentários. Por isso mesmo, algumas ilustrações, inclusive, foram mencionadas no capítulo das resenhas dos 133 artigos da *Tribuna Bis*. Diversos textos podem servir como exemplo: números 15, 58, 68, 83, 84, 90, 93, 94, 95, 102, 104 e 114. Na maioria das vezes, Henrique Estevão, através de seus desenhos, ilustra os artigos do escritor. Outros, ainda, foram ilustrados por Oliveira, outros, com fotos e/ou caricaturas. Comentaremos a ilustração do texto n.º 15, *As duas mortes do humor*, dedicado a Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, por ocasião da morte do cronista, ilustrado por três fotos de Sérgio Porto, fotos idênticas, refletindo a perda de três “personalidades”: Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta e o escritor – ele mesmo, pessoa, cidadão.

O artigo n.º 84, *Drummond e Vinícius: três visões do mistério*, tem uma montagem artisticamente elaborada. À esquerda, temos a foto de Carlos Drummond de Andrade e poemas do poeta que explicam, de forma metalingüística, o que ele pensa sobre poesia. À esquerda, foto de Vinícius de Moraes, e poemas de sua autoria, também metalingüísticos, evidenciando o que o poeta pensa sobre poesia. E a terceira visão? No centro da página, a “visão” de João Antônio sobre poesia, não uma visão pessoal ou subjetiva, mas fundamentada na trajetória literária, temporal e espacial deste gênero que, para muitos, é um “mistério”.

Em *O homem que domou a Inquisição*, artigo n.º 102, a ilustração assinada por Oliveira consegue sintetizar todo o enredo do livro *O primeiro brasileiro*, de Gilberto Vilar: como um pano de fundo, temos a imagem vazada do protagonista, Bento Teixeira. Vindo do fundo, num plano mais à frente, o espaço onde ocorreram os fatos. Mais à frente, personagens envolvidos com o protagonista e personagens da Inquisição, no centro, a fogueira e, em primeiro plano, os livros onde se registravam os processos que condenavam ou absolviam, o veredicto: a morte ou a vida, mesmo que anulada devido ao estigma do preconceito. Quem ler o livro de Gilberto Vilar certamente poderá perceber a síntese da obra através da ilustração, assinada por Oliveira.

Em João Antônio, todos os detalhes, quaisquer que sejam, contribuem para o todo de seus artigos. No texto n.º 26, por exemplo, *O encanador que ama a Rocinha*, temos associados todos os elementos: linha fina, ilustração, uma estátua, uma foto flagrando a enchente e o texto do escritor dividido em pequenos blocos, com subtítulos críticos e irônicos, tudo contribuindo para transformar o assunto do artigo num todo, tendo como recurso maior o próprio texto, evidentemente.

Através de conceito do crítico Dwight Macdonald e colocado em prática por Gay Talese, Duílio Gomes elegeu João Antônio como um dos representantes do parajornalismo no Brasil:

O escritor absorveu a atmosfera, cenário, conflito e tensão da coisa a ser reportada, colocou o seu ponto de vista, ou emprestando imaginação criadora, ou permanecendo como observador imparcial. (apud Gomes, 1976, p.3)

João Antônio (apud Hollanda, 1979-80, p.62) refere-se ao parajornalismo como um trabalho através do qual se “poderia lançar muita luz sobre a compreensão de vários de nossos problemas, principalmente sociais, comunitários etc.”.

O *parajornalismo* é refletido também na intertextualidade, acentuadamente presente na ficção de João Antônio e que se faz notória também em seus artigos, podendo ser inicialmente comprovada através do índice onomástico resultante dos 133 artigos publicados na *Tribuna Bis*. Na realidade, é um pouco confuso afirmar de onde vem e para onde vai a intertextualidade em João Antônio. Parece-nos que ela transita em mão dupla, indo e vindo: o escritor colaborando com o jornalista e as imagens adquiridas neste ofício sendo transferidas para a sua ficção. A impressão que se tem é que o escritor preparou o jornalista e este contribuiu com o escritor, através de uma linguagem “malandra”, filtrada pela clareza da linguagem jornalística.

É comum constatar a presença de pessoas conhecidas ou queridas de João Antônio que se tornaram suas personagens e/ou assunto de seus artigos, numa intertextualidade entre pessoas/personagens. Artigos foram dedicados a personalidades caras a João Antônio, como o texto n.º 105, dedicado a Nélson Rodrigues, que figura como personagem no conto *Fera*. O texto n.º 28 foi dedicado a Nélson Cavaquinho, os de n.º 4 e 23, a Noel Rosa e o n.º 19, a Sérgio Milliet, os quais, entre outros, permeiam as páginas de *Casa de Loucos*. Os textos de n.º 4, 16, 76 e 104 foram dedicados exclusivamente a Lima Barreto, que é o protagonista do seu livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

Nélson Cavaquinho, denominado o “Proust do samba” por João Antônio, resplandece à luz da simpatia do escritor, ou, conforme Fábio Lucas, a “caminhar eternamente na linha divisória entre o sublime e o ridículo”. Noel Rosa, por sua vez, é retratado contra a corrente de lendas e mistificações e inverdades produzidas sob o prisma de “interpretação incoerente”, aspecto discutido por João Antônio no texto n.º 4, intitulado *Lima Barreto e Noel Rosa: dois cronistas desconcertantes*. Neste texto, há uma voz a questionar a fronteira entre a sanidade e a loucura.

Noel Rosa, ainda nas palavras de Fábio Lucas, é visto como um “captador da essência do Rio e seu povo, em golpes intuitivos de síntese e espontaneidade e irreverência” (1999, p. 102). Esta mesma definição de comportamento que Fábio Lucas atribuiu a Noel Rosa pode ser estendida ao cronista João Antônio: personagem e crítico com comportamentos, idéias e ideais afins, refletidos em crônicas como as dos textos n.º 4, 23, 28, 30, 34, 53, 64, 114 e 130, escritos por João Antônio, para a *Tribuna da Imprensa*.

A intertextualidade não ocorre somente entre pessoas reais/personagens, mas também a nível lingüístico. O futebol foi uma das paixões de João Antônio, assunto que figura inclusive como título de contos seus, como *Sufoco*, que faz parte de *Malhação do Judas Carioca*. Fábio Lucas observa que: “A finura de análise se mostra vívida, tanto quando observa jogadores de futebol na glória”, como em *Raul, meu amor*, ou em *Almir, o guerrilheiro Pernambuquinho*, ou em Rivelino, “quanto quando escreve o desajuste do craque com a máquina de produzir espetáculos”, como ocorreu com Almir, Garrincha, Heleno, Gérson ou Ponce de Leon, que acabou como lavador de carros e morreu como indigente. Tal observação crítica pode ser constatada em textos como os de n.º 37, 56, 59, 60, 63 e 86. A referida intertextualidade pode ser verificada também

através do texto n.º 60 - *Almir, o guerreiro Pernambuquinho*, cujo assunto é o futebol, e com excertos presentes também em *Casa de Loucos*:

O futebol atua como uma espécie de arroz-e-feijão obrigatório até nas mesas dos ricos, ele que é feito em todo e qualquer imaginável campo para movimento de uma bola, desde os campinhos suburbanos, as praias e os estádios – que, sem exorbitar na ironia, chegam a ser o maior monumento de várias cidades brasileiras - , passando por corredores apertados de apartamento, entradas de edifícios, calçadas, jardins.

Ao se referir a Mário Quintana, no artigo n.º 21, João Antônio parodia a expressão de Machado de Assis, *Menino, o pai do homem*, empregando o subtítulo *Criança: pai do homem*, que se ajusta perfeitamente ao retrato de Mário Quintana, traçado por João Antônio e fixando a personalidade de Quintana: homem com alma de criança, “um poeta passarinho”, como o definiu o escritor.

No artigo n.º 16, *Lima Barreto, o porta-voz dos oprimidos*, João Antônio retira trechos das obras de Lima Barreto para que, pela escrita barretiana, fosse elaborado o perfil do escritor da primeira República. Tal processo também foi utilizado na sua ficção, em *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, livro de João Antônio que trata do itinerante Lima Barreto e de sua trajetória como cidadão e escritor.

Em outros casos, temos poemas, letras de música, pensamentos, excertos de obras, desenhos, definindo o assunto tratado por João Antônio, como o artigo n.º 18, *O carteador das palavras*, no qual o escritor utilizou versos do próprio Mário de Andrade, objetivando chegar à definição que queria dar ao poeta. No artigo n.º 130, *A luz negra da solidão*, ou o de n.º 61, *A solidão a um, a dois, a muitos*, em que trata do assunto solidão, utiliza excertos de Drummond, Proust, Quintana, Omar Kháyyam, Graciliano Ramos, Vauvenargues, Imre Madách, Samuel Beckett, Lima Barreto, Akira Kurosawa, Néilson Cavaquinho, Dalton Trevisan, entre outros, apenas ilustrando a versatilidade na escolha dos excertos.

O mesmo processo aparece marcadamente em outros textos, como o de n.º 56, *A poesia é mais que necessária* e o de n.º 50, *Mãe em prosa e verso*, por exemplo. Tornou-se procedimento comum transcrever-se, à direita da ilustração de cada artigo, pensamentos, máximas, poesias, letras de música ou comentários críticos de outros

escritores, no intuito de definir a personalidade que está sendo comentada no respectivo texto.

A intertextualidade novamente ocorre no campo da crítica: João Antônio não apresenta uma personalidade sequer sem que subsidie e fundamente seu texto crítico em opiniões elaboradas anteriormente por outros críticos, notadamente nos já consagrados no meio literário. Todos os artigos são exemplos desse procedimento, mas, sem preferências, daremos destaque ao texto n.º 20, *Estética pioneira ao relento*. Nele, João Antônio refere-se a Antônio Fraga e, para corroborar seus apontamentos críticos, transcreve depoimentos de Antônio Callado, Oswald de Andrade, Celso Cunha, Hélio Rocha e Adriano da Gama Kury sobre Antônio Fraga, observando que são depoimentos de pessoas que exercem atividades diversas umas das outras, como o filólogo Adriano da Gama Kury, por exemplo.

Para falar de Vinícius de Moraes, João Antônio vale-se, no texto n.º 22, das palavras críticas de Sérgio Milliet, Rosário Fusco, Mário da Silva Brito, associando a generosidade inerente ao poeta a personalidades como Pixinguinha e Garrincha. No texto n.º 41, *O sarcasmo de um diabo jovial*, o escritor utiliza apontamentos críticos de Antonio Callado, Otávio Malta e Hélio Silva para referir-se ao crítico Agripino Grieco, aproveitando-se também de pensamentos do próprio Grieco para se referir a outros críticos contemporâneos a Grieco, como Sílvio Romero, Alceu Amoroso Lima. No artigo n.º 62, *Para não ter que acabar dançando um tango argentino*, para subsidiar seus apontamentos sobre Flávio Moreira, João Antônio utiliza comentários críticos de treze críticos e/ou escritores diferentes.

Ao se referir a determinado escritor da literatura brasileira ou estrangeira, João Antônio freqüentemente efetua uma intertextualidade também entre os escritores, estabelecendo ligações, influências, confluências ou aspectos conflitantes entre os mesmos, não apenas tecendo comentários, mas se utilizando de excertos os quais incorpora ao seu discurso no decorrer da escrita de cada artigo. Os exemplos são muitos, contudo citaremos apenas alguns detalhes como em *Uma rajada de talento e aflição*, texto n.º 13, no qual João Antônio refere-se a Guy de Maupassant, estabelecendo influências entre ele e Gustave Flaubert, ou apresentando-o como dissidente da escola de Émile Zola.

No texto n.º 14, ao se referir à tese de doutorado de Rosa Maria Barbosa de Araújo que posteriormente foi lançada em livro, João Antônio estabelece relações da prosa da escritora com a prosa de João do Rio, Lima Barreto e de Luís Edmundo. Ou,

ainda, no texto n.º 23, em que associa a multiplicidade criativa de Noel Rosa a um Shakespeare brasileiro. O texto n.º 127 também merece destaque: nele, João Antônio refere-se à figura lendária de Kaspar Hauser, estabelecendo relações entre o caso jurídico, o filme, um poema e o livro de Jacob Wassermann.

Em João Antônio, há também a presença da intertextualidade de artigo para artigo, como no texto n.º 25, em que o escritor aborda a figura de Aníbal Augusto Sardinha, o “Garoto de ouro”, estabelecendo a intertextualidade com o texto n.º 92, no qual se refere à figura do guarda-vidas, quando refere-se à sedução desconcertante de um tipo que evidencia a mestiçagem brasileira e que “faz corações solitários ou mulheres badaladas” tremerem de emoção.

Outro aspecto que não pode deixar de ser discutido e que salta aos olhos nos textos é a presença constante de Lima Barreto, notadamente em 33 artigos compostos por João Antônio, que não escondeu em seu coração uma quase obsessão pela figura desse autor, culminando nas páginas de *Calvário e Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Antonio Candido (1999, p.85), em *Na noite enxovalhada*, registra:

... tratando-se de João Antônio, é quase inevitável evocar Lima Barreto, um de seus prediletos, inclusive pela capacidade de desmistificação e a coragem de remar contra a maré. Lima Barreto, num momento de apogeu da mentalidade acadêmica e da mania de purismo gramatical, destoou graças à livre simplicidade da sua escrita... João Antônio assume a mesma forma de afirmação pela negação, inclusive negação das convenções estilísticas, pois não hesita em escrever de um modo que, embora gramaticalmente correto, irritaria profundamente o lápis vermelho dos censores vernaculistas.”

No texto n.º 4, *Lima Barreto e Noel Rosa: dois cronistas desconcertantes*, João Antônio registra “ingredientes” de Lima Barreto que ele aproveita. Seguiu o caminho indicado pelo Mulato de Todos os Santos e foi além, foi ele mesmo:

Enquanto por detrás da maioria dos autores vemos uma biblioteca, um saber de gabinete, no caso de Lima Barreto o que se vê é um povo com suas caras, lutas, dores, dramas, sonhos, costumes, vida, enfim.

Antônio Arnoni Prado (1999), em *Lima Barreto personagem de João Antônio*, estabelece semelhanças, diferenças e influências entre Lima Barreto e João Antônio.

Vários destes aspectos ali foram discutidos. Destacamos alguns que julgamos corresponder não somente à ficção de João Antônio, objetivo de comparação de Arnoni, como também ao exercício crítico desempenhado pelo repórter.

Nas páginas de *Diário íntimo*, Lima Barreto nos revela a impossibilidade de uma escrita concebida sob a reflexão paciente de quem se adentra na luta para disciplinar as palavras, imagens e ritmos; postura assumida pelo escritor devido à negativa que assumiu frente aos padrões parnasianos vigentes da época, exercendo assim o que Prado define como “um acerto de contas para recompor a própria dignidade”, através de seu artifício da criação literária. (1999, p. 150).

Já em João Antônio, o aspecto da linguagem assume a postura que Carlos Cunha (1979, p.4), no artigo *Ô Copacabana!* tão acertadamente definiu: João Antônio “dinamitou a ditadura da palavra codificada e tirânica, frutos dos caprichos da colonização cultural”, ou seja, assume uma função metalingüística. Acrescentando julgamentos de Arnoni Prado, em João Antônio, escritor contemporâneo, a palavra, as imagens e os ritmos se convertem “numa questão de estilo. (...) João Antônio se esgota no limite da forma, no detalhe que recusa a passagem para a elucidação do mundo a desvendar” (1999, p.151).

O próprio escritor, em entrevista a Giovanni Ricciardi, declarou:

Sempre procuro “esquecer” o que a literatura me ensinou para aprender, na vida, inclusive a linguagem, e, em alguns casos, até a sintaxe; embora eu tenha uma linguagem cheia de gírias, eu me preocupo muito com a formação exata da frase e dos períodos, que tenham uma formação muito forte, em que a regência seja muito observada – isso eu aprendi lendo a Bíblia, no Velho Testamento.”

(apud Ricciardi, 1997, p.1)

Vilma Arêas (1999) registra que o escritor “refaz, rasura um retrato, retraça-o”. Utilizando Antonio Candido para completar nosso raciocínio, o crítico afirma que João Antônio tira a palavra da sua função “meramente comunicativa e a traz para dentro da literatura”, refletindo no “ritmo de solavanco nas frases mínimas”, a naturalidade elaborada da “linguagem coloquial na seqüência, emprego eficiente e subentendido...” (1999, p. 85). Exemplificamos com um trecho do texto n.º 22, *Oitentão, Vinícius de Moraes ainda vive, e eternamente:*

Vinícius, vário e diverso. De catimbeiro, safo e picardo a lírico, fino e universal. Da verbosidade esparramada à economia fidalga, subida, elegante, consumada de um dos altos sonetistas que o idioma teve. E, em ambas versões, a

personalidade mantida. Carioca na alma, universal no sentido, mestre no fazimento.

Uma escrita assim requer uma “luta para disciplinar as palavras, imagens e ritmos”. Retomando Arnoni Prado, percebe-se, em Lima Barreto, diferentemente de João Antônio, não haver “a reflexão da análise, mas a arremetida pura e simples do herói contra a totalidade” (1999, p.86, 123, 151 et passim).

Mesmo quando o artigo não é dedicado à figura de Lima Barreto, João Antônio faz referências, menciona, promove associações ou utiliza-o como exemplo dentro do assunto de que está tratando. No texto n.º 4, *Lima Barreto e Noel Rosa: dois cronistas desconcertantes*, João Antônio destaca o aspecto de que “Lima foi o responsável pela entrada do povo urbano, enquanto massa, volume e alma, no território da literatura brasileira...”, comentário semelhante àquele feito por Antônio Arnoni Prado (1999), em *Lima Barreto personagem de João Antônio*, referindo-se a João Antônio.

Há vários pontos de identificação entre Lima Barreto e seu admirador. Um deles, como o próprio João Antônio afirma, foi Lima Barreto escrever partindo da técnica de repórter e sem preocupações estéticas, numa época parnasiana. Porém, como afirmam os críticos, isso não quer dizer que João Antônio seria o “continuador” da prosa barretiana, mas um contista possuidor e fixador de um estilo único e intransferível na literatura brasileira contemporânea.

Para referirmo-nos à admiração de João Antônio por Lima Barreto, utilizamos palavras do escritor em *Corpo-a-corpo com a vida*, entrevista concedida a Edmílson Caminha Júnior, na qual ele afirma:

A importância maior de Lima Barreto, na minha opinião, está em que ele soube entender que, dentro daqueles doze quilômetros em que se desenvolvia a sua vida – de Todos os Santos até o Ministério, naquele tempo chamado da Guerra – cabia o mundo. Naqueles doze quilômetros de Central do Brasil cabia o mundo todo. A grande qualidade de Lima Barreto foi ser profundamente brasileiro, a até profundamente carioca, mas ao mesmo tempo profundamente universal. (apud Caminha Júnior, 1999, p. 2-3)

O escritor ainda atribui outras qualidades a Lima Barreto: o caráter, a posição de muita dignidade, a consciência de sua negritude, aspecto discutido por João Antônio também em outro periódico, o *D. O. Leitura*.

Finalizando este aspecto, do nosso ponto de vista, a identificação maior entre ambos se faz presente entre um João Antônio, para quem “Exercer a liberdade é um ato de coragem” e um Lima Barreto, auto definindo-se em “A minha alma é do bandido tímido”, a quem João Antônio (1983, p.14) refere-se realista, respeitada e carinhosamente em *O escritor assume sua cor. É Lima Barreto*:

Lima Barreto foi um escritor que topou correr o risco. ... E era especial: assumia. A cor da epiderme, o risco da denúncia, o miserê de seu povo, a dignidade de ser simples ou paradoxal ou completo ou carbonário e, sobretudo, a coragem de não silenciar. Literário, sempre. E dizia mesmo que o ridículo mata e mata sem sangue. Mas também sabia passar o alívio da bondade aos mais esquecidos, abandonados e violentados do subúrbio, das bibocas, dos expedienteiros em seus caixotins humanos.

Outro aspecto a ser observado é a crítica veemente que João Antônio faz à “ausência de memória do povo brasileiro”, realidade esta que sempre preocupou João Antônio. Vamos encontrar o desabafo do escritor a respeito deste assunto em textos como os de n.º 4, 6, 20, 24, 25, 30, 36, 43, 52, 67, 97, 98, 102, 104, 121 etc. Em *A palavra no país do desmazelo*, texto n.º 6, por exemplo, o escritor afirma que pior que esta ausência é “a ausência da memória recente”, em que a “própria palavra sofre conseqüências de uma atmosfera incultural e massacrada pela penúria, pelo obscurantismo e desmazelo”, aliando isso tudo à “incompetência” e tendo como resultado o “retrocesso”.

No texto n.º 20, *Estética pioneira ao relento*, João Antônio registra: “Fraga passou. Morreu sem vela e sem gurufim.” Em *O choro chorado do Garoto de Ouro*, texto n.º 25: “Aos de curta memória e aos de memória nenhuma, informo...”. No texto n.º 36, *O procurador do tempo perdido*: “Só no Brasil acontece um caso desses, de rejeição da qualidade estética.” Em *A dama procura um cavalheiro*, texto n.º 43: “Não duvido se na maioria dos cursos de letras de nossas faculdades, os alunos perguntarem: ‘Quem foram esses caras?’”. No texto n.º 98, *Pensamentos fugidos das baionetas*: “O pior é que há a nossa falta de memória também típica da ausência de evolução e de emulação cultural.” Concluimos com o texto n.º 102, *O homem que domou a Inquisição*: “A nossa enorme falta de memória tem raízes profundas e começa exatamente em 1500, na primeira ‘versão’ oficial, de interesse exclusivo de El-Rei, claro”.

Mas o que pensar quando um Nássara declara que “o país continua sem memória”, ou quando, em *João Antônio: o compromisso com o texto*, lemos:

Grande artista, (João Antônio) reconhecido em todo o mundo, menos, talvez, em sua cidadela particular, a Copacabana decadente, deste Rio de Janeiro também decadente, de final de milênio. (Quintella, 1986, p. 10)

Outro assunto constante, abordado pelo escritor é o aspecto itinerante, daquele que flana pela cidade e que parte do próprio João Antônio, que admirava essa característica nas personalidades com as quais comungava e por quem nutria simpatia. Tal aspecto é evidenciado na entrevista concedida a Giovanni Ricciardi. Nas palavras de João Antônio: “... mas eu já andei muito a pé e eu gosto muito de andar e de olhar e de andar de todo jeito...”. O entrevistador complementa nossa idéia: “Se alguém queria encontrar João Antônio ... procurasse em bares e restaurantes populares, rodas de samba e outros lugares em que havia gente simples...” (1997, p.2, 4).

O escritor ressalta a característica de itinerante em algumas personalidades como Néelson Cavaquinho, Noel Rosa, João do Rio, Glauber Rocha, Antônio Maria: “...era um rueiro no bom sentido, na mesma dimensão dos grandes passeadores desta cidade – um Lima Barreto, um Néelson Cavaquinho, um João do Rio...” ou Nássara: “Um passeador da cidade do Rio”, mas sempre com destaque para Lima Barreto.

Outros diferentes assuntos são abordados com destaque pelo crítico João Antônio, como a divulgação dos escritores e/ou obras se centralizar somente no espaço que ele denomina “eixo Rio-São Paulo”, não oferecendo chances de divulgação aos escritores novos, que produzem em regiões fora deste eixo ou, então, a dificuldade enfrentada entre o escritor e os editores no momento de publicação das obras, ou, ainda, a alarmante violência que toma conta das grandes cidades como o Rio de Janeiro ou Recife.

2.4. Considerações finais

Há quatro anos da morte de João Antônio Ferreira Filho e com o acervo do escritor acessível, o momento é mais que oportuno para pesquisas, análises, estudos e discussões em torno da obra e da produção desse escritor, que foi jornalista por uma

questão de “sobrevivência” mas que não obedeceu à formação tradicional de jornalista, especialmente aquele voltado apenas para o que é conhecimento, notícia, *happening* e moda. Antes, era sobretudo escritor e assíduo leitor não apenas do que estava acontecendo, mas principalmente do que ficou, como os clássicos brasileiros e estrangeiros.

Quem sabe poderemos, assim, constatar – e esse é o nosso objetivo – que, através de João Antônio, podemos retornar àquela época denominada “idade de ouro da crítica literária brasileira” por Daniel Fresnot. (1989, p.16). Época em que tínhamos Alceu Amoroso Lima, Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld, Sérgio Milliet e outros que prestigiavam a literatura brasileira; época em que as traduções eram assinadas por Manuel Bandeira, Mário Quintana ou Érico Veríssimo; momentos em que as resenhas preocupavam-se em revelar a qualidade acima dos modismos ou das amizades, como procedeu João Antônio em seus ensaios críticos.

Julgamos ter atingido o objetivo proposto no início destas reflexões, ou seja, tentar mostrar que, mesmo sem admitir, João Antônio foi um *polígrafo*, e das melhores safras, revelando-nos, através de seus artigos, a qualidade literária de um escritor que não aparece facilmente na história da literatura nem da crítica, especialmente a elaborada para a imprensa. Bárbara Danúsia (1976), referindo-se a João Antônio e à luta que travou em favor da literatura brasileira, do acesso à cultura pelas camadas menos favorecidas e pela profissionalização do escritor, afirma:

João Antônio julgava que somente ferindo, penetrando, compreendendo, expondo nossas áreas de vida é que poderemos descrever, recriar ou até criar a nossa realidade.

Antonio Hohlfeldt, no seminário *A crítica literária e o papel da universidade*, apresentado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, afirma que os alunos da universidade desconhecem a literatura que lhes é contemporânea, ou seja, não acompanham nem formam opinião sobre a produção imediata de tantos escritores, até porque não querem se arriscar – professores e alunos – em um terreno evidentemente perigoso que são as produções e escritores recentes (1984, p. 113).

Não podemos inserir João Antônio na lista de “um escritor recente”, mas podemos enquadrá-lo na lista de escritores contemporâneos, porém não se pode deixar de concordar, pelo menos em parte, com o quadro estabelecido por Hohlfeldt em seu seminário. Observa-se que os estudos, tanto da ficção quanto dos outros textos

produzidos por João Antônio, ainda se mostram pálidos, diante da grandeza e valor do extenso material que foi produzido pelo escritor.

Finalizando, podemos seguramente afirmar que, em seus artigos e ensaios críticos, centrados na história social brasileira, João Antônio deixa registrada a perspicácia de um escritor que viu na experiência própria da vida brasileira, na inteligência, na técnica, no ofício, na sensibilidade, na intuição de que não somente a literatura deveria ser “a estratificação da vida de um povo” e participar da “melhoria e da modificação” desse povo, mas também, por extensão, atribuir essas características que valorizaram a ficção do escritor aos artigos produzidos por ele para a imprensa, dando destaque aos que estudamos nesta pesquisa, ou seja, aos publicados na seção *Tribuna Bis*, parte do jornal *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro.

3. Os textos da “Tribuna Bis”

1993

TEXTO 01 – *AS SOBRINHAS DO FLAMENGO*.

Rio, Segunda-feira, 4/1/93

Com esse artigo, inicia-se a produção do escritor João Antônio Ferreira Filho na *Tribuna Bis*. O texto está dividido em duas partes. A primeira trata do conto de João Antônio, *As Sobrinhas do Flamengo*.

O conto narra história de um homem, numa barca, atravessando o Baía de Guanabara, em direção a Niterói. Durante a viagem, mesclam-se tempo presente e a lembrança de um encontro do protagonista com suas três sobrinhas.

A personagem central apresenta-se insatisfeita com a vida, gostaria de que tudo fosse diferente. Numa espécie de fuga ou de solidariedade, pensa nas três sobrinhas que também levam uma vida sem horizontes e sem satisfação. Três mulheres, em véspera de Natal, três sobrinhas. A partir daí, o conto traça o perfil físico e psicológico das três, evidenciando-se, assim, a insatisfação que cada uma tem com sua própria existência.

A segunda parte é sobre Shakespeare, e não é de autoria do escritor. Henrique Estevão assina o desenho que ilustra o artigo, sugerindo as personagens do conto de João Antônio transcrito na *Tribuna Bis*.

Este primeiro artigo não constituiu o padrão dos demais textos publicados no percurso dos quase quatro anos em que o referido articulista colaborou nesse jornal, uma vez que se trata de um texto ficcional.

TEXTO 02 - CRISTÓVÃO NONATO COLOMBO NO PAÍS DA MENTIRALHADA

Rio, Sexta-feira, 26/2/93

A partir desse artigo, João Antônio assume a função que exerceria até outubro de 1996, ano de sua morte: o articulista compôs um ensaio crítico sobre uma das obras de Carlos Fuentes.

O ensaio foi ilustrado por Henrique Estevão. Grandes mãos que tentam agarrar uma planta que chora compõem o desenho que ocupa boa parte da página impressa.

Trata-se de uma resenha do livro do escritor mexicano, Carlos Fuentes, *Cristóvão Nonato*, com 633 páginas, da editora Rocco. Comparando-o a um mural de Orozco-Diego Rivera-Siqueiros, às avessas, o crítico vê, no livro, o resultado de um painel crítico, potente e demolidor, de “humor sardônico”, uma grande panorâmica crítica e demolidora da vida mexicana.

Tece comentários sobre as relações entre colonizadores e colonizados no México, sobre a comemoração dos 500 anos do descobrimento da América e sobre as festividades relacionadas à referida data, destacando, ainda, o enredo de *Cristóvão Nonato*.

No *box*, com o subtítulo *Abrindo caminho na cultura*, João Antônio apresenta o escritor Carlos Fuentes, situando-o ao lado de Octávio Paz e Juan Rulfo.

TEXTO 03 – MOACYR FÉLIX, O POETA DA GEOGRAFIA HUMANA

Rio, Terça-feira, 18/5/93

Um grande desenho, da autoria de Oliveira, ocupa praticamente metade da página, ilustrando o assunto com uma árvore imensa cujos frutos e/ou folhas são livros e com um pássaro que vem “bicar” um violão. Ao lado da ilustração, João Antônio transcreve a poesia *Operário do sonho*, de Moacyr Félix, dedicada a Antônio Carlos Osório.

Nesse artigo, João Antônio apresenta a *Antologia poética* do escritor, lançada pela José Olympio, que inclui vastas informações bibliográficas e um levantamento crítico sobre o trabalho do autor. O artigo tem um subtítulo: *Engajamento como um disfarce estético*, destacando o papel de divulgador que Moacyr Félix exerceu.

Tecendo um comentário a respeito de nossa poesia, o articulista parte de Gregório de Matos Guerra até chegar em 1922, acentuando que nossa poesia teve e tem uma quantidade substancial de produtores.

Destacando seis ou sete grandes nomes da poesia, detém-se em Moacyr Félix, a quem é atribuída a capacidade de trabalho, o senso de organização, a honestidade e a crença na literatura e na inteligência brasileiras. Acentua o fato de Moacyr Félix apoiar jovens estreantes, a exemplo de Affonso Romano Sant’Anna, Carlos Nejar, Geir

Campos, dentre tantos, em publicações como *Coleção Poesia Hoje*, da Civilização Brasileira, ou as coleções *Poesia Sempre* e *Poesia Viva*.

TEXTO 04 – LIMA BARRETO E NOEL ROSA: DOIS CRONISTAS DESCONCERTANTES

Rio, Terça-feira, 25/5/93

Duas grandes fotos ilustram o artigo. Uma de Lima Barreto e outra de Noel Rosa, com mais duas pequenas caricaturas, uma do escritor e outra do compositor. Ao lado direito, João Antônio transcreve a letra das músicas *Feitio de Oração* e *Feitiço da vila*, de Noel Rosa, em parceria com Vadico; mais abaixo, lista *Obras de Lima Barreto*. Nesse artigo, João Antônio defende o valor de Noel Rosa, a quem ele chama de ‘Poeta da Vila’, combatendo certas inverdades – a de que seria racista em relação à cultura dos negros, por exemplo – levantadas em torno desta figura popular. Noel Rosa além de ser um fenômeno de talento criador, foi uma ponte entre duas culturas – a dos morros, favelados e negros, e a do asfalto, da cidade, das rádios e das gravadoras, unindo-as harmoniosamente.

A atenção do crítico está voltada mais à figura de Lima Barreto e é com o subtítulo *Porta aberta para a urbanidade na literatura* que inicia comentários sobre o escritor, afirmando ter ele “a força de um mito em nossa literatura”. À medida que o tempo avança, cresce a importância dos livros de Lima Barreto, pois o Brasil que ele viu, pensou e retratou está mais vivo do que nunca. Tudo nele é de uma atualidade alarmante: Lima foi o responsável pela entrada do povo urbano no território da literatura brasileira. Um ponto em comum que João Antônio tem com este escritor a quem tanto admirava era o trabalho com os simples, com os pingentes urbanos.

Com outro subtítulo, *Contra os picaretas e os gurus sabichões*, João Antônio continua a falar de Lima Barreto, indicando que dentre os temas atuais trabalhados pelo romancista, Lima definia o Brasil: *O que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice*.

Nesta parte do artigo, é como se João Antônio resumisse o seu livro *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, cujo protagonista é Lima Barreto, e no qual são relatados fatos e pensamentos do escritor, mediante a dialogia de excertos retirados das obras do próprio Lima Barreto.

TEXTO 05 – UM INTELLECTUAL ‘VARA DE MARMELO’

Rio, Sábado e Domingo, 19 e 20/6/93

Nesse artigo, João Antônio introduz outro recurso para compor seus artigos críticos, a entrevista. Através de perguntas e respostas, o entrevistador e articulista vai montando alguns de seus ensaios críticos da *Tribuna Bis*.

Uma grande foto de Franklin de Oliveira ilustra o artigo e, logo abaixo, seguem fotos de alguns políticos que marcaram a história do Brasil: José Sarney, Leonel Brizola, Fernando Collor e Getúlio Vargas.

O lançamento pela Topbooks do livro *A Semana de Arte Moderna na contramão da História e outros ensaios* introduz o tema, aparecendo, em seguida, a pequena entrevista com Franklin de Oliveira, com perguntas e respostas rápidas, abordando vários aspectos do tema.

O texto fala do maranhense Franklin de Oliveira, autor de *A morte da memória nacional*, comparando-o a Ernst Robert Curtius e a Otto Maria Carpeaux.

No artigo, João Antônio transcreve breve comentário sobre o livro de Franklin de Oliveira escrito por Paulo França, para quem Franklin veio desmistificar *A Semana de Arte Moderna*.

TEXTO 06 – A PALAVRA NO PAÍS DO DESMAZELO

Rio, Sábado e Domingo, 26 e 27/6/93

Esse artigo de João Antônio possui dois subtítulos: *Brasileira, na medula e Sim, temos história*. A grande foto tradicional de Machado ilustra o artigo; ao lado, várias outras menores, de escritores consagrados da nossa literatura.

O artigo começa com a crítica de João Antônio ao descuido de nosso país com os nomes clássicos de nossa literatura enquanto “lá fora” vão descobrindo a genialidade dos mesmos. Como um dos fatores responsáveis por esta realidade, o crítico elege a programação massacrante da televisão.

O retrocesso de nossa cultura, segundo ele, é marcado pela ausência de memória, pelo “obscurantismo e desmazelo” para com os nossos escritores. Vários escritores

clássicos são destacados: Machado de Assis, Raul Pompéia, Lima Barreto, Euclides da Cunha e outros mais recentes, como Bernardo Elis, Afonso Schmidt, Dyonélio Machado. É interessante observar que o nome de Afonso Schmidt, vez ou outra, é destacado por críticos, escritores ou ensaístas como sendo significativo em nossa literatura, porém a ironia consiste em que, mesmo no meio universitário, pouco ou quase nada se ouve sobre este escritor.

João Antônio aponta Ronald de Carvalho e seu *Pequena história da literatura brasileira* como um livro que define perfeitamente o quadro literário brasileiro e a maneira como os nossos escritores são valorizados, ou melhor, como não são.

Com o subtítulo *Sim, temos história*, o crítico ressalta a importância de nossa poesia, que é privilegiada por ter nomes de qualidade internacional como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Cecília Meireles. Semelhante ao que ocorre na prosa: Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector. Segundo João Antônio, é muito escritor para um público que ainda não conseguiu formar-se. O maior destaque é dado a Lima Barreto, segundo ele, o mais injustiçado, inclusive devido ao preconceito racial.

Com o subtítulo *Brasileira na medula*, João Antônio levanta a tese de que, se hoje temos uma literatura essencialmente brasileira, apesar de ainda não ser completamente original, é graças aos nossos clássicos, vivos e atuais.

TEXTO 07 – OS TORTUOSOS CAMINHOS DA PAIXÃO

Rio, Sábado e Domingo, 3 e 4/7/93

Esse artigo vem ilustrado por fotos do arquivo do casal Zweig: casas onde eles moraram, na Áustria, e do escritor com Alzira e Jandira Vargas. O seu artigo destaca o escritor Stefan Zweig como uma espécie de celebridade entre os anos de 1922 a 1942, sendo centro das atenções por onde passava.

É divulgado o lançamento, pela Nova Fronteira, do livro *Duas novelas - Amok e Xadrez e Fragmentos do diário agosto de 1936*, do escritor austríaco, cuja obra, na opinião do cineasta Sylvio Back, é a mais filmada.

Refere-se, ainda, ao livro *Morte no paraíso*, do biógrafo de Stefan Zweig, Alberto Dias, lançado pela Nova Fronteira.

Com o subtítulo *Obra vertida para 30 idiomas*, o articulista traça um painel da vida literária de Zweig, detendo-se pormenorizadamente nas obras *Amok* e *Xadrez*.

João Antônio finaliza seu artigo, mostrando-se ressentido pela falta de memória e de cultura de nosso povo. Usa novamente o adjetivo “desmazelados”, já que, afinal, “o Brasil é o Brasil. E aqui memória não se preserva”. E cita o exemplo de que derrubaram a casa de Zweig em Petrópolis e, em seu lugar, construíram um posto de gasolina.

TEXTO 08 – RESTOS DE UM INVERNO EM BERLIM COM MURO E TUDO

Rio, Segunda-feira, 12/7/93

O artigo vem ilustrado com uma foto do muro de Berlim grafitado, tendo ao fundo o quartel-general da GESTAPO, e por algumas pinturas de Heinrich Zille, na época, espalhadas pela cidade de Berlim.

Esse artigo também foge ao padrão habitual de João Antônio. Trata-se de memórias e sensações adquiridas pelo escritor quando esteve em Berlim, durante dois anos, a convite do DAAD, o serviço cultural e acadêmico alemão. De forma sensível, lírica e até sarcástica, registra as impressões do tempo em que esteve naquele país, afirmando que Berlim seria “a faca com que a Europa iria se matar”.

Várias impressões das ruas berlinenses ficaram em João Antônio. Ruas que não eram lugares de folia, sorriso ou alegria; persistindo algo de sadomasoquista e de eterno descontentamento nas pessoas.

Nesse contexto, um artista lhe chamou a atenção: Heinrich Zille, cujas pinturas estavam espalhadas por toda a cidade. Zille desenhou e fotografou a Berlim de tipos populares, indo do *lúmpen* e das prostitutas aos expedienteiros e aos burocratas.

Essa admiração pode proceder de um dos traços literários particular de João Antônio, que afirma: “Não fosse Zille um artista de verdade, várias cenas por ele pintadas cairiam na vulgaridade e na pornografia”.

O articulista destaca a ironia com que o “destino” trata artistas como Zille, “um coração atento”, que viveu 91 anos rondando Berlim e acabou não tendo nacionalidade.

Das reflexões elaboradas em Berlim, que tiveram como origem a realidade do Brasil, realidade que os estrangeiros não acreditam existir, nasceu a certeza de o escritor em ter “acertado em cheio o título” de um de seus livros: *Abraçado ao meu rancor*.

TEXTO 09 – O TELECOTECO DE CIRO MONTEIRO

Rio, Terça-feira, 27/7/93

Uma grande caricatura de Ciro Monteiro, feita por Henrique Estevão, ilustra o artigo e, ao lado, uma citação de Ciro: “Dependesse de voz bonita eu nunca seria sambista”.

João Antônio define Ciro Monteiro como uma figura cheia de “elegância íntima”, em quem o “piegas virava charme”. Nele, “o talento e a picardia” se misturam “ao visgo irresistível de um sentimento extremado”.

O artigo resume a trajetória da vida artística de Ciro Monteiro, destacando suas composições e parcerias de sucesso. Aparecem transcritas, à direita, a letra de *Se acaso você chegasse* e *Falsa baiana*, ilustrando a importância de “Formigão” e de seus companheiros na consolidação do estilo “bossa nova”.

A página impressa está dividida com Maria Célia Teixeira que, com o título *Machismo e política no Ceará*, divulga o lançamento do livro *Inimigas íntimas*, terceiro romance de Joyce Cavalcante.

TEXTO 10 – SEM REVOLTA E SEM VERGONHA

Rio, Segunda-feira, 2/8/93

O artigo vem ilustrado por uma foto de Alberto Moravia, uma de Jorge Luís Borges, uma de Joyce e a caricatura do russo Dostoiévski, acompanhadas de algumas citações de Moravia.

É interessante observar que João Antônio iniciou o arquivo pessoal de seus artigos do ano de 1993 com a reprodução da caricatura de Moravia, feita por David Levine. Pode se perceber, nesse procedimento, um sinal da admiração que o crítico possuía pelo escritor italiano.

João Antônio aproveita este artigo como veículo para responder a outro artigo de um jornal carioca, o qual ele não identifica. O referido artigo tachou-o de “leitor compulsivo de tudo o que aparece dos escritores italianos”, e que seu escritor predileto

seria Alberto Moravia. Justifica, então, que tudo o que foi escrito naquele artigo correu por conta de quem o entrevistou, por telefone.

Em seguida, traça um panorama de sua visão literária sobre o conto e contistas que, para ele, eram significativos, citando o nome de contistas de sua predileção e demonstrando o conhecimento que tinha quanto ao referido gênero, principalmente no que se referia a Moravia.

Depois de referir-se ao lançamento, no Brasil, de *A casa de praia das sextas-feiras e outros contos*, pela Bertrand Brasil, constrói um painel sobre o valor literário de Moravia, destacando a sua modernidade e a ligação de sua obra com o cinema. Com o subtítulo *Contestador e moralista a seu modo*, apresenta uma síntese biográfica de Moravia e as influências de outros escritores em sua obra.

TEXTO 11 – GLAUBER ROCHA, O NOSSO SANTO GUERREIRO

Rio, Terça-feira, 10/8/93

Um grande desenho de um rosto sofrendo e um jato de sangue que sai da boca desta pessoa ilustram essa página dedicada a Glauber Rocha.

A página dessa edição está dividida em duas partes. A primeira, de João Antônio, trata do cineasta e poeta baiano Glauber Rocha. A segunda, com o título *Pôncio Pilatos e as mãos lavadas da CIA*, de Paulo Ramos Derengoski, também se refere a Glauber Rocha e vem ilustrada por duas fotos: uma tirada de *Deus e o Diabo na terra do sol* e outra de *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*.

João Antônio define Glauber como um homem de “força irrefreável”, com um “discurso ejaculado”; um estado de criatividade à flor da pele e permanente; “vizinhando vibração tão próxima ao delírio”. Durante todo o artigo, percebemos, num grau maior, a saudade de um amigo mais que a homenagem ao cineasta.

Mais uma vez, a mágoa de João Antônio fica explícita quando ele afirma que o Brasil “é um país curioso ou perverso, com seus melhores filhos”.

Dentre as várias conversas que tiveram, amigos que eram, João Antônio e Glauber Rocha, algumas giravam em torno da figura de Lima Barreto. Não por acaso, João Antônio induz seu texto à figura de Lima Barreto. À semelhança de Lima Barreto, Glauber também fugia das dores que a vida lhe havia permitido, não exatamente pelos mesmos caminhos percorridos pelo autor de *Policarpo Quaresma*.

O escritor e o cineasta sonhavam filmes juntos. Glauber acentua que João Antônio sabe escrever. Dessa convivência, nasce em João Antônio o desejo de escrever uma história à Lima Barreto.

TEXTO 12 – A ARTE MÁGICA DE SABER NARRAR

Rio, Sexta-feira, 13/8/93

Esse artigo, embora ocupe o espaço reservado ao escritor, não é de sua autoria, mas uma homenagem a João Antônio, assinada por Mônica Riani. Uma foto do escritor ilustra o artigo que também traz a entrevista concedida por ele ao jornal no qual escreve semanalmente.

O texto fala do prêmio Jabuti, duas vezes atribuído a João Antônio. Em 1963, por *Malagueta*, *Perus*, *Bacanaço*, e trinta anos depois, por *Guardador*.

Para João Antônio, os prêmios são importantes, mas não fundamentais, o que falta mesmo, segundo o escritor, é o “incentivo à formação de leitores”. A partir daí, a “literatura leva à reflexão e acaba fazendo de todo leitor um co-autor”.

TEXTO 13 – UMA RAJADA DE TALENTO E AFLIÇÃO

Rio, Segunda-feira, 23/8/93

Uma grande foto de Maupassant, ladeada por citações do escritor, mais sua caricatura e outra foto menor de Flaubert, vêm ilustrando esse artigo no qual João Antônio destaca a figura do mestre criador do conto tradicional, Henri-René-Albert-Guy de Maupassant, por ocasião do centenário da sua morte.

João Antônio define Maupassant, o discípulo de Flaubert, como um homem amargo, dolorido, angustiado e lúcido; “um dos maiores contistas do mundo em toda a história do conto”. Maupassant, com um estilo “quente, fácil, malicioso e sensual”, transformava histórias aparentemente sem grandeza em peças literárias.

Com o subtítulo *Loucura equivale ao talento*, João Antônio traça um panorama literário e biográfico do escritor, incluindo-o na galeria dos “loucos geniais da literatura” e afirmando que a loucura do escritor equivalia ao seu talento, ambos incomuns. No *box*, há a lista das *principais obras* de Guy de Maupassant.

TEXTO 14 – A FAMÍLIA CARIOCA FOI ÀS RUAS E ACHOU A SUA VOCAÇÃO DO PRAZER

Rio, Segunda-feira, 30/8/93

Um retrato do carnaval de 1918, outro de um casamento e mais a foto de Rosa Maria Barbosa de Araújo ilustram esse artigo.

Trata-se de uma resenha do livro, que estava sendo lançado pela Rocco, *A vocação do prazer – A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*, de Rosa Maria Barboza de Araújo, prefaciado por Richard Morse. O livro, resultado de uma tese de doutorado, segundo João Antônio, leva o leitor a uma espécie de passeio pela história da família carioca nos começos da República.

Entre um e outro comentário sobre o livro de Rosa Maria, o crítico utiliza-se de obras de Lima Barreto para exemplificar o que a doutora constatou historicamente. Como na crônica *O Morcego*, de 1915, por exemplo, na qual Lima Barreto expressa o motivo que, de acordo com o articulista, seria a essência de nosso Carnaval: a “expressão de nossa alegria”.

Numa atitude mais discreta e indireta que em outros artigos, João Antônio assinala, mais uma vez, sua admiração por Lima Barreto, atribuindo-lhe o mérito de ter traçado e retratado um grande e perfeito painel humano, social e histórico do Rio de Janeiro.

Aproveitando-se do fato de o livro de Rosa Maria ser resultado de uma tese, João Antônio encaminha o assunto para outro aspecto, confessando ter mudado seu ponto de vista sobre as teses. Com o subtítulo *Perdendo preconceitos*, fala de um estudioso da Língua Portuguesa, o holandês, Ruud Ploegmakers, que veio ao Brasil para estudar os livros de João Antônio, partindo de *Malhação do Judas Carioca*. O resultado foi *Frescuras do coração – A melancolia nos contos do submundo de João Antônio*, dissertação de mestrado, defendida na universidade de Utrecht.

TEXTO 15 – AS DUAS MORTES DO HUMOR

Rio, Quinta-feira, 9/9/93

Com focalização especial na fisionomia de Sérgio Porto, esse artigo vem ilustrado com três fotos idênticas do escritor. À direita, João Antônio transcreve a letra do *Samba do crioulo doido*, parodiando a trajetória profissional diversificada de Sérgio Porto.

Como se pode observar em diversos ensaios críticos, João Antônio sempre apoiou e reforçou seus julgamentos com a opinião de outros críticos. Aqui, utiliza apontamentos de Ênio da Silveira para referir-se a Sérgio Porto.

Em seguida, refere-se à nona edição de *Febeapá 1 – 1º festival de besteira que assola o país* e de *As cariocas*, de Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, lançada pela civilização Brasileira.

Sérgio Porto seria o “renovador da crônica”, gênero que já existia com Machado de Assis e que, conforme o articulista, num cenário de exímios prosadores, atingiria seu clímax de qualidade, com um prosador como Stanislaw Ponte Preta, por exemplo.

João Antônio tece comentários sobre o estilo, o vocabulário e a personalidade de Sérgio Porto. No *box*, com o subtítulo *Depoimento do editor da Civilização Brasileira*, transcreve depoimento de Ênio Silveira sobre o referido escritor, comparando-o a Maupassant, Lima Barreto e Marques Rebelo.

Ainda em itálico, com o subtítulo *As tiradas do Lalau*, foram transcritos alguns pensamentos bem-humorados de Stanislaw Ponte Preta.

TEXTO 16 – LIMA BARRETO, O PORTA-VOZ DOS OPRIMIDOS

Rio, Sábado e Domingo, 11 e 12/9/93

Um desenho do rosto de Lima Barreto divide a ilustração desse artigo com mais duas fotos de cenas de peças adaptadas do autor de *Todos os Santos*. Uma de *O cemitério dos vivos* e outra de *O homem que sabia javanês*, teatralizações quase simultâneas, inspiradas na obra de Lima Barreto. Também se faz referência ao vídeo de José Maria Bezerril, focalizando a obra do escritor em questão.

Trata-se de mais um dos seus artigos dedicados a Lima Barreto, desta vez comentando o relançamento de *A nova Califórnia e outros contos*, pela Revan, e de *Um longo sonho futuro*, pela Graphia Editorial, na sua série *Revisões*, que também tem Lima Barreto como figura central.

Pode-se perceber o esmero de João Antônio desde a retranscrição do texto, que normalmente vem após o título de cada artigo escrito pelo crítico. Desta vez, está bem mais extensa que as demais, pois o objetivo é ressaltar a figura do escritor Lima Barreto, admirado pelo crítico.

Assim João Antônio define Lima Barreto: “Amargo, lúcido, maldito, tudo o que quiserem. Mas pioneiro, veraz, atualíssimo. E original”. Pode-se verificar que o adjetivo “pioneiro” consta na maioria das dedicatórias a Lima Barreto, verificada nos livros de João Antônio.

Para não ficar a impressão que se tratava de um juízo de valor, vindo do admirador João Antônio, o crítico termina seu artigo com dois parágrafos de Eloy Pontes sobre Lima Barreto, alicerçando, mais uma vez, sua crítica na opinião de outros críticos.

No *box*, com o subtítulo *Flagrantes, momentos e idéias do escritor*, transcreve vários excertos dos escritos de Lima Barreto, escolhidos de modo a definir Lima através de suas próprias palavras.

TEXTO 17 – A SIMPLICIDADE COTIDIANA SOB A ÓTICA DO LIRISMO

Rio, Quinta-feira, 22/9/93

A ilustração desse artigo é interessante. Não se trata apenas de uma foto de Manuel Bandeira, mas de uma grande foto na qual, além dos óculos, o escritor usa binóculos, intensificando-se, assim, a expressão “ótica do lirismo” contida no título do texto e transportada para a criação e visão lírica que o poeta teve de poesia. Sobrepondo-se à foto, aparece transcrito *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Esse artigo segue um esquema algumas vezes utilizado por João Antônio, com a divisão do texto integral em pequenos subtítulos, os quais resumem a idéia central de cada bloco. Trata-se de texto comemorativo aos 25 anos da morte do autor de *Pasárgada*.

João Antônio defende a idéia de que o projeto estético da poesia é diferente dos demais projetos, criticando a confusão que muitos fazem entre compositor e poeta, por exemplo. João Antônio apóia seus comentários em palavras de críticos como Antonio Candido e Carlos Drummond de Andrade.

Para João Antônio, Bandeira não é apenas um escritor ou poeta de “simplicidade lírica”, mas alguém que deixou vasta contribuição na área de tradução, como estudioso da literatura e como jornalista. Trabalhou sobre o popular, sobre o cinema e foi cronista. Para o articulista, seu *Noções da história das literaturas* é um “importantíssimo trabalho” para conhecermos a literatura universal no Brasil.

Divulgou, ainda, a reedição, pela Nova Fronteira, de *Estrela da vida inteira*, com revisão do próprio Bandeira, feita em 1966. À direita da página, com o subtítulo *Cronologia básica*, aparece a biografia resumida de Bandeira.

TEXTO 18 – O CARTEADOR DAS PALAVRAS

Rio, Sábado e Domingo, 25 e 26/9/93

Esse artigo vem ilustrado por uma grande foto de Mário de Andrade, ladeada por alguns versos do escritor ou alguns de seus pensamentos que oferecem uma “biografia” do escritor, por ele mesmo. Uma caricatura, assinada pelo chargista carioca Nássara, também contribuiu para a ilustração. O artigo discorre sobre a figura do escritor que queria escrever “brasileiro” e não “português”, por ocasião do centenário de seu nascimento.

O adjetivo “carteador”, utilizado no título do artigo, vem significar “autor de cartas”, sendo o assunto catalisador deste artigo de João Antônio, para quem Mário de Andrade foi o nosso “maior epistológrafo”, contando-se cerca de três mil cartas escritas a inúmeros destinatários, escritores e críticos, amigos do escritor.

Com o subtítulo *Um descobridor do Brasil*, o crítico aborda uma das características de Mário: “um descobridor do Brasil”, na medida em que soube olhar para dentro deste país, não só o país litorâneo, indo mais longe, “atirando-se num plano americano e internacional”.

João Antônio tenta definir o homem e o escritor Mário de Andrade, mostrando-se um admirador seu. O espaço do artigo, no entanto é pequeno, sendo impossível evitar o uso das reticências. Em determinado momento, refere-se a Mário da seguinte maneira: *Singular e plural, erudito e familiar, multifacetado, brilhante, cabido mesmo nos excessos...*

TEXTO 19 – UM ENVELOPE REPLETO DE INTIMIDADES

Rio, Terça-feira, 5/10/93

Uma foto de Mário de Andrade, em seu escritório, mais o desenho da fisionomia de três outros escritores, escrevendo cartas, ilustram o artigo. É interessante notar uma “brincadeira séria” feita com o auxílio do desenhista: João Antônio escreve carta para Lima Barreto, evidentemente; este escreve para Antônio Houaiss que escreve para João Antônio. Esse artigo funciona como um complemento do anterior, por se tratar do mesmo assunto.

João Antônio refere-se ao papel que a correspondência tem na recepção da literatura e do escritor pelo leitor, afirmando que a simples troca de cartas significa para alguns escritores um “desnudamento”.

O próprio João Antônio manteve correspondência com diversos escritores, entre os quais Jácomo Mandatto, Cassiano Nunes, José Augusto Carvalho, Caio Porfírio Carneiro.

Na foto em destaque, Mário de Andrade aparece sentado e lendo, com os dizeres em negrito: *Mário foi um dos maiores missivistas da literatura brasileira*. Da figura de Mário de Andrade, João Antônio decola para a importância exercida pelas cartas na vida dos escritores, e à semelhança de seu artigo anterior, de 25 e 26/9/93, refere-se a Mário de Andrade, “o carteador”.

Prefere chamar *Memórias de um escritor* à reunião da correspondência dos e entre os escritores. Para ele, o processo de reunião desse tipo de correspondência funciona como uma montagem, visando expor uma “nesga dos bastidores de nossa literatura” e revelando a sensibilidade, o emocional e o humano daqueles que vão fazendo literatura apesar de toda a adversidade enfrentada.

Com o subtítulo *Trechos da vida de um escritor*, João Antônio transcreve uma carta, de conteúdo extremamente lírico, um “poema”, escrito pelo amigo do crítico, Antônio Houaiss.

No segundo subtítulo, *Quando o texto é coisa sagrada*, expõe seus sentimentos mais íntimos em relação ao ato de escrever cartas, definindo o sujeito que exerce este ofício como: “um caso psicopatológico-duplo: de neurose obsessivo-compulsiva e de esquizofrenia paranóica. Texto, para nós, é coisa sagrada”.

Com outro subtítulo, *Lembranças empoeiradas de uma dor terrível*, deixa emergir algumas lembranças amargas de quando ficou preso, dois anos e oito meses, de

1969 a 1973, em plena Ditadura, confessando ser seu consolo, naquele período, reler cartas que recebera de amigos.

No último subtítulo, *Selos que vão e voltam nas cartas*, conta a traquinagem que ele e seu destinatário fizeram, “mais pela vontade de fazer uma pequena sacanagem diante das grandes sacanagens que andam fazendo comigo...” que propriamente por economia. João Antônio e seu destinatário usaram e reutilizaram o mesmo selo para mandar algumas cartas.

TEXTO 20 – ESTÉTICA PIONEIRA AO RELENTO

Rio, Segunda-feira, 11/10/93

Uma grande foto de Antônio Fraga, o “Cobrinha”, e o escritor João Antônio, em Queimados, de 1978, ilustra este artigo. Quase no fim da página, está a ilustração da capa do livro *Desabrigo*, obra escrita em 1942, por Fraga, e publicada em 1945 pela editora Macunaíma.

Por ser amigo de Antônio Fraga e indignar-se com o esquecimento do talento do escritor, João Antônio lança mão da opinião de Oswald de Andrade, Antônio Callado, Celso Cunha, Mário Pedrosa e Hélio Rocha para evidenciar a importância e o talento de Fraga.

João Antônio define Fraga como autor atento aos detalhes particularíssimos da gíria, da linguagem, do português falado no Brasil, como um grande intérprete do estado da nossa “ralé” e de seus tipos aculturados, estabelecendo pontos de identificação criacional com ele. Diz: “Escritor exímio, autodidata de espírito desbravador, enfim, um intérprete forte e desconcertante do quadro da sociedade e, por isso, ‘enterrado’ pela elite”.

Finalizando o artigo, acrescenta, em forma de desabafo, que Fraga deveria ser considerado um “clássico” dentro da literatura brasileira, um “pioneiro” e um “revolucionário”.

TEXTO 21 – MÁRIO QUINTANA OITENTÃO: UM ANJO IRÔNICO EM FORMA DE HOMEM

Rio, Sábado e Domingo, 16 e 17/10/93

João Antônio foi a Porto Alegre, aproveitou para visitar Mário Quintana, e dessa entrevista resultou o artigo em questão. Uma foto enorme de Quintana ocupa quase meia página do jornal e vem com os dizeres: “O poeta, lúcido, apesar de meio doente, confessa que continua se esforçando para ter novamente uma ótica infantil sobre a realidade”.

O crítico começa por “tentar definir” o homem Quintana. Para João Antônio, o poeta “... é irônico e gosta de jogar por terra algumas coisas sacralizadas, a começar pelo próprio lirismo. Não fosse poeta, seria humorista. Ao lado de um espírito espontâneo, está um fio de espírito irreverente, irônico, irrequieto...”. No entanto, a adjetivação utilizada parece ser insuficiente para expor a emoção e o amor de João Antônio por Mário Quintana.

Admirador de Apollinaire e Lorca, Quintana brinca, falando sério. Para escrever “não basta esperar que o santo baixe. É preciso puxar o santo pela perna”.

Para João Antônio, o poeta é “homem vaidoso, olhos de quem vai armar uma marotagem qualquer”. Tentando sintetizar: Mário Quintana é “mais para poeta passarinho do que para poeta de briga”.

TEXTO 22 – OITENTÃO, VINÍCIUS DE MORAES AINDA VIVE, E ETERNAMENTE

Rio, Segunda-feira, 25/10/93

Esse artigo vem ilustrado com uma grande foto do “oitentão” Vinícius. João Antônio introduz o artigo, referindo-se a Vinícius de Moraes, com a frase: *Há poetas que se dizem múltiplos. E há outros que, não dizendo, o são. Carioca na alma, universal no sentido, mestre no fazimento.*

Um ressentimento presente nos escritos de João Antônio é a crescente violência no Rio de Janeiro e, na maioria de seus artigos, refere-se a esse aspecto com tristeza, de forma breve, sucinta, porém tocante. Nesse artigo, vale destacar palavras a esse respeito como: ... *multiplicação de violência, miserê brutal e que dói...* (reticências de João Antônio).

A linguagem empregada nesse artigo muda um pouco, está mais lírica. Ele até mesmo brinca com o léxico ou carrega as palavras de significados tão perfeitamente empregados que seria muito difícil substituí-las sem lhes prejudicar a carga semântica.

Com o subtítulo *Um pouco de biografia*, ladeado pelas fotos do poeta com Tom, João Antônio destaca alguns momentos da vida de Vinícius, tratando especialmente de sua atividade na MPB. Menciona seus parceiros e a importância do poeta para esse movimento da música.

Com o subtítulo *Poeta de Deus e do Diabo*, destaca o comentário crítico de Mário da Silva Brito sobre Vinícius de Moraes, que vem corroborar o que ele apresenta nesse artigo. Ressalta, ainda, que foi a partir de *Orfeu* que Vinícius se tornou “construtor e ponte” entre as culturas negra, mestiça e branca.

TEXTO 23 – NOEL ROSA NO ‘BRASIL DE TANGA’

Rio, Quinta-feira, 4/11/93

O artigo vem ilustrado por uma grande foto de Noel Rosa e por outra menor, com sua mulher Lindaura, nos anos 30.

Trata-se de uma resenha de *Noel Rosa, uma biografia*, de João Máximo e Carlos Didier, lançado pela Editora Universidade de Brasília, em edição comemorativa aos oitenta anos do nascimento de Noel de Medeiros Rosa, considerado por João Antônio como a biografia mais completa a que se chegou. Nas palavras do crítico, “é a tentativa mais trabalhada e consciente e profissional”, não apenas do músico Noel Rosa, mas de qualquer artista popular do Brasil, revelando a qualidade dos autores que mantêm um distanciamento necessário e profissional, resultado de um amadurecimento e um sentido pertinente de biografia.

Para João Antônio, *Noel Rosa, uma biografia* é um livro “consultável”, sensato, importante e necessário a respeito de uma figura que Paulo Mendes definiu como “o maior compositor popular brasileiro”.

À direita da foto do compositor, transcreve-se a letra de *Filosofia*, que, conforme avaliação do crítico, trata-se de um momento antológico da música brasileira.

A admiração de João Antônio por Noel Rosa já havia sido registrada no volume *Noel Rosa*, que a Editora Abril lançou para a coleção *Literatura comentada*, executado pelo escritor.

TEXTO 24 – CIDADÃO BRASILEIRO NÚMERO UM

Rio, Terça-feira, 9/11/93

Para ilustrar o artigo, utilizou-se uma foto de Grande Othelo, enfatizando o expressivo olhar do ator, e mais outras três fotos, mostrando alguns de seus trejeitos típicos.

Trata-se de uma resenha do livro de poemas *Bom dia, manhã* que Grande Othelo, Sebastião Bernardes de Souza Prata, quase aos oitenta anos lançava pela Topbooks.

Nas palavras de João Antônio, Othelo é “singular e plural; figura-síntese de todos nós, a essência; de tão brasileiro é fora do comum; e que por estar tão dentro do contexto nacional, muita vez foi colocado à margem dele ...”. O articulista reforça sua opinião com depoimentos de Milton Gonçalves, Gilberto Gil e Herivelto Martins sobre o artista e a pessoa de Othelo.

À direita da foto de Othelo, João Antônio transcreve a letra de *Bom dia avenida*, música de Othelo em parceria com Herivelto Martins. Na parte de baixo do artigo, aparecem depoimentos de Bibi Ferreira, Chico Anysio, Carlos Manga e Joel Rufino sobre o talento e a brasilidade de Grande Othelo.

Mais uma vez, João Antônio aproveita a oportunidade para demonstrar seu descontentamento e a denúncia frente ao descaso do Brasil com seus maiores talentos.

TEXTO 25 – O CHORO CHORADO DO GAROTO DE OURO

Rio, Segunda-feira, 15/11/93

Um grande desenho de corpo inteiro de Garoto, abraçado ao seu violão, ilustra esse artigo, tendo, no lugar do coração, o mapa do Brasil. O desenho é da autoria de Henrique Estevão.

O assunto central é a pessoa de Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto, criador de *Gente humilde* e do choro, modalidade preferida do músico.

João Antônio relembra momentos em que, ainda garoto, juntamente com o pai, conheceu e se apaixonou pelo choro, comparando-o ao jazz. Cita, ainda, várias composições, choros e sambas de Noel Rosa.

Além de ser perceptível a identificação de João Antônio com Garoto e outros músicos citados no artigo, tendo como ponto em comum o choro, há um outro ponto de identificação, o bilhar. Assim como Villa-Lobos e Arthur Moreira Lima, João Antônio foi admirador deste tipo de jogo, freqüentemente presente em seus contos.

Para João Antônio, Garoto foi um inovador que introduziu mudanças, revolucionando o samba, que culminaram na Bossa Nova. Mesmo com tamanha importância, no entanto, mais uma vez, “os de curta memória e os de memória nenhuma” ainda não se deram conta disso.

Nota-se, nesse texto, um trabalho diferenciado com a linguagem utilizada, está presente a linguagem “malandra”, ou como o próprio João Antônio adjetiva, *gingada*, que combina com as composições e temáticas abordadas nos choros de Garoto.

TEXTO 26 – O ENCANADOR QUE AMA A ROCINHA

Rio, Segunda-feira, 22/11/93

Uma enorme foto, retratando a visão das praias do Rio em contraste com a favela da Rocinha, ocupa quase metade da página do artigo. Inicia-se o artigo definindo o espírito do carioca, que é atraído pela rua, pela praia e não se adapta ao confinamento do “quarto e sala” e, para simbolizar o carioca humilde, pobre e enganado pelo governo, João Antônio elege Alcebíades, um morador da Cidade de Deus, um encanador informal.

Ao estilo de um cronista, João Antônio começa por delinear a praça Serzedelo Correia (onde ficava seu apartamento) com seus freqüentadores.

Nesse contexto é que João Antônio situa o cidadão Alcebíades, dependente do INPS, um cinquentão, que conheceu quando necessitou dos serviços de um encanador. Solteiro, puxando de uma perna, defendia alguns biscates para sobreviver.

Para João Antônio, Alcebíades é um dos muitos cidadãos que foram retirados da favela da Rocinha pelo governo, sendo transferido para a Cidade de Deus, com o argumento de que a favela deixaria de existir. Acabou indo morar num lugar pior do que aquele em que estava.

O escritor transforma as reclamações de Alcebíades em crítica sobre a má administração do Rio de Janeiro e aproveita as palavras do encanador para definir a ‘celestial’ cidade: “Cidade de Deus era também do diabo, dos ladrões e dos mendigos”.

A crítica também vem através de uma outra ilustração que chama a atenção do leitor: uma gravura mostrando “a única lei que vigora para os pobres no país”, isto é, ser surdo, mudo e cego.

TEXTO 27 – A SAÍDA DRAMÁTICA DE ‘MACUNAÍMA’

Rio, Sábado e Domingo, 27 e 28/11/93

Cinco fotos de Grande Othelo, em diferentes etapas de sua vida, ilustram esse artigo, publicado por ocasião da sua morte. Denominado nesse artigo “Macunaíma”, o ator reflete, conforme o texto, a nossa brasilidade, assim como Macunaíma é personagem síntese do brasileiro.

Poucos dias antes, João Antônio tinha dedicado um artigo à figura de Grande Othelo (vide texto n.º 24). Repete aqui algumas das informações biográficas e artísticas sobre o ator contidas no artigo anterior e acrescenta outras curiosidades, entre as quais a de que o apelido *Othelo* foi inventado pelo maestro italiano Felipo Aléssio.

João Antônio traça um breve panorama do que foi a vida do cidadão e do artista Grande Othelo, mencionando anseios, sonhos e algumas de suas frustrações, incluindo o preconceito racial, vivido pelo ator.

Aparecem transcritos depoimentos de vários artistas sobre Grande Othelo: Pery Ribeiro, Davi Neves, Orson Welles, Heloísa Helena, Ruth de Souza e Bibi Ferreira.

Com o subtítulo *A última viagem anunciada*, João Antônio repete a entrevista concedida por Othelo à *Tribuna Bis*, em 09/11/93.

TEXTO 28 – A LEMBRANÇA DE NÉLSON CAVAQUINHO PASSEIA PELAS RUAS DA CIDADE

Rio, Quarta-feira, 1/12/93

Uma grande foto de Néelson Cavaquinho, tocando violão, ilustra esse artigo.

À direita, tem-se a letra de *Degraus da vida*. Com saudades, João Antônio relembra como ele próprio chamava a figura do “passeador”, do “vira-Rio” Néelson Cavaquinho, comparando-o ao Gonzaga de Sá de Lima Barreto.

O crítico refere-se a Néelson Cavaquinho como pertencente a uma nata que sobrevive apesar da “boçalidade, dos carimbos, da corrupção e da pouca vergonha que humilham e apalham o Brasil”. Para comentar a figura de Néelson Cavaquinho, o articulista serve-se de palavras de José Ramos Tinhorão e Paulinho da Viola.

Néelson Cavaquinho é enquadrado na galeria dos “poetas que jamais chegaram à condição de serem impressos em livros”. Para o crítico, a vida do músico “era um ato de poesia”. Seu estilo é comparado ao de Garoto, com a diferença de que Néelson é “um poeta visceral”, enquanto Garoto é “um músico sofisticado”.

Ilustram o artigo outras composições de Néelson Cavaquinho: *A flor e o espinho*, *Luz Negra e Rugas*.

TEXTO 29 – AS VIDAS E A MORTE DE UM BOÊMIO

Rio, Terça-feira, 7/12/93

O artigo vem ilustrado pela foto destacada de Sérgio Milliet, quando jovem, com seu cachorro, pela caricatura da figura do escritor e por uma das raras fotos de Milliet já na idade madura.

Milliet é definido como “uma figura universalista”, ressaltando-se que sua participação na Semana de Arte Moderna de 22 foi casual, como atestou o próprio Milliet.

Em seus artigos, percebe-se que João Antônio, antes de pronunciar qualquer julgamento, mesmo os classificáveis como de caráter particular, não o faz sem antes consultar o que outros críticos consagrados dizem a respeito. Assim, nesse caso, utiliza apontamentos críticos de Antonio Candido, Mário da Silva Brito, Luís Martins, Mário de Andrade, Di Cavalcanti e outros.

No *box*, com o subtítulo *Um pouco de biografia*, o articulista destaca fatos significativos da vida do escritor Milliet, listando seus livros.

Em *Poemas e pensamentos*, outro subtítulo, João Antônio transcreve, à direita da foto de Milliet, o poema *Unidade* e a opinião do poeta sobre música, num procedimento

que se repete também em outros artigos, de modo que a poesia, a letra da música ou os pensamentos transcritos definam, por si próprios, o seu autor.

TEXTO 30 – BRASIL: O PAÍS DOS ENJEITADOS

Rio, Terça-feira, 14/12/93

Ilustra o artigo uma gravura de Aleijadinho, um dos “enjeitados”, conforme o crítico.

Uma vez mais, o artigo começa como um desabafo contra a “grande falta de vergonha” que há no Brasil, contra “a falta de memória”, ressaltando que “... há nos altos poderes do país uma velhice precoce, crônica e mofada” que desconhece, ignora e não valoriza os artistas da “gigantesca pátria amada” que não “tem sido mãe gentil com seus melhores filhos”.

Dentre os “enjeitados”, o artigo aborda três figuras importantes para a nossa cultura: Aleijadinho, a quem se dedica a maior parte do artigo, Antônio Fraga e Manoel de Barros. Centralizando o texto em Aleijadinho, João Antônio apela para a necessidade de valorização e conservação de nosso patrimônio cultural, apelo já feito anteriormente por vários outros intelectuais, como Mário de Andrade, que considerou Aleijadinho, “o fundador das artes brasileiras”. A linguagem utilizada por João Antônio para definir Aleijadinho e a importância de sua obra possui grande teor lírico.

Estabelece-se, nesse artigo, uma intertextualidade com outro publicado em 11 de outubro, onde trata do escritor Antônio Fraga, autor de *Desabrido*, utilizando como subtítulo *O mangue de Fraga*. Lembra ainda Noel Rosa, para mostrar que nosso país é “pródigo em sobejar talentos e esquecer o talento dos seus melhores filhos”, referindo-se a Aleijadinho e a Antônio Fraga.

O articulista refere-se, também, à peça de Fraga, *Moinho E*, ainda não montada, como prova de que “o Brasil desconhece o Brasil”, frase utilizada mais de uma vez pelo crítico em diferentes artigos.

João Antônio, queixando-se do eixo cultural do país ser Rio-São Paulo, num “país continental” como o nosso, refere-se ao poeta mato-grossense Manoel de Barros ao *Livro de pré-coisas*, definindo-o como uma “mistura monumental de construtor subversivo, bandido”, atribuindo a essa parte o subtítulo *O poeta do lixo*.

TEXTO 31 – O GRITO DOS GUERREIROS LOUCOS

Rio, Sábado e Domingo, 18 e 19/12/93

Em destaque, tem-se a foto de uma carreata, fenômeno comum em finais decisivas de futebol, ao lado de outros flagrantes de dentro do campo.

Uma das paixões de João Antônio, conforme atestam seus escritos, é o futebol. Esse artigo é dedicado a esta “paixão nacional”.

O artigo traz importantes reflexões do autor sobre o assunto. Algumas idéias merecem ser transcritas: “De si para si, e principalmente para os outros, todo torcedor é um valente intrépido, justo nas medidas, comedido e limpo nos juízos, firme em sua convicção”. Em futebol “é tudo magia e magia não se explica”. “Torcer é um amor que vai até a exaustão”. O grito de “gol” é mais que um grito de guerra, é o desabafo das frustrações e dos fracassos do cotidiano, é um código, “chave para muitas portas, até inconfessáveis”.

O articulista refere-se, ainda, a alguns times e suas respectivas torcidas, dando destaque à torcida do Flamengo, a que denomina “a maior das mulheres de malandro”.

Com o subtítulo *Um urubu para Hannover*, relata o episódio ocorrido com o cidadão Gabreno da Rocha, que insistiu em despachar um urubu para a Alemanha nos jogos da X Copa do Mundo. De acordo com Gabreno da Rocha, a ave era para “dar sorte” para a seleção brasileira que estava em posição desfavorável em relação aos demais adversários.

TEXTO 32 – GRACILIANO E AS PALAVRAS EXATAS

Rio, Segunda-feira, 27/12/93

O artigo contém três ilustrações: uma grande foto de Graciliano Ramos, em seu escritório, escrevendo em frente a uma pilha de livros, uma caricatura do mesmo escritor e por algumas de suas opiniões, definindo o que significa o ato criador para o “mestre alagoano”.

O artigo é dedicado ao escritor Graciliano Ramos, em comemoração aos 40 anos e à 25ª edição do livro *Memórias do cárcere*, lançado pela primeira vez em 1953, pouco tempo depois de sua morte.

O articulista traça um breve painel da vida de Graciliano, referindo-se a suas consagradas obras e ao estilo do escritor, a partir de considerações de críticos respeitáveis, como Nelson Werneck Sodré.

Compara a atitude de Graciliano Ramos, “revelar o nosso país”, à atitude assumida por Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha.

Com o subtítulo *Auto-retrato aos 56 anos*, o artigo reproduz um questionário, respondido por Graciliano, em 1948, para os *Arquivos implacáveis*. O estilo enxuto de Graciliano fica evidente nesse questionário, nas respostas elaboradas pelo escritor.

1994

TEXTO 33 – JOEL SILVEIRA, UM SENHOR REPÓRTER

Rio, Segunda-feira, 3/1/94

Em vinte artigos escritos em 1994, João Antônio optou por variar o tema, mais ao estilo de cronista que propriamente de crítico, sem no entanto esquecer da crítica inerente à sua escrita.

Esse artigo vem ilustrado por uma grande foto de Joel Silveira, revelando seu jeito simples. Ao lado direito, frases de Joel Silveira sobre a vida e a profissão de repórter.

Ao falar do colega de profissão, João Antônio se inflama, referindo-se ao fato de Joel apresentar-se simplesmente como repórter, apesar de ser escritor já consagrado. Refere-se a Joel com admiração pessoal, embora destaque seu valor enquanto escritor. Valendo-se dessa técnica bastante usada, o articulista transcreve parte de depoimentos de três escritores sobre Joel Silveira, com os subtítulos: *Fala Carlos Menezes; Fala José J. Veiga e Fala Rachel de Queiroz.*

Com o subtítulo *A obra completa* de Joel Silveira, o articulista lista as obras do escritor em questão. Em *Um pouco de biografia*, – parte comum em seus artigos – relata fatos curiosos da vida de Joel Silveira.

TEXTO 34 – DEIXEM FALAR: O RIO AINDA É CARIOCA

Rio, Sábado e Domingo, 8 e 9/1/94

Uma grande foto dos Arcos da Lapa ocupa parte de destaque na página e, abaixo, fotos de alguns dos moradores ilustres da cidade do Rio de Janeiro: Cartola, Pixinguinha, Manuel Bandeira, Noel Rosa, Francisco Alves e Carlos Drummond de Andrade.

Percebe-se aqui um João Antônio mais incisivo no uso da palavra, mais lírico, sem deixar, no entanto, de ser mordaz e nem resvalando para a pieguice. Ao estilo de um cronista, chama a atenção para um Rio que não é o dos cartões-postais. Em meio à onda de turismo cultural que invade a cidade, João Antônio teme pelo esquecimento ou mesmo a negligência de certos lugares, como o Largo da Carioca, a igreja e o convento

de Santo Antônio, a igreja de São Francisco da Penitência, a Glória do Outeiro, a Praça Paris, a de São Bento. Por isso traça o seu itinerário, um itinerário “carioca”.

Como subtítulo *Um visgo ancestral*, sugere um passeio pela Praça 15, pelo Arco do Teles e pelo Paço Imperial. Com o subtítulo *A glória da Lapa*, descreve o bairro da Lapa como “um território democrático” em que viveram gente da “cepa” nacional e internacional, citando vários nomes de artistas. Fala ainda sobre a música e seus músicos, já que a Lapa foi e é testemunha de vários deles, como Néelson Cavaquinho, Ismael Silva e outros, não se esquecendo, inclusive, de se referir ao período da *belle époque*.

TEXTO 35 – MANECO MÜLLER, O ÁRBITRO DA ELEGÂNCIA

Rio, Sábado e Domingo, 15 e 16/1/94

Esse artigo refere-se a Manoel Bernardez Müller, nascido em 1923, carinhosamente chamado de Maneco Müller ou de Jacinto de Thormes, o colunista. Vem ilustrado com duas grandes fotos de Maneco, uma dele jovem e outra, em idade mais madura, ambas ilustrando a decantada elegância do colunista.

Com o estilo costumeiro, João Antônio divide o texto em subtítulos: *A saga da duquesa*, *Um novo estilo*, *Sóbrio e sucinto*, nos quais traça um panorama da carreira do colunista, destacando fatos que julga mais significativos, como a receita do sucesso de Maneco: “falar das coisas leves com seriedade e das coisas sérias com leveza”.

Comenta a formação do colunista: de um lado “a cultura livresca ou sofisticada” e, de outro, a popular que não se aprende no colégio. Em sua opinião, Müller foi um escritor que “acabou dando certo”. Maneco foi se tornando Jacinto e se afirmando numa função que ainda não existia no Brasil, a de colunista.

Acima de todas as qualidades de Maneco, chama a atenção a sinceridade, principalmente em um país “cheio de dissimulações, desmandos e falências de caráter”. Mais uma vez, verifica-se o pessimismo do escritor frente à realidade sócio-política do Brasil.

TEXTO 36 – O PROCURADOR DO TEMPO PERDIDO

Rio, Sábado e Domingo, 22 e 23/1/94

Escrito por ocasião do aniversário de dois anos da morte de Mário Peixoto (o realizador de apenas um filme, *Limite*, filmado em 1931), esse artigo é ilustrado, em destaque, por uma das belas cenas que encantaram o cineasta Eisenstein e, mais abaixo, por foto de Mário Peixoto, acompanhada por uma de suas frases.

João Antônio tece comentários sobre a exposição *Cem dias de cinema universal*, ocorrida em 1950, quando *Limite* foi considerado um dos cinco melhores filmes do mundo, dividindo críticos, intelectuais e espectadores comuns, como toda obra renovadora e vanguardista.

Refere-se também à restauração de *Limite*, feita por Saulo Pereira de Mello, em 1972. Na avaliação de João Antônio, o filme teria sido fortemente influenciado pela vanguarda francesa de 30.

Destaca, ainda, outra faceta de Mário Peixoto, poeta e escritor, igualmente precoce e esquiva como a de cineasta. Seu livro de poemas *Mundéu*, publicado 1931, mereceu crítica elogiosa de Mário de Andrade. O romance *O inútil de cada um*, publicado em 1935, recebeu crítica favorável de Augusto Frederico Schmidt e de Manuel Bandeira. Foi relançado pela Record, em 1984, em seis volumes de aproximadamente quatrocentas páginas cada um.

João Antônio enquadra o escritor e cineasta na “família rara dos escritores que são procuradores do tempo perdido”, definindo-o como “escritor autônomo”, com “linguagem brasileira”.

TEXTO 37 – O SENHOR DO DRIBLE MAIS QUE PERFEITO

Rio, Terça-feira, 1/2/94

Esse artigo, ilustrado com uma grande foto do jogador Mané Garrincha em campo, é dedicado ao jogador a quem João Antônio define como “poeta do futebol”, aquele que “não olhou as coisas mas olhou para dentro das coisas”.

João Antônio não esconde a sua paixão pelo futebol, que vem estampada não apenas nos artigos de *Tribuna da Imprensa*, mas em outros jornais em que o escritor colaborou e inclusive em sua ficção. Nesse contexto, a admiração por Garrincha.

Com o subtítulo *O Charles Chaplin dos estádios*, João Antônio enumera poemas, romances e lances cinematográficos inspirados em Garrincha. Transcreve o

poema *Calígrafo louco solto no campo*, de Otoniel Santos Pereira, dedicado ao mestre Garrincha.

TEXTO 38 – O VERDADEIRO RETRATO DO ARTISTA

Rio, Sábado e Domingo, 5 e 6/2/94

Nesse artigo, João Antônio divulga a biografia referente a Augusto Frederico Schmidt que José Mário Pereira estava escrevendo. Em entrevista concedida à *Tribuna Bis*, o biógrafo prometia terminá-la para a comemoração, em fevereiro de 1995, dos trinta anos da morte do autor de diversas obras, como *Canto do brasileiro*.

Ilustram o artigo uma foto, em destaque, de Augusto Frederico Schmidt. À direita, *Soneto e Nunca mais*, poemas extraídos do livro *O caminho do frio*, e um desenho do escritor, assinado por Luís Jardim.

O objetivo da biografia de José Mário é, segundo ele, despertar um novo interesse pela obra de Augusto Frederico Schmidt, à medida que as pessoas se familiarizassem com ela.

No *box*, com o subtítulo *Manuel Bandeira parodia o colega*, transcreve-se uma composição de Bandeira, dedicada a Schmidt, abordando o valor da poesia na vida do poeta.

Numa segunda parte do artigo, com o subtítulo *O poeta Schmidt que eu conheci*, aparece a opinião de Hélio Fernandes sobre Augusto Frederico Schmidt.

TEXTO 39 – O INFERNO FICA EM JACAREPAGUÁ

Rio, Sábado e Domingo, 12 e 13/2/94

Mais uma vez, a veia do cronista de João Antônio vem à tona. Várias fotos ilustram as dificuldades e perigos enfrentados pelos moradores da Cidade de Deus.

João Antônio comenta o projeto de desfavelamento do Rio de Janeiro, que em vez de favorecer os cidadãos, acaba por trazer-lhes problemas ainda maiores. Refere-se aos moradores da favela da Rocinha que foram transferidos para a Cidade de Deus.

O crítico remete-se ao Rio do tempo de Lima Barreto, estabelecendo uma ponte com o Rio contemporâneo, mostrando que o subúrbio ainda é, reproduzindo palavras de Lima, “o refúgio dos infelizes”.

À semelhança de Alcebíades, o encanador, matéria do artigo de 22/11/93, João Antônio transmite as impressões negativas de uma senhora de pouco mais de 50 anos, a doméstica Anara Rita de Jesus, que saiu da favela da Rocinha, foi para a Cidade de Deus, mas foi “obrigada”, por causa dos ladrões, a deixar seu “barraco” comprado com tanto sacrifício. Diante de tal situação, Anara repete várias vezes que se pudesse voltaria para a favela.

O artigo comenta, ainda, o episódio da violenta invasão da Cidade de Deus pela polícia, em 28 de janeiro de 94, com tiros de escopeta, pedradas, bombas de gás e várias vítimas inocentes. O subtítulo resume a situação: *A polícia que mata mais que bandido.*

TEXTO 40 – PALAVRAS QUE O VENTO NÃO LEVOU

Rio, Segunda-feira, 21/2/94

Nesse artigo, João Antônio volta ao banquete comemorativo dos 50 anos de Graciliano Ramos. O artigo *Graciliano e as palavras exatas*, de 27 de dezembro de 93, já havia sido dedicado a Graciliano Ramos, tratando do mesmo tema.

A página vem ilustrada com fotos de algumas personalidades que estimavam e reconheciam o talento de Graciliano: Paulo Rónai, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Augusto Rodrigues, Rubem Braga e uma caricatura de Graciliano.

No artigo, o crítico comenta o discurso de saudação feito por Augusto Frederico Schmidt, dando, no entanto, maior destaque ao discurso de Rubem Braga.

Intitulado *Os anjos de cara suja do Catete*, essa parte contém impressões do passado, conversas de amigos e vivências pessoais de Graciliano Ramos, transcritas na íntegra para o artigo.

TEXTO 41 – O SARCASMO DE UM DIABO JOVIAL

Rio, Sábado e Domingo, 26 e 27/2/94

Esse artigo é dedicado à figura do crítico impressionista, Agripino Grieco, por ocasião do aniversário de 20 anos de sua morte, aos 80 anos, em 25 de agosto de 1973. O texto vem ilustrado por uma grande foto do crítico. À direita, tem-se a opinião de diferentes críticos sobre Grieco.

O artigo reitera uma característica de Grieco: “sua ironia em disponibilidade não escolhia alvo”. Seu livro *Carcaças gloriosas* é dedicado à crítica “nada complacente dos acadêmicos da década de 30”. O sarcasmo de Grieco que não poupa, de um lado, personalidades como Herbert Moses, pode, no entanto, ser justo com personalidades como Graciliano Ramos, através de elogios a *Caetés*.

Ao lado da foto de Agripino Grieco, aparecem fragmentos de opiniões sobre o crítico. Antônio Callado se refere a ele como “um artista”. Para Otávio Malta, Agripino é “um homem que sempre escreveu de verdade”. Hélio Silva afirma que “não houve em seu tempo e não haverá fora dele quem tenha elevado tanto a dignidade de escritor, a rebeldia contra os fetiches”. Nas palavras de João Antônio, “num país visceralmente avesso ao exercício da crítica” não pode ser negada a importância de Agripino Grieco.

Em destaque e com o subtítulo *Um pecado dos tempos de rapaz*, João Antônio comenta o livro *Ânforas*, transcrevendo dele o poema *Copo de Cristal*.

TEXTO 42 – UM MESTRE DA SANTA IRREVERÊNCIA

Rio, Segunda-feira, 7/3/94

Uma grande foto de G. K. Chesterton, em uma janela de seu casarão na Inglaterra do século XIX, e, à direita, *pensamentos de um autor paradoxal* ilustram esse artigo de João Antônio.

O artigo divulga a reedição da coletânea de ensaios *Doze tipos*, de Chesterton, pela editora Topbooks, com tradução de Ivan Junqueira. A tradução de Ivan Junqueira foi criticada pelo articulista Marcelo Coelho na *Folha de S. Paulo*. Para esquentar a polêmica, João Antônio transcreve a resposta de Junqueira a Marcelo Coelho, com o subtítulo *Crítico grosseiro e desinformado*. Endossando as palavras de Junqueira, apresenta, ainda, a opinião de José Mário Pereira, da Topbooks, com o subtítulo *Coelho e sua cultura de fichário*.

TEXTO 43 – A DAMA PROCURA UM CAVALHEIRO

Rio, Terça-feira, 15/3/94

Uma grande foto do Rio, focalizando Copacabana, ilustra esse artigo. Uma vez mais, o autor desabafa sua mágoa, afirmando que poucos defendem “a metrópole hospitaleira” dos maus cariocas que, depois de bem instalados, falam mal da Cidade Maravilhosa.

Nesse artigo, vemos em João Antônio um cronista irritado com o procedimento dos poderosos e revoltado com o tratamento que eles dão ao Rio e ao povo que depende deles: “vão mutilando e emporcalhando o Rio de Janeiro”.

Dividido em duas partes, *A dama procura um cavalheiro* e *Os defensores do Rio de Janeiro*, na primeira há uma queixa que João Antônio faz dos filhos de imigrantes que ascenderam ao poder e se dão ao luxo de falar mal da cidade. Para ele, estes mostram-se “sem raízes, sem emulações nativas, sem sentimento de brasilidade” e os planos elaborados por eles apenas têm efeito de “cosmético” no Brasil, porque mudanças efetivas e sociais jamais ocorrem.

Na segunda parte, cita alguns defensores do Rio: Antônio Maria, Lima Barreto, Sérgio Porto, João do Rio, detendo-se mais na figura de Antônio Maria, admirador do Rio, apesar de não ter nascido ali. Ilustrando esta parte, temos fotos de Antônio Maria e Sérgio Porto, acrescidas da caricatura de Lima Barreto.

TEXTO 44 – O APÓSTOLO DOS NOVOS TEMPOS

Rio, Terça-feira, 22/3/94

Duas fotos ilustram o texto de João Antônio: uma de Luciana Stegagno Picchio e outra do escritor Murilo Mendes.

Esse artigo trata da entrevista da professora Luciana Stegagno Picchio à *Tribuna Bis*, por ocasião do lançamento, no Brasil, do livro *Murilo Mendes – poesia completa e prosa*, pela Nova Aguilar, organizado por ela.

Durante a entrevista, foram abordados temas a respeito de Murilo: sua modernidade; o aspecto religioso de sua obra; pontos de contato entre ele e Drummond; a fase hermética do escritor; a posição da obra muriliana dentro da literatura brasileira etc.

Luciana e o marido conviveram com Murilo durante 18 anos, tendo o poeta e a pesquisadora trabalhado juntos na mesma universidade como professores. Luciana viu nascer todos os escritos de Murilo compostos em Roma. Na literatura brasileira, Luciana resume: “Murilo é um caso singular”.

Com o subtítulo *O menos provincial entre os nossos escritores*, João Antônio faz um apanhado geral de fatos que marcaram a vida do poeta, desde seu nascimento em Minas Gerais, a 13/5/1901, até o infarto do dia 13/8/75, que provocou sua morte.

Também aparecem transcritos um trecho do poema *Jandira* e a entrevista que Murilo Mendes concedeu ao escritor Marcel Proust, em 1962.

TEXTO 45 – UM CASO RARO DE FIDELIDADE À CRÍTICA

Rio, Segunda-feira, 28/3/94

O artigo trata de Wilson Martins, que desde os anos quarenta vem produzindo artigos sem interrupção, sendo considerado “um dos mestres do pensamento brasileiro”. Trata-se da divulgação do lançamento do sexto volume da coleção de crítica literária *Pontos de vista*, de Wilson Martins e editada pela T. A. Queiroz.

Uma grande foto de Wilson Martins ilustra o artigo, acompanhada de outras menores de Guimarães Rosa, Josué Montello e Mário de Andrade.

Após citar algumas obras do crítico, o artigo reproduz a entrevista de Wilson Martins concedida à *Tribuna Bis*, na qual são abordados vários temas: os acertos e erros cometidos no exercício da crítica; a possibilidade de a crítica ter-se recolhido ao âmbito das publicações acadêmicas; sua opinião sobre a crítica literária no Brasil; a existência de uma literatura feminina em nosso país; quais seriam os grandes *esquecidos* da literatura brasileira; se nossa literatura e arte estariam à altura de nossa densidade dramática e o espaço reservado à crítica no Brasil.

Finalizando, o crítico entrevistado opina que não temos disposição para afirmar a nossa personalidade por sermos um “país de imitadores” e que nossa língua reflete “profunda desnacionalização mental”.

TEXTO 46 – UM MANIFESTO SOBRE O TRÁGICO

Rio, Segunda-feira, 11/4/94

Nesse artigo, João Antônio destaca o lançamento, pela Topbooks, do livro *Graciliano Ramos – O manifesto do trágico*, de Paulo Mercadante, trazendo uma entrevista com o autor.

Uma grande foto de Paulo Mercadante ilustra o artigo. À direita, excertos críticos de Antônio Olinto e Juscelino Kubitschek sobre ele e, logo abaixo, duas fotos menores, de Graciliano Ramos.

O artigo está dividido em duas partes. A primeira, *Um manifesto sobre o trágico*, consiste em uma apresentação de Graciliano Ramos, suas obras e seu valor literário, segundo Paulo Mercadante.

A segunda parte, *A estrutura operística de um regente teatral*, traz a entrevista de Mercadante à *Tribuna Bis*. Vários assuntos são abordados, desde o relacionamento entre Mercadante e Graciliano, até questões políticas e sociais em que este escritor esteve envolvido.

Encerrando o artigo, João Antônio transcreve um *Trecho de ‘A morte de Baleia’*, capítulo segundo de *Graciliano Ramos – O manifesto do trágico*, no qual Paulo Mercadante desenvolve e esmiuça a sua visão de catarse no romance *Vidas secas*.

TEXTO 47 – A UTOPIA DO BAILARINO ENCAPUZADO

Rio, Sábado e Domingo, 16 e 17/4/94

Nesse artigo, João Antônio preocupa-se em avaliar a arte brasileira contemporânea de modo global, para depois centralizar-se em Álvaro Caldas.

O artigo vem ilustrado com uma grande foto de um bailarino, à direita, e trechos do livro *Balé da utopia*, lançado pela editora Objetiva, ponto catalisador do artigo, com o qual Álvaro Caldas estreou como romancista.

João Antônio traça a trajetória profissional de Caldas, que sempre esteve envolvido com a escrita, trabalhando praticamente em todas as redações de jornais do Rio, sem contudo, deixar de produzir ficção, como, por exemplo, o romance *Tirando o capuz*, editado pela Codecri.

Na segunda parte do artigo, *Resistência no compasso de Nijinsky*, temos a entrevista de Álvaro Caldas concedida à *Tribuna Bis*. Nela, o escritor fala sobre o

romance *Balé da Utopia*, escrito a partir de sua vivência política e de sua experiência de escrita enquanto repórter.

TEXTO 48 – AGORA É QUE O BICHO ESTÁ PEGANDO

Rio, Segunda-feira, 25/4/94

Novamente João Antônio assume a postura de um cronista, dedicando-se a comentar uma prática que já faz parte da cultura do povo brasileiro: o jogo do bicho.

O artigo traz a foto do bicheiro Castor de Andrade e, ao lado, assinada por Henrique Estevão, uma caricatura enorme de um “senhor” do jogo do bicho, sendo aclamado por figuras diminutas, simbolizando o povo brasileiro.

É interessante observar que João Antônio procura adequar sua linguagem ao conteúdo do artigo. Vemos, no texto, o uso de palavras como *lero* e o trocadilho com as palavras *o bicho está pegando*, que tornam a linguagem mais leve e malandra, ao estilo da linguagem das pessoas simples que praticam este tipo de jogo.

O artigo ironiza o poder que o jogo tem em relação aos conhecimentos que “os maiores doutores de informática” possuem. Traça um pequeno quadro histórico do jogo do bicho, provando que não se trata de um fenômeno somente urbano e sim de uma “obsessão” do carioca. Mostra como o jogo do bicho saiu das ruas e foi para a literatura, o cinema, a música, o teatro, a TV, chegando até “financiar” o futebol e as escolas de samba.

TEXTO 49 – CAYMMI, OITENTÃO, NA FORÇA DA DOÇURA

Rio, Sábado e Domingo, 30/4 e 1/5/94

O artigo vem ilustrado com uma grande foto de Dorival Caymmi, aos 80 anos, e por outras menores, de épocas diferentes, em que o compositor baiano aparece com a família e amigos seus. Também vêm transcritas as letras de duas canções: *O que é que a baiana tem?* e *Você já foi à Bahia?*. Trata-se da divulgação do lançamento de *Songbook Caymmi* e as homenagens a ele prestadas por diversos outros músicos, nessa ocasião.

Inicialmente, traça um breve painel da vida musical do “poeta do mar”, ressaltando o seu êxito prolongado, apresentando, depois, com o subtítulo *A pintura na*

vida do cantor, o pintor Caymmi que, com “as mãos hábeis habituadas à criação de melodias, inventam também formas, volumes, cores no cavalete”, sem, no entanto, abandonar suas canções pela pintura.

TEXTO 50 – MÃE EM PROSA E VERSO

Rio, Sábado e Domingo, 7 e 8/5/94

Uma grande foto de uma mulher grávida ilustra o artigo que, não obedecendo ao esquema costumeiro, vem sem retranca. Nele, João Antônio trata da figura da mãe que tem freqüentado a literatura e as artes em variados gêneros e sentimentos, de Górkki a Graciliano Ramos.

O crítico explora este assunto de maneira diversa dos demais artigos. Faz uma espécie de introdução, apresentando, em seguida, uma série de poemas sobre a figura da mãe: poemas de Paul Verlaine, Mauro Mota, Augusto dos Anjos, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira são transcritos para a página impressa. Trata-se de um texto montado a partir de fragmentos de outros escritores, onde a voz de João Antônio aparece apenas para juntar os textos selecionados, ao contrário do que ocorre em outros artigos seus.

Com o subtítulo *A oficialização da festa*, o artigo fala sobre a oficialização do Dia das Mães, no segundo domingo do mês de maio, a exemplo dos Estados Unidos.

TEXTO 51 – ZICARTOLA, O TEMPLO DO SAMBA

Rio, Sábado e Domingo, 14 e 15/5/94

Uma enorme foto de Angenor de Oliveira, o Cartola, ilustra o artigo, margeada por outras menores do sambista, com um copo na mão. Abaixo, temos uma foto menor de Dona Zica, companheira do compositor.

Nesse artigo, João Antônio utiliza uma linguagem muito próxima do falar do morro, do sambista “malandro” como Cartola, conhecedor do universo das pessoas simples que freqüentavam o Zicartola; linguagem *gingada* e evidenciada em vocábulos como “Manga” (Mangueira), cutuba, porreta, lero, cabrocha, quiquiricagem...

O articulista externa sua admiração por Cartola e sua indignação pela invasão dos “intelectuais” ao templo do samba, o Zicartola, casa de samba, na rua da Carioca, 53.

Com o subtítulo *Um pouco de biografia*, aparecem acontecimentos significativos da vida de Angenor de Oliveira.

TEXTO 52 – NÁSSARA, 84 ANOS DE BOM HUMOR

Rio, Sábado e Domingo, 21 e 22/5/94

João Antônio dedica esse artigo a Antônio Gabriel Nássara, definindo-o como um “Caricaturista, jornalista, campeão de carnavais, boa voz, rápido falar. Carioca. Tem muito a contar de política e futebol”. Uma enorme foto sua ilustra este artigo, com mais três de suas caricaturas. Um depoimento de Jaguar, que foi o responsável por Nássara ter voltado à ativa, vem destacado em itálico e negrito, à direita do artigo.

Na entrevista concedida à *Tribuna da Imprensa*, Nássara aborda temas como a originalidade, o valor da caricatura em sua vida, o surrealismo brasileiro, a nossa música popular etc.

Finaliza a entrevista, falando de seu trabalho no *Pasquim*, quando, motivado por Jaguar, voltou a desenhar após os 70 anos de idade.

Com o subtítulo *Um passeador da cidade do Rio*, João Antônio aborda o lado “passeador e rueiro” de Nássara, na cidade do Rio de Janeiro. Destaca os jornais e revistas com os quais o caricaturista colaborou, ressaltando, ainda, outras atividades de Nássara como músico, locutor e, de acordo com o articulista, o mérito de ter sido um dos pioneiros na composição de *jingles*.

TEXTO 53 – AS OUTRAS LEIS DE GÉRSON, O CAMPEÃO

Rio, Sábado e Domingo, 28 e 29/5/94

Duas grandes fotos ilustram o artigo: uma de Gérson em campo, no final de 60, no Botafogo e outra às vésperas da conquista do “tri”.

Uma vez mais, João Antônio volta ao futebol, uma de suas paixões, tratando do jogador Gérson. O artigo enfatiza que a frase “Gosto de levar vantagem em tudo,

certo?”, pronunciada pelo jogador na propaganda do cigarro Vila Rica, acabou associando-o ao “vale tudo”, tão comum no Brasil em quase todos os setores, de forma injusta.

Alternando esse assunto com a biografia do jogador, João Antônio revela o verdadeiro caráter de Gérson, desmistificando ser ele o criador da lei às avessas que preconiza tudo poder ser feito, não importa como.

Na segunda parte, com o subtítulo *Visceralmente familiar*, João Antônio tenta definir o cidadão Gérson, mostrando-nos um jogador responsável, solidário e amoroso com o futebol e com seus familiares, qualificando-o como “pai apaixonado, bom marido e ótimo filho”.

TEXTO 54 – FAULKNER, O MESTRE DA FÚRIA E DO SOM

Rio, Sábado e Domingo, 4 e 5/6/94

Uma grande foto de Faulkner e, à direita, algumas frases suas ilustram esse artigo de João Antônio, por ocasião da republicação de *Três novelas de William Faulkner – Cavalo malhado, O velho e O urso*.

Na retranca, o articulista apresenta, de forma sucinta, William Faulkner, o Prêmio Nobel de Literatura em 1950, e suas três novelas.

O artigo se constrói através de um jogo de comparação entre a literatura e o futebol, afirmando que Faulkner “escrevia como um jogador de futebol, dos raros...”, associando o escritor a vários nomes famosos de nosso futebol. Além disso, João Antônio traça um painel da literatura de Faulkner e de seu estilo, em obras como *O som e a fúria*; *Luz de agosto*; *Palmeiras selvagens*; *Oração para uma negra*.

Com o subtítulo *Estranho, aventureiro e alcoólatra*, o articulista resume a vida de Faulkner, retomando a primeira obra, *O pagamento dos soldados*, quando o escritor abandonou definitivamente a poesia para dedicar-se à prosa. João Antônio não concorda com o adjetivo “alcoólatra” atribuído ao escritor e defende que um artista do peso de Faulkner e com a consistência da obra que possui não poderia escrever “bêbado”.

Para analisar o escritor, o articulista vale-se de comentários críticos de Jean-Paul Sartre sobre o escritor em questão, procedimento comum também em outros artigos.

TEXTO 55 – A LUTA DESIGUAL DO LIVRO NO BRASIL

Rio, Sexta-feira, 10/6/94

Esse artigo de João Antônio vem ilustrado pela foto, em destaque, de Fábio Lucas, presidente da União Brasileira de Escritores.

Fábio Lucas concede entrevista à *Tribuna Bis*, abordando assuntos como a cultura e o governo Collor, o jornalismo cultural brasileiro, o público leitor de nossos escritores, subsídios para a produção literária. Para Fábio Lucas, o governo Collor caracterizou-se pelo “desmantelamento dos poucos e precários canais de manifestação culta do país”.

Concordando com o entrevistado, João Antônio denuncia a “ausência de uma firme política cultural para o país”. Fábio Lucas, por sua vez, complementou a reflexão, referindo-se à manipulação dos leitores que “engolem” os importados sobre esoterismo, magia, misticismo, auto-ajuda etc. ao passo que são reduzidos “a indigentes nossos próprios escritores”. Quanto à solução, Fábio Lucas arrisca uma receita: “Educação intensiva. Com analfabetos não se constróem cidadãos livres e cultos”.

Com o subtítulo *Sobre Fábio Lucas*, o articulista elenca as diferentes funções exercidas por Fábio ao longo de sua vida profissional e algumas das 27 obras por ele publicadas, como *O caráter da ficção do Brasil; Vanguarda; História e Ideologia da Literatura; Minerações e Cartas a Mário de Andrade*.

TEXTO 56 – A POESIA É MAIS QUE NECESSÁRIA

Rio, Terça-feira, 21/6/94

Em uma extensa retranca, João Antônio questiona “o que podem a poesia e o poeta nestes dias”. Esse artigo é ilustrado por Henrique Estevão, com desenho mostrando uma grande boca de garrafa derramando uma espécie de seiva sobre um livro do qual brota uma flor.

Reconhecido ficcionista, João Antônio sempre demonstrou grande interesse pela poesia, gênero freqüentemente discutido em vários de seus artigos. Estabelecendo um recorte mínimo nos temas universais abordados pela poesia, ele escolhe “multidão”, servindo-se da reflexão de Paulo Mendes Campos sobre o poeta W. H. Auden. Destaca,

ainda, conceitos e impressões sobre este tema e complementa-o através de pensamentos de Lima Barreto e Graciliano Ramos.

O articulista menciona também a “perda irreparável” de Mário Faustino, tanto para a poesia como para o ensaísmo brasileiro. Mário morreu aos 32 anos, deixando apenas um livro publicado, *O homem e sua obra*. Cita também o livro *Cinco ensaios sobre poesia de Mário Faustino*, de Assis Brasil, publicado após a morte de Faustino e do qual extrai alguns excertos nos quais se discute o que é poesia e quem é o leitor de poesia.

Ao lado da ilustração de Henrique, com o subtítulo *O poeta dentro do seu tempo*, transcreve-se dois poemas: *Camelô*, de Manuel Bandeira e *Mercado São Pedro*, então inédito, de Paulo Maldonado.

TEXTO 57 – A VERDADEIRA IMAGEM DE UM HERÓI

Rio, Sábado e Domingo, 25 e 26/6/94

O artigo tem o objetivo de divulgar o lançamento, pela Civilização Brasileira, da obra *Ter e não ter*, de Ernest Hemingway, sendo ilustrado com várias fotos que refletem as diversas mudanças fisionômicas do autor de *O velho e o mar*. Esse livro de Hemingway, de 1937, recebeu tradução para o português apenas em 1994.

Com o subtítulo *A perda da razão* e texto destacado do resto do artigo, João Antônio traça um painel da vida do escritor, ressaltando fatos mais significativos de sua existência, até seu suicídio.

Em *Momentos e frases*, o articulista transcreve alguns dos pensamentos do autor de *Por quem os sinos dobram*, de forma a mostrar Hemingway por suas próprias palavras.

TEXTO 58 – JAGUAR, O PISTOLEIRO DO ENTARDECER

Rio, Quinta-feira, 7/7/94

João Antônio dedica esse artigo a Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe – o Jaguar –, caricaturista, compositor e marco na história do desenho de humor no país,

mencionado algumas vezes, em outros artigos seus. Completando a homenagem, o artigo é ilustrado por desenhos feitos pelo próprio humorista.

O artigo relata alguns episódios da vida de Jaguar, como quando foi preso e condenado pelo Ato Institucional Número 5 e seu trabalho como caricaturista na *Tribuna Bis*. Traz, ainda, um excerto do texto de Paulo Mendes Campos sobre Jaguar, onde se explicita a amizade entre ambos.

É interessante observar a disposição gráfica deste artigo, dividido em “atos”. No ato número 1, aparece o desenho de um violinista em plena ação, vindo depois, o título do artigo. No ato número 2, temos o mesmo violinista, desta vez decepcionado porque seu violino quebrou-se ao meio. Separando a cena *feliz* da *infeliz*, vê-se o mapa do Brasil e um cão que ataca o próprio dono. No rodapé, uma ilustração mostra a máquina engolindo o homem. Ilustração e conteúdo casam-se, revelando a trajetória do brasileiro Jaguar e seu espírito crítico.

Na segunda parte do artigo, com o subtítulo *O chargista que não sabe desenhar*, o articulista relata a interessante trajetória do moço que esteve doente da adolescência aos vinte anos, que trabalhou no Banco do Brasil e que ilustrou a maioria dos livros de seu colega de banco, Stanislaw Ponte Preta.

TEXTO 59 – A LITERATURA NÃO ESTÁ CORRENDO ATRÁS DA BOLA

Rio, Sábado e Domingo, 16 e 17/7/94

Esse artigo de João Antônio vem ilustrado por duas fotos grandes de Mané Garrincha e, no canto esquerdo, por fotos menores de Néelson Rodrigues e Paulo Mendes Campos, com seus respectivos comentários sobre o futebol.

Uma vez mais, João Antônio funde literatura e futebol, desta vez mostrando que o futebol ainda não recebeu devida atenção a nível estético, literariamente falando. Dentre os diversos temas cuja ausência sente-se em nossa literatura, chama a atenção o futebol. Aparecem, no texto, trechos esparsos como *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, e *À sombra das chuteiras imortais*, de Néelson Rodrigues, obras que, entre outras, abordam o tema *futebol*.

Freqüentemente, percebe-se um profundo ressentimento de João Antônio quanto à indiferença atribuída a Mané Garrincha, aspecto que, segundo o escritor, é procedimento comum num país como o nosso em que rapidamente se esquece das

figuras mais significativas de nossa arte. João Antônio já tinha dedicado a Garrincha o artigo de 1/2/94, *O senhor do drible mais que perfeito*.

Com o subtítulo *Um pouco do que se pensa sobre futebol*, o articulista apresenta a opinião de dois escritores sobre o futebol, Néelson Rodrigues e Paulo Mendes Campos.

Embora tivesse sempre a página inteira da *Tribuna Bis* à sua disposição, nesta ocasião parte da página foi “invadida” por um edital referente ao concurso público da Furnas Centrais Elétricas S/A.

TEXTO 60 – ALMIR, O GUERRILHEIRO PERNAMBUQUINHO

Rio, Sábado e Domingo, 23 e 24/7/94

Um grande desenho do jogador Almir Morais Albuquerque, feito por Henrique Estevão, ilustra este artigo, no qual jogador e bola estão envolvidos e totalmente ligados por uma aura de energia.

De volta ao tema futebol, o artigo trata do jogador que “não é um relógio ou uma coisa. É um ser humano sujeito às voltas da precariedade como todo ser humano”. Dentre os jogadores, destaca-se Almir, o Pernambuquinho.

À semelhança do artigo anterior, João Antônio reclama da falta de atenção por parte da literatura e outras manifestações artísticas a este esporte. A crônica esportiva, para o articulista, fica somente no “falar ou escrever apenas sobre as cristas da onda do futebol brasileiro” e confirmando seu ponto de vista, cita o trabalho que fez para uma editora sobre o perfil de Roberto Rivelino.

O artigo expõe os esquemas sórdidos que existem por trás do espetáculo ocorrido em campo e transcreve palavras de Pernambuquinho sobre Pelé, publicadas em *Eu e o futebol*.

João Antônio encerra seu artigo, confirmando sua paixão pelo futebol e seu ressentimento quanto à opção que resta ao jogador de futebol: ter nesta arte o seu único meio de expressão.

TEXTO 61 – A SOLIDÃO A UM, A DOIS, A MUITOS

Rio, Segunda-feira, 25/7/94

Duas grandes fotos produzidas pelo fotógrafo Paulo Makita ilustram este artigo. Uma, no início da página, mostra uma mulher solitária e cabisbaixa, na sacada de um prédio, e outra, de um senhor, também só, sentado, olhando a multidão na praia, ocupando todo o fim da página impressa.

Dentre os tantos temas universais da arte, João Antônio dá especial destaque à *solidão*, afirmando que “tolera-se até a presença do inimigo, mas a solidão pode ser inagüentável... E dói enquanto dura”. A propósito da solidão, o articulista transcreve um trecho de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, versos de Mário de Andrade e de Drummond, letra de música de Néelson Cavaquinho e comenta a obra de Dalton Trevisan. Utilizando-se de personagens – ficcionais ou não – o articulista vai reproduzindo “conceitos” e vivências a partir dos quais cada um tenta definir, a seu modo, a solidão.

TEXTO 62 – PARA NÃO TER QUE ACABAR DANÇANDO UM TANGO ARGENTINO

Rio, Sáb. e dom., 30 e 31/7/94

Esse artigo divulga a antologia *Viver de rir*, que estava sendo lançada pela Record, com seleção, tradução e introdução de Flávio Moreira da Costa, antologia que reúne histórias curtas de escritores brasileiros e estrangeiros.

O artigo vem ilustrado com uma foto, em destaque, de Flávio Moreira da Costa e todo o lado direito margeado com apontamentos de alguns escritores e/ou críticos sobre Flávio e sua obra. O articulista aponta a atuação de Flávio Moreira da Costa como contista, romancista, tradutor, crítico literário e jornalista.

Em entrevista concedida à *Tribuna Bis*, Flávio define os tipos de humor com que trabalhou em sua antologia: “humor-sátira de Averchenko; o humor-parábola de Vlas Dorochevitch e de Machado de Assis; o humor crítico-de-costumes, de O. Henry” e outros que Flávio vai adjetivando e relacionando ao respectivo escritor, explicando também o porquê da antologia e da escolha do “humor”.

No *box*, e com o subtítulo *Bibliografia*, João Antônio cita obras do autor. Em *O autor e a crítica*, transcreve notas de críticos e/ou escritores sobre Flávio Moreira da Costa e sua obra.

TEXTO 63 – A FEBRE DA CONSCIÊNCIA NACIONAL

Rio, Segunda-feira, 8/8/94

O artigo vem ilustrado com algumas fotografias: uma de Vianinha, anunciando a peça *Eles não usam black-tie*, outra das três edições de *Violão de rua* e do primeiro disco com selo da UNE, outra de Roberto Freire e Ferreira Gullar, em 63, e outra do prédio da UNE, em 64, destruído pelo fogo.

O objetivo é divulgar o lançamento, pela Nova Fronteira, do livro da jornalista e atriz Jalusa Barcellos, *CPC da UNE – Uma história de paixão e consciência*, no qual aparecem depoimentos de 32 participantes do histórico Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, que durou de dezembro de 1961 a 1º de abril de 1964, livro que, na opinião do articulista, reavivará a recente memória do Brasil.

Com o subtítulo ‘*Uma história de paixão...*’, João Antônio transcreve depoimentos de Cacá Diegues, Nelson Xavier, José Serra, Carlos Vereza, Herbert de Souza, Caio Graco, Lindbergh Farias e Moacir Félix sobre o CPC.

Em outro subtítulo, *A fábrica de cabeças pensantes*, utilizando palavras de Ênio Silveira, João Antônio explica o que foi o CPC, um departamento cultural dentro da UNE, formado por artistas e estudantes cujo objetivo era “agitar a massa universitária e conscientizá-la dos grandes desafios que tinha diante de si para acordar a nação”.

Finalizando, com o subtítulo *Lembranças de um furacão*, o articulista transcreve a entrevista de Jalusa Barcellos à *Tribuna Bis*, onde ela relata que a obra originou-se de uma pesquisa, solicitada por Carlos Miranda para uma publicação chamada *Revista Dyonisios*. Declara também que o fato de ser ex-militante do extinto PCB influenciou seu trabalho e que um dos aspectos do livro que mais a sensibiliza é poder “mostrar às novas gerações o quanto a consciência (e a militância) política foram (e podem ser) decisivas na atuação do homem diante do seu destino”.

TEXTO 64 – SESSENTA MINUTOS NO FORMIGUEIRO HUMANO

Rio, Quinta-feira, 18/8/94

Ocupando o fim da folha e ilustrando esse artigo, vê-se uma foto panorâmica de São Paulo. No centro da página, em foco menor, a foto de um dos prédios da mesma cidade.

João Antônio dedica esse artigo à cidade de São Paulo e à divulgação do filme que a RDA, uma das grandes emissoras da Alemanha, preparou sobre São Paulo para o canal teuto-francês *Arte*, por ocasião da 46ª Feira de Livro de Frankfurt.

O escritor foi convidado a participar desse vídeo para gravar depoimentos sobre alguns cenários em que se desenvolvem seus contos na “cidade-grande”. Com o subtítulo *País surrealista*, relata o interesse dos alemães em conhecer o roteiro da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, já conhecida por eles. Traça, então, um itinerário da São Paulo pobre, dos trabalhadores marginalizados, falando da cidade de forma enxuta.

Com outro subtítulo, *Sem mentiras*, o articulista comenta a autenticidade do vídeo que foi gravado, declarando que “por ali passeia a câmara da RDA alemã que foi a São Paulo ver luzes noturnas e diurnas e sofrer o frio em espaços e locais que vão do primeiro ao oitavo mundo”, mostrando São Paulo “sem folclorização”.

Em destaque, o subtítulo *O chantilly e a massa do bolo*, no qual o escritor descreve como seria a 46ª Feira de Livros de Frankfurt, quando o “Brasil esteve numa posição rara, a de centralizar as atenções e os interesses editoriais maiores do planeta”.

Nas palavras de João Antônio, tudo o que foi feito pela RDA é para mostrar que “São Paulo que não tem uma cara, uma cara só, tem momentos em que sintetiza o Brasil e suas contradições difíceis de se acreditar”.

TEXTO 65 – A FESTA DE MARIA JOSÉ

Rio, Segunda-feira, 22/8/94

Esse artigo vem ilustrado com a foto de alguns pratos da gastronomia presentes na literatura. O objetivo é divulgar o livro de Maria José de Queiroz, *A literatura e o gozo impuro da comida*, lançado pela Topbooks e definido pelo articulista como “um livro que mistura sedução e seriedade num longo passeio de investigação sobre a própria cultura ocidental”.

Para o crítico, o livro de Maria José é um banho de cultura, um desdobramento de informações, de análise e mesmo de pensamento sobre gastronomia, glotonaria, frugalidade e até fome. Lista, em seguida, vários escritores e algumas obras que são

trabalhadas por Maria José em seu livro, como Rabelais, Cervantes, Goethe, Eça de Queirós, Machado de Assis, Raul Pompéia, Mário de Andrade, Jorge Amado, Pedro Nava, Érico Veríssimo etc.

Margeando o lado direito da folha impressa, aparecem apontamentos críticos de Isaac Cohen, Paulo Mendes Campos, Pedro Nava, Otto Lara Rezende, Franklin de Oliveira e Moacir Werneck de Castro, sobre o livro resenhado, confirmando a opinião de João Antônio.

Com o subtítulo *Uma ensaísta do mundo*, João Antônio constrói um breve painel da vida profissional da escritora, destacando os fatos mais significativos, mencionando seus artigos, ensaios, sua obra de ficção e poética.

TEXTO 66 – UM ESPIÃO DO VIVER COTIDIANO

Rio, Sáb. e dom., 27 e 28/8/94

Esse artigo é dedicado a Rubem Braga e ilustrado com uma grande foto do cronista, descansando em uma rede. Seu objetivo é divulgar a publicação de um volume sobre ele, organizado pelo ensaísta e crítico Jorge de Sá, lançado pela Agir.

Mais uma vez, João Antônio queixa-se da pouca importância que se deu à morte de Rubem Braga, em 1990, à semelhança do que ocorre com outros tantos escritores.

João Antônio compara o valor do cronista a outros escritores e cronistas brasileiros, ressaltando que Rubem não perdia em nada para seus companheiros escritores.

Com o subtítulo *Conversa do 'bruxo' com o prosador* e ilustração com uma foto de Machado de Assis, transcreve um trecho da *Entrevista com Machado de Assis*, de Rubem Braga. Machado de Assis, 50 anos após a sua morte, é ficcionalmente entrevistado, num programa de TV, por Rubem Braga. As respostas são frases que foram retiradas das crônicas, contos e romances, escritos por Machado de Assis.

O articulista cita fatos, em ordem cronológica, que transportaram Rubem Braga *De cachoeiro para a fama*, listando as obras produzidas pelo cronista em *Bibliografia do autor*.

Com outro subtítulo, *O homem da chave-mestra*, João Antônio escolhe uma das crônicas de Rubem Braga, *Ai de ti, Copacabana!*, para ilustrar a habilidade que Rubem

possuía de partir do fato particular ou cotidiano e “atirar-se para o geral ou para o cósmico, e, do comum, dar um banho de humanismo”.

TEXTO 67 – GARGÂNTUA E PANTAGRUEL, GIGANTES DA FOME E DA SEDE
Rio, Segunda-feira, 12/9/94

Numa extensa retranca, João Antônio refere-se à obra *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais, nesse artigo que vem ilustrado pela figura do escritor, assinada por Gustavo Doré e por outras fotos: o retrato do escritor, do século XVII e a fachada e interior da casa onde Rabelais nasceu.

Há ainda, no final da página impressa, em destaque, uma ilustração efetuada por Doré. Trata-se de um desenho de um indivíduo enorme, refletindo a “ironia, o tom burlesco e o humorismo, vividos nas personagens de tamanhos colossais” – um recurso de simbologia de Rabelais, conforme palavras do crítico.

João Antônio apresenta as características e qualidades do homem e escritor Rabelais, destacando a “impressionante perspicácia de Rabelais em apontar as virtudes e vícios dos ambientes literários e acadêmicos de seu tempo”.

Com o subtítulo *Um pouco de biografia*, margeando o lado direito da página, João Antônio comenta fatos e aspectos peculiares à personalidade do humanista, humorista, clérigo e médico François Rabelais, “um clérigo anticlerical”, que “fustigava Papa, papistas e papa-hóstias em seus escritos” e que morreu inteiramente esquecido.

Novamente, o articulista subsidia seu texto com comentários de outros críticos: neste caso, Vivaldi Moreira que expressou seu pensamento crítico sobre o escritor Rabelais.

TEXTO 68 – RIO: A ARREPIANTE REPÚBLICA DA VIOLÊNCIA
Rio, Segunda-feira, 19/9/94

Esse artigo vem ilustrado por um enorme desenho assinado por Henrique Estevão: ao fundo, tem-se um homem agressivo e amedrontado ao mesmo tempo e, num plano mais à frente, a mão de uma mulher que segura uma rosa, alfinetada e sangrando.

Assumindo a voz do cronista, João Antônio fala sobre a violência, afirmando que “a violência não é do Rio; é do país” e vai listando as inúmeras violências que as pessoas sofrem no seu dia a dia.

Para referir-se e refletir a violência entre policiais e bandidos, cita Thomas Morus e seu *Utopia*, no qual é discutida a tênue fronteira entre soldados, ladrões e covardia. De acordo com o cronista, as idéias de Morus são tão atuais que, se fossem escritas contemporaneamente, seu autor seria considerado um subversivo.

Citou ainda Shakespeare e sua *Tragédia do rei Ricardo II*, Dostoiévski e François Villon, cujas obras também abordam o tema *violência*.

O artigo, em estilo de crônica, não trata apenas da violência armada, mas também das “CPIs que explodem no Planalto Central”; do extermínio de homossexuais e conclui, com linguagem lírica e agressiva, afirmando que “... mata-se a identidade na inversão do amor. E da morte”.

TEXTO 69 – ALCÂNTARA MACHADO, UMA VOZ DA TERRA

Rio, Sábado e Domingo, 24 e 25/9/94

Esse artigo, ilustrado por um desenho que reflete a figura de um imigrante italiano do início do século, é dedicado ao relançamento, pela Villa Rica, do livro de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*, reavivando a importância literária e a atualidade do escritor Antônio de Alcântara Machado.

Nele, João Antônio tece comentários sobre o conto *Gaetaninho* e o romance *Mana Maria*, inacabado devido à morte prematura do escritor.

Ao lado direito da ilustração do artigo, há opiniões críticas de Mário de Andrade, João Ribeiro e José Lins do Rego, a respeito de Alcântara Machado e sua obra.

No *box*, com o subtítulo *Um pouco de biografia*, ilustrado pela foto de Antônio de Alcântara Machado, o articulista traça um panorama da vida do escritor, destacando os episódios mais significativos da vida do cidadão, escritor e jornalista Alcântara Machado.

TEXTO 70 – JULIO CORTÁZAR, PROFETA DA REBELIÃO

Rio, Segunda-feira, 3/10/94

João Antônio, em uma extensa retranscrição, anuncia o assunto do artigo, o escritor Julio Cortázar e o lançamento de *As armas secretas*, uma coletânea de contos deste escritor, em uma mostra promovida pela José Olympio em homenagem a Cortázar, ocorrida em agosto de 1994, por ocasião do aniversário de dez anos de sua morte. Várias fotos de Julio Cortázar, em várias épocas, ilustram o artigo.

No *box*, com o subtítulo *As obras do autor publicadas no Brasil*, aparece lista de obras do escritor. Também é transcrito um excerto do conto *O perseguidor*.

Para fundamentar os comentários críticos sobre a obra de Cortázar, o articulista usa trechos de Davi Arrigucci Júnior.

TEXTO 71 – A SOLITÁRIA E JOVEM ESTRELA NEGRA

Rio, Sábado e Domingo, 8 e 9/10/94

Esse artigo, dedicado a Adiléia Silva da Rocha – Dolores Duran – por ocasião dos 35 anos de sua morte, vem ilustrado pela foto da cantora, fazendo o que mais gostava, cantar e por outra, menor, de seu rosto. À direita, o articulista transcreve a letra de *A noite de meu bem*, de 1959, de autoria de Dolores Duran.

João Antônio aproveita o depoimento da cantora e amiga Marisa Gata Mansa sobre Dolores Duran, no qual Marisa afirma que Dolores sempre escrevia “desordenadamente”: às vezes páginas inteiras, em outras, uma frase solta num guardanapo de boate. Até em papel de maço de cigarro teria escrito.

Com o subtítulo *Dolores em dez pontos*, João Antônio transcreve a síntese da pessoa de Dolores Duran feita por Macedo Netto, marido da cantora, “em dez pontos objetivos, diretos, concisos e comoventes”.

Com outro subtítulo, *A caloura dobrou Ary*, o articulista inclui Dolores Duran na “galeria de personagens negros ou mestiços de Lima Barreto” e conta o episódio em que a intérprete venceu o concurso de calouros no qual Ary Barroso era júri. Associando-a a Lima Barreto, afirma que Dolores Duran foi “uma voz do subúrbio que veio à cidade e a enfrentou com armas e a dignidade possíveis”.

TEXTO 72 – NAIR DE TEFFÉ, A PRIMEIRA CARICATURISTA DO MUNDO

Rio, Sábado e Domingo, 15 e 16/10/94

Esse artigo vem ilustrado por uma grande foto de Nair de Teffé, na casa dos oitenta anos, porém com a mão firme, desenhando. Mais abaixo, outra foto menor de quando Nair era uma bela jovem.

Com o subtítulo *A cara dos ministros na roda da saia*, ilustrado por uma das caricaturas assinadas “Rian”, João Antônio fala sobre o talento de Nair de Teffé, como caricaturista, em plena “belle-époque”, listando revistas nacionais e de Paris nas quais Nair teve suas caricaturas publicadas.

O articulista resume a atividade oficial de caricaturista daquela senhora que, ainda jovem, incursionou pelo mundo da caricatura. Rian – nome com o qual Nair de Teffé, esposa do marechal Hermes da Fonseca, assinou suas caricaturas – era figura bastante admirada por João Antônio devido ao talento, à jovialidade e à irreverência.

Irreverência que não perdeu nem no final da vida, pois fez sua primeira viagem de avião aos 81 anos, aceitando o desafio de uma emissora de TV.

TEXTO 73 – O ENIGMÁTICO E SEDUTOR GARDELITO

Rio, Sábado e Domingo, 22 e 23/10/94

Uma grande caricatura de Carlos Gardel, assinada por Trimano, ilustra o artigo de João Antônio, acompanhada dos dizeres: “Ele era o tango e seu veículo. O galã em todo o esplendor do gênero, para encher os olhos e o coração de uma época”.

Nesse artigo, João Antônio divulga o lançamento, pela Nova Fronteira, do livro *Carlos Gardel, lunfardo e tango*, do crítico José Lino Grünewald, conhecedor de música e assuntos populares e dono de uma das maiores discotecas de tango do Brasil.

O artigo aborda a personalidade enigmática do ídolo de milhões, Carlos Gardel, destacando os mistérios que cercam o local e a data de seu nascimento e as circunstâncias de sua morte. Para o articulista, o tango está bem mais próximo do país do que se pensa ou se sabe, tendo nossa gíria muito de “lunfardo”. Refere-se também ao grande parceiro de música e de morte de Gardel, o italiano, nascido no Brasil, Alfredo Le Pera.

No *box*, temos a foto de José Lino Grünewald e com o subtítulo *Trechos do livro*, João Antônio transcreve dois excertos do livro *Carlos Gardel, lunfardo e tango - O homem de mil cognomes e Protótipo de um romântico*.

TEXTO 74 – O MALAGUETA DA LITERATURA

Rio, Terça-feira, 1/11/94

Este artigo foi escrito por Paulo França e dedicado ao escritor João Antônio Ferreira Filho, por ocasião do lançamento, pela Rocco, de *Casa de loucos*, livro prefaciado por Wilson Martins e com “orelhas” de Fábio Lucas, afirmando tratar-se de um livro que compara o Brasil a um imenso hospício.. Vem ilustrado por três fotos do referido escritor e por algumas “pimentas” escritas por João Antônio – pensamentos a respeito do papel do escritor; da crônica no Rio, da democracia brasileira e da situação do povo brasileiro.

Paulo França caracteriza João Antônio como uma espécie de “embaixador dos humilhados e ofendidos”.

TEXTO 75 – UMA FORÇA DA TERRA NOS VERSOS DE CORDEL

Rio, Sexta-feira, 4/11/94

Vários desenhos ao estilo das gravuras ou xilogravuras de cordel, assinados por Willy, ilustram esse artigo que tem o objetivo de divulgar esse tipo de literatura que apenas o Brasil possui, por ocasião do lançamento de *Literatura popular em verso*, pelo Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa.

O artigo destaca a pouca atenção dos estudiosos e intelectuais em relação à literatura de cordel. Menciona Mário de Andrade, que já se debruçava sobre o assunto, e mais modernamente, Eugênio Gomes, Thiers Martins Moreira e Manoel Cavalcanti Proença, através de *Literatura Popular em verso*.

O articulista cita a trajetória de Dalton Trevisan, que viu no sistema da literatura de cordel um meio para divulgar seu trabalho. Lançou por sua conta várias coletâneas de contos em cadernos ao jeito dos folhetos e cordel e os distribuiu a pessoas que pudessem se interessar por eles.

João Antônio traça, também, um painel das personagens que povoam este tipo de literatura e seus possíveis enredos. Aparece transcrito o texto de cordel *Romance do pavão misterioso*, de autoria desconhecida.

Com o subtítulo *Quarenta milhões de leitores*, João Antônio associa a literatura de cordel à “teoria da comunicação” e à “sociologia de massa”, estilo que, segundo o nosso escritor, abriu ângulos de estudos a ramos científicos como os da antropologia, lingüística, pedagogia, literatura geral, folk-comunicação, sociologia e etnografia.

Com outro subtítulo, *De Roberto Carlos a Lampião*, o articulista transcreve trechos das histórias de cordel *Chegada de Roberto Carlos no céu* e *Chegada de Lampião no inferno*, evidenciando o leque de personagens cantadas pelos cordéis, cujos autores, em suma, são nordestinos e nortistas, que são também cantadores e repentistas, lavradores, vaqueiros, garimpeiros, enfim, pessoas simples.

TEXTO 76 – LIMA BARRETO, PRESENÇA INCÔMODA

Rio, Terça-feira, 8/11/94

Esse artigo foi dedicado a Lima Barreto, a quem João Antônio muito admirava, tendo dedicado a ele e a seu único filho todos os seus livros. O texto vem ilustrado com o desenho do rosto do escritor, ainda jovem, ocupando grande parte da página impressa.

O articulista divide o artigo em alguns subtítulos. Introduce o tema, aproveitando-se da exibição de *O homem que sabia javanês*, adaptado por Guel Arraes e exibido pela TV Globo. Contextualiza Lima Barreto na literatura contemporânea e ressalta seu caráter revolucionário na arte de narrar.

O artigo confere a Sérgio Milliet o mérito de fazer com que os modernistas acabassem compreendendo que “o homem era um pioneiro de peso, ousado e renovador, rompendo com todos os padrões dos senhores da literatura da época e reformando o conceito de romance moderno”.

Com o subtítulo *Literatura feita mais de idéias do que de palavras*, João Antônio aborda os “redescobrimientos” de Lima Barreto e ressalta alguns pontos da literatura barretiana que não poderiam, mas acabam sendo esquecidos. Para ele, Lima Barreto foi o primeiro a denunciar, com argumentação concreta e vivida, a necessidade de uma reforma agrária no Brasil, sendo, enfim, um dos primeiros escritores no Brasil a escrever “mais com idéias do que com palavras”.

Com outro subtítulo, *O triste fim do escritor*, João Antônio traça um painel da vida de Lima Barreto que “remou contra a maré vigente”, acrescentando-se a doença, a miséria, os delírios do pai louco que “se encarregaram de esgotar as forças do escritor”, levando-o à morte aos 41 anos.

TEXTO 77 – (SUB)MUNDO DOS BRASILEIROS EM TERRA ESTRANGEIRA

Rio, Quarta-feira, 16/11/94

Esse artigo, ilustrado por uma foto em destaque de Jason Tércio, tem o objetivo de divulgar a estréia do escritor com o romance *A pátria que o pariu*, pela Civilização Brasileira, título que, conforme seu autor, “é um trocadilho com um sentido político”.

O artigo traz uma entrevista na qual o autor aborda vários assuntos: como surgiu a idéia de escrever o romance, se ele foi discriminado no exterior, o adjetivo “anarquista” atribuído à personagem central de seu romance, com o qual Tércio diz não concordar nem discordar, utilizando estrategicamente um pensamento de Lima Barreto: “não sou anarquista nem socialista, não sou nada, tenho implicâncias” etc.

Jason Tércio encerra a entrevista à *Tribuna Bis*, abordando a difícil trajetória que o autor trilha para editar um livro, dificuldade a qual João Antônio também concordou existir.

TEXTO 78 – O INFERNO POÉTICO DE UM GÊNIO

Rio, Terça-feira, 22/11/94

Esse artigo vem ilustrado por uma foto do poeta Rimbaud, de 1871, flagrada por Étienne Carjat, e por um desenho de corpo inteiro do escritor. Logo abaixo da foto, aparece a transcrição de *O barco ébrio*, poema assinado por Rimbaud.

O objetivo do artigo é divulgar o lançamento de *Poesia completa*, pela Topbooks, com capa de Victor Burton e tradução de Ivo Barroso, por ocasião da comemoração do 140º aniversário de Rimbaud, organizada pelo CCBB.

Na visão do crítico, o livro permite “um mergulho na situação histórica e social em que aconteceu o fenômeno poético do adolescente de Charleville”.

Com o subtítulo *Como um cão se atira ao mar*, transcreve-se a entrevista concedida à *Tribuna Bis* por Ivo Barroso, o tradutor de Rimbaud, que enfrentou durante três décadas – com interrupções – o desafio de trazer para o português do Brasil a poesia completa do poeta.

João Antônio aborda a dificuldade em se encontrar um editor para tal empresa, e Ivo Barroso revela que os editores a quem ele submeteu os originais olharam para seu trabalho como se olha para o de um estreante. Segundo ele, somente José Mário Pereira, da Topbooks, demonstrou entusiasmo, comprometendo-se a editar o trabalho de Ivo Barroso.

TEXTO 79 – DALTON EXPORTA A PÁLIDA LUA DOS VAMPIROS

Rio, Sexta-feira, 2/12/94

Um desenho com características vampirescas, mais o rosto de Dalton Trevisan compondo o quadro, ilustram esse artigo. Mais abaixo, aparece a ilustração feita por Poty para a capa do livro *Dinorá – novos mistérios*.

O objetivo do artigo é divulgar o lançamento de *Dinorá – novos mistérios*, pela Record, com ilustrações de Poty, obra com a qual Dalton Trevisan confirma a fama de ser um dos maiores contistas brasileiros de todos os tempos.

João Antônio relembra a estréia de Dalton Trevisan, em 1945, com o livro *Sonata ao luar*, passando depois pela publicação de *Sete anos de pastor*; *Novelas nada exemplares* e por *Noites de amor em Granada*, obras que consolidam as qualidades do contista.

O crítico cita *A Polaquinha*, a preferida de Otto Lara Resende. Lista, ainda, as publicações que foram realizadas em forma de literatura de cordel: *Lamentações de Curitiba*, *O vampiro de Curitiba*, *A velha querida*, *O anel mágico*, *Cemitério de elefantes* e *Ponto de crochê*.

O articulista define a obra de Dalton como a mistura, combinação e/ou contraste entre “amor e ódio”, subsidiando seu comentário crítico com apontamentos de Fausto Cunha.

TEXTO 80 – UMA ESTRELA NO BECO DAS GARRAFAS

Rio, Sexta-feira, 9/12/94

Esse artigo foi escrito por ocasião da morte do compositor Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, o Tom, ilustrado por fotos de diferentes etapas de sua vida. João Antônio inicia o texto falando da repercussão que a morte de Tom causou, e o texto que vem em seguida é semelhante a um “depoimento” sobre o grande músico e pessoa que foi Tom.

Com o subtítulo *Falam artistas e amigos*, no *box*, o articulista transcreve depoimentos de amigos sobre o artista Tom: Miúcha, Ruy Castro, Hermínio Bello de Carvalho, Nana Caymmi, Tito Madi, Lobão, Cybele e Márcia Rodrigues.

João Antônio lista a *Discografia* de Tom Jobim, especificando sua parceria com outros cantores nacionais e internacionais.

Com o subtítulo *O tenebroso calendário de 94*, João Antônio transcreve texto de Paulo França sobre a morte do compositor e sobre outras personalidades, em 1994.

TEXTO 81 – VIAGEM À OBRA DE UM MESTRE

Rio, Segunda-feira, 12/12/94

Esse artigo vem ilustrado por um desenho do rosto do escritor Aníbal Machado. À direita, em letras maiores e em negrito, trechos de Jorge Amado e de M. Cavalcanti Proença sobre o escritor e sua atividade literária.

Divulga os eventos dedicados a Aníbal Monteiro Machado por ocasião dos cem anos de seu nascimento: o documentário *Aníbal Machado – o iniciado do vento*, o filme *Tati, a garota*, a mesa-redonda *Aníbal Machado e a arte do convívio*, entre outros, promovidos pelo Centro Cultural Banco do Brasil. Para respaldar seu texto, João Antônio utiliza apontamentos críticos de Almiro Rolmes Barbosa, Edgar Cavalheiro, Otto Maria Carpeaux, Jorge Amado, M. Cavalcanti Proença.

No *box*, o articulista lista a *Filmografia* baseada em obras de Aníbal Machado: *Esse Rio que eu amo*, *A morte da porta-estandarte*, *Viagem aos seios de Duília*, *O menino e o vento* e *Tati*. Com o subtítulo *Um pouco de biografia*, elenca acontecimentos significativos da vida do escritor, desde o nascimento, em 1894, até a morte, em 1964.

TEXTO 82 – NATAL NA CAFUA

Rio, Sexta-feira, 23/12/94

Às vésperas de uma das festas mais esperadas do ano, a página impressa traz o conto *Natal na cafua*, de João Antônio, ilustrado pelo desenho do rosto de um soldado – representando o protagonista – com olhar assustado e melancólico ao mesmo tempo. O desenho é de Henrique Estevão. Este conto ganhou o primeiro lugar no concurso promovido por Ricardo Ramos, no suplemento literário do jornal *Última Hora*, de São Paulo, sendo posteriormente incluído na livro de estréia do escritor, *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

O enredo passa-se em São Paulo e inicia-se a poucos dias do Natal. Narrado em primeira pessoa, é um soldado que relata a convivência com o autoritarismo militar, personificado na figura de Sub Morais. Um clima lírico perpassa os olhos do protagonista, que se sente envolvido pelo espírito de Natal.

TEXTO 83 – PERDAS E FLORES NA VIRADA DO ANO

Rio, Quinta-feira, 29/12/94

Um grande desenho de Henrique Estevão ilustra esse artigo de João Antônio, com o rosto de um velho, “com a mocidade perdida”, e uma borboleta superposta a este rosto. Na retranca, transcreve-se *Consolo na praia*, de Carlos Drummond de Andrade.

João Antônio canaliza suas reflexões sobre esse fim de ano para o aspecto social, analisando “a esperança eterna” em nós, brasileiros, que “desde Antônio Maria, somos especialistas na matéria”. Comenta, também, o *Poema de Natal*, de Vinícius de Moraes, que expressa “nossa ânsia de sublimação...”. Entre sensações como solidão, tristeza, ódio e até alegria que perpassam o coração das pessoas no Natal, o articulista direciona seu discurso para o consumismo que reina nesta época do ano, impelindo as pessoas a comprar, mesmo que se ganhe o “mínimo” dos mínimos.

João Antônio lembra ainda os amigos que morreram em 94: Tom Jobim, Burtle Marx, Iberê Camargo, Ronaldo Bôscoli, Davi Neves, Maurício do Valle, Mário Quintana... – as reticências são de João Antônio.

Com o subtítulo *Basta*, o articulista centraliza-se na perda do querido amigo Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, o Tom, comparado a João Guimarães

Rosa e a Carlos Drummond de Andrade. Com ele, “foi-se um pouco de nossa elegância, da marca, de uma elegância à brasileira”.

O artigo termina com a transcrição de *Águas de Março*, de Tom Jobim.

1995

TEXTO 84 – DRUMMOND E VINÍCIUS: TRÊS VISÕES DO MISTÉRIO

Rio, Segunda-feira, 9/1/95

Duas grandes fotos, uma de Carlos Drummond de Andrade e outra de Vinícius de Moraes, juntamente com alguns poemas dos dois poetas, dividem o espaço da página com os comentários de João Antônio.

Mais uma vez, temos o ficcionista empenhado em perscrutar a poesia, tentando quem sabe definir o que é poesia. Para isso, aproveita-se de definições de autores como Nietzsche, Robert Sessions Woodworth, Matthew Arnold e Schiller. O crítico afirma ser difícil definir poesia e termina por dizer que “poesia também é um instrumento para se tocar o mistério. Tanto o mistério invisível quanto o contido no que é visível”.

Transcreve no texto poemas metalingüísticos de Drummond e de Vinícius de Moraes cujos títulos explicam e exemplificam não só a postura dos dois poetas frente a este assunto mas o objetivo que o articulista queria atingir com seu texto. As *três visões do mistério*, portanto, se constroem a partir de, à esquerda, poemas metalingüísticos de Carlos Drummond de Andrade, à direita, os de Vinícius e, no centro, a visão de João Antônio, estabelecida mediante a visão de vários outros mestres deste mistério chamado “poesia”. Título e ilustração dão um acabamento artístico ao conteúdo veiculado pelo artigo.

TEXTO 85 – UM GRINGO APAIXONADO PELO RIO

Rio, Sexta-feira, 13/1/95

O artigo vem ilustrado por uma grande foto de Michael Sonnemberg e, mais abaixo, pela foto de Néelson Cavaquinho, acompanhada de versos amorosos dedicados ao Rio e por uma caricatura de Carlos Drummond de Andrade, com poema inédito do poeta, referindo-se também à Cidade Maravilhosa.

O objetivo é comentar o lançamento do livro *Rio de Janeiro*, do fotógrafo Michael Sonnemberg, que vivia há 16 anos no Rio, a maioria dos quais dedicados ao preparo do livro.

João Antônio inicia seu texto falando da cidade de São Sebastião, exaltando sua beleza e seus filhos ilustres, como Machado de Assis, Lima Barreto, Vinícius de Moraes, entre outros.

Com o subtítulo *O sexo das cidades*, o cronista apresenta algumas cidades como masculinas, outras como neutras e outras como damas. Algumas ainda seriam molecas e outras inteiramente mulher, à semelhança do Rio.

Retoma, em seguida, um velho tema: sua mágoa por ter virado moda falar mal do Rio de Janeiro, afirmando que, se o Rio vai mal, é o Brasil que não vai bem, porque o Rio funciona como um “termômetro” no “sovaco do corpo brasileiro”. Para o crítico, os mesmos problemas enfrentados pelo Rio afligem outras cidades que também não escapam à “onda de pauperismo que medra no Rio”, daí porque não se justifica falar mal apenas do Rio.

TEXTO 86– A HISTÓRIA DOS DEUSES DA BOLA

Rio, Segunda-feira, 30/1/95

As fotos de três grandes mestres do futebol em campo – Garrincha, Didi e Pelé – ilustram esse artigo em que João Antônio divulga a reedição, pela Fumo, do ensaio *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Rodrigues Filho. Para o articulista, o autor, falecido em 1966, é um dos maiores cronistas futebolístico que já tivemos.

João Antônio, em *Os intelectuais do futebol*, destaca ainda trechos de Gilberto Freyre, Oswald de Andrade, José Lins do Rego e Sérgio Porto sobre o esporte.

Com o subtítulo *Perseguidos pelo fascismo*, o crítico transcreve excerto do ensaio *A batalha do negro*, de Edison Carneiro, que também se refere ao negro no futebol.

TEXTO 87– O ILIMITADO E DIVINO DEMÔNIO

Rio, Segunda-feira, 6/2/95

Esse artigo vem ilustrado por uma grande foto de Machado de Assis e por um trecho de *A causa secreta*, escolhido para definir o escritor. João Antônio reforça, mais uma vez, o valor do escritor que permanece, mesmo que as modas e as ondas passem,

um escritor que galga o lugar de um dos maiores do mundo em todos os tempos, caminhando para a condição de patrimônio universal.

João Antônio relembra sua viagem à Holanda para um série de conferências, em Utrecht, por ocasião da tese de mestrado de Ruud Ploegmakers, denominada *Frescuras do coração – A melancolia nos contos do submundo de João Antônio*. A surpresa e o maior presente para ele foi ver o “nosso Machado de Assis nas livrarias entre os mais vendidos e respeitáveis”. O restante do artigo é dedicado a exaltar o valor universal de Machado de Assis.

Com o subtítulo *O primeiro grande cronista do Rio*, João Antônio atribui a Machado o papel de fundador da crônica brasileira, o “maior dos cronistas do Rio”, e, para ilustrar, transcreve trecho de uma crônica do escritor, datada de 4/11/1900.

Ao lado direito da foto de Machado, vê-se uma menor de Carlos Drummond de Andrade e outro subtítulo: *A vida das idéias*, um texto de José Guilherme Merquior, com quem o articulista divide a página nesta edição.

TEXTO 88– O SAMBA AGONIZA MAS NÃO MORRE

Rio, Terça-feira, 14/2/95

Nesse artigo, novamente assumindo a função de cronista, João Antônio escreveu sobre a maior festa popular brasileira, o Carnaval. O artigo vem ilustrado por uma grande caricatura de sambistas.

O artigo traça um painel histórico do Carnaval, referindo-se à confusão quanto ao seu país de origem. Para o cronista, no entanto, num aspecto houve acordo geral, “desde que existe, foi bastante malcomportado, com o tempero impertinente de músicas barulhentas, disfarces, desmandos, máscaras, zoadas e licenciosidade”. Depois de passear pelo mundo todo, retorna ao carnaval brasileiro do Rio de Janeiro, refere-se a Ismael Silva como patrimônio do samba e fundador da primeira escola, a *Deixa Falar*.

O cronista queixou-se de que o carnaval tem se tornado mais um produto exportável que o “samba no pé”: “competição voraz e hipercolorida do luxo e da riqueza saídos do jogo do bicho e do narcotráfico. E de outras traficâncias intermediárias”. É um “descalabro” que os julgadores do talento e da competência do carnaval pertençam oficialmente, “à cultura branca (branca azeda como uma lagartixa) doutoral e colonizada”.

O crítico-cronista ainda refere-se a Néelson Sargento, autor da frase que intitula este artigo e de mais de cem composições gravadas por outros cantores e que, apesar do talento, subsistia como pintor de paredes.

Em destaque e com o subtítulo *Nem a TV derruba a folia*, João Antônio refere-se ao “mestre Marçal” que “manteve a tradição ao jeito de Noel”.

TEXTO 89 – SOB O TACÃO DO OBSCURANTISMO

Rio, Segunda-feira, 20/2/95

Esse artigo vem ilustrado com uma “simulação” de um *Suplemento Literário*, trazendo, na capa, as fotos de Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, Mário Quintana, Paulo Rónai e Marques Rebelo (que chamava João Antônio carinhosamente de “o clássico velhaco”).

João Antônio vê, com desgosto, a ausência de uma atmosfera cultural no Brasil, centrada na literatura, na arte e no pensamento. Lamenta o desaparecimento da crítica literária e artística da imprensa em geral e considera a maior lacuna a morte ou desaparecimento dos suplementos literários e do espaço na imprensa para a literatura, a arte e o pensamento.

O crítico faz um *rápido balanço* dos suplementos literários que desapareceram, prejudicando não apenas a divulgação da literatura, mas a chance de serem lançados novos ficcionistas e poetas, através de concursos literários como o do *Correio da Manhã*, ou o *Suplemento literário*, de *O Estado de S. Paulo*. Para corroborar suas idéias, vale-se, uma vez mais de outros autores, como Mário Quintana e Fábio Lucas.

Refere-se aos “suplementos ditos literários de hoje”, que, diferentes dos anteriores, “esbarram em duas características indesejáveis: o provincianismo e um desnecessário interesse colonizado. Um irmão do outro e ambos, entrelaçados”.

Para João Antônio, a solução, a longo prazo, para minimizar este quadro catastrófico, é uma reforma no ensino básico – mais do que educação – para reconstruir as possibilidades de uma atmosfera cultural.

Percebe-se que João Antônio tenta reverter, na *Tribuna da Imprensa*, exatamente o que ele critica, ou seja, a ausência até mesmo de um calendário cultural, com artigos que revisitam e reafirmam o valor de inúmeros escritores e artistas.

TEXTO 90 – A FALSA ALEGRIA DE UM POVO

Rio, Quarta-feira, 1/3/95

Um grande desenho do trem da Central ilustra esse artigo. O trem que desliza pelos trilhos, os “surfistas” em sua perigosa e talvez derradeira viagem, uma pessoa morta esmagada pelo trem, mais outra se suicidando, enfim, a triste realidade muito bem conhecida por quem mora em uma cidade grande como o Rio é tema do artigo.

Os *pingentes* são marca registrada no vocabulário de João Antônio. Aqui ele trata dos pingentes que vivem dependurados nos trens e que fazem parte de uma horrível estatística: o número de mortos na Central do Brasil.

Menciona, mais uma vez, a figura de Lima Barreto, que, em 1911, já registrava em *Clara dos Anjos*, a situação precária dos subúrbios, apenas se constatando que de lá para cá esta piorou. Há, no artigo, certa intertextualidade, não apenas a nível lexical, com o livro de João Antônio, *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, mas, sobretudo, na abordagem da vida dos moradores do subúrbio.

Novamente tem-se o cronista do Rio, descrevendo a vida dos usuários dos trens, um meio de transporte sempre lotado. Um cronista que escreve fundamentalmente sobre o subúrbio, sobre os pingentes, sobre “o refúgio dos infelizes”, como já havia afirmado Lima Barreto.

TEXTO 91 – O TEMPO É O SENHOR DA CRÍTICA

Rio, Terça-feira, 7/3/95

O objetivo desse artigo é divulgar o lançamento, pela Topbooks, do livro de poesia *Manias de agora*, do poeta, tradutor de poesia, médico e professor de Literatura Brasileira, Jorge Wanderley, tornando-o mais conhecido, ou menos esquecido.

Um dos poemas de Jorge Wanderley, *Maçã*, ilustra o artigo, acompanhado por uma grande figura da referida fruta e, à direita, um dos conceitos que Jorge tem da tradução no Brasil.

Numa entrevista, o escritor analisa, como tema central, o ofício da tradução no Brasil. Para ele “O valor que se dá aqui à tradução é pequeno, principalmente em termos de pagamento. É o caso do salário dos médicos, dos professores”. No entanto, “traduzir

(poesia) é a melhor forma de ler”. E Jorge relata a experiência marcante da tradução de Shakespeare, em *Sonetos*.

A crítica de poesia no Brasil e a situação da poesia brasileira também são temas abordados. Para Jorge, no Brasil, não se pode fazer crítica de poesia e considerar-se um profissional, sem se confrontar com interesses promocionais e comerciais que ditam as ordens. Consequentemente, só o tempo pode exercer o papel da crítica de poesia no Brasil. Conclui sua reflexão lançando a hipótese de que para existir a crítica de poesia no Brasil seria preciso existir “cultura, política cultural, vida intelectual verdadeira”.

TEXTO 92 – O CHARME DO PRÍNCIPE DAS MARÉS

Rio, Terça-feira, 14/3/95

A grande fotografia de um salva-vidas, em plena ação, ilustra esse artigo, juntamente com outras duas menores: uma de Claudia Cardinale e outra de Gina Lollobrigida. João Antônio compara o espírito carioca assumido por Claudia Cardinale em detrimento ao de Gina Lollobrigida. Enquanto Claudia coloca-se de “cavalinho” nos ombros do salva-vidas, Gina “adona-se em prima-dona”.

O texto gira basicamente em torno do assunto guarda-vidas, sua vida, beleza, sucesso com as mulheres. Quando passa o tempo, pesa a triste realidade: já não se é jovem nem se tem um corpo bonito e sem ter estudado e progredido, pouco há que fazer.

TEXTO 93– COMENTÁRIOS DE UM SOBREVIVENTE

Rio, Terça-feira, 21/3/95

Três ilustrações de Bischof, uma maior, sugerindo presos atrás das grades e outras duas, menores, dividem o espaço com o artigo de João Antônio e com a entrevista concedida por Nelson Corrêa Vasconcelos à *Tribuna Bis*.

Esse artigo é dedicado ao jornalista e contista Nelson Corrêa Vasconcelos, autor da coletânea *Breves comentários*, ilustrada por Richard Bischof e contemplada com o Prêmio Paraná. Até a data do artigo, a coletânea estava com apenas uma edição de mil exemplares pelo Departamento de Imprensa Oficial do Estado do Paraná e praticamente

nenhuma repercussão. Nas palavras do articulista, nem ganhando importante prêmio literário um autor desconhecido entra na mídia.

Dos vários assuntos abordados na entrevista, merece destaque o comportamento da mídia em relação aos autores novos. Para Nelson Corrêa, o grande mal no Brasil é tudo ser improvisado: a educação, a saúde, a política salarial. Dentro deste contexto sócio-político-econômico, Nelson Corrêa afirma que “de modo geral, ninguém gosta de ler nem se interessa por literatura, a não ser por fenômenos comerciais como Paulo Coelho ou Maria Mariana”.

TEXTO 94 – ELES SÓ PENSAM NAQUILO

Rio, Quinta-feira, 30/3/95

Assinada por Henrique Estevão, uma grande caricatura de Pero Vaz de Caminha já velho, acompanhado por duas índias com seus dotes sensuais bastante evidenciados, ilustra este artigo de João Antônio.

O artigo marca o “nascimento” do erotismo em nossa literatura em 1º de maio de 1500, com a nossa “certidão de nascimento”. Para reforçar sua idéia, cita *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, que também comprova que “o clima estava quente logo nos primeiros passos da vida nacional”. Menciona, também, o trabalho de Capistrano de Abreu sobre a *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça*, que consiste em confissões, denunciando prevaricações, lesbianismo, sodomias, cópulas anais e outras variações, ocorridos no Brasil colonial.

O artigo inventaria documentos e depoimentos sobre o erotismo presente em nossas letras desde o princípio, citando João Ramalho, Pero Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Padre Fernão Cardim, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Adolfo Caminha, Aluísio de Azevedo, João Ribeiro, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Rubem Fonseca.

Na poesia, João Antônio se fixa em dois momentos extremos: Gregório de Matos e Carlos Drummond de Andrade. Deste, com o subtítulo *Categoria entre quatro paredes*, transcreve *O que se passa na cama*, mostrando um ângulo diferente do poeta, o poema erótico. Daquele, com o subtítulo *O poeta sacana e as freiras*, transcreve o poema erótico *Décimas*, dedicado à freira.

TEXTO 95– A TERRA DOS OTÁRIOS, MALANDROS E RICAÇOS

Rio, Sábado e Domingo, 1 e 2/4/95

A ilustração desse artigo ocupa praticamente metade da página impressa. Um enorme desenho ilustra o texto com a figura do otário, o empregado que cultiva o café, sendo explorado, e do malandro que consegue tirar proveito da situação, indo de carona com os ricos e dos que enriqueceram com o café. Este desenho de Oliveira praticamente “resume” o artigo de João Antônio, que, mais uma vez, assume a posição de cronista, elegendo tipos tão comuns nos contos de sua autoria.

O núcleo do texto é Londrina, no Norte do Paraná, na época áurea do café, destacando que foi esta a primeira cidade brasileira a importar cadilaques. O cronista divide o texto, como de costume, em alguns subtítulos, mostrando que a cidade de Londrina, na época denominada “Cidade de Ouro”, viveu uma época de “faroeste” graças ao esplendor do café.

Com o subtítulo *Tourada para bobos*, João Antônio fala sobre a picaretagem inventada e desenvolvida na cidade, envolvendo inúmeros malandros e otários e chegando até a apresentar touradas para “otário deslumbrado ver”.

Finalizando, com o subtítulo *A festa acabou*, João Antônio resume o caminho de volta que a cidade principiou, quando a forte geada de 1953 queimou grande parte dos cafezais e, com ela, veio a queda violenta das vendas e dos preços do café.

É interessante observar o interesse de João Antônio por Londrina, uma vez que escrevia na *Tribuna da Imprensa*, localizada no Rio. João Antônio morou em algumas cidades do exterior e do Brasil, dentre elas, Londrina: talvez daí advenha o seu interesse em escrever sobre o assunto. A esse respeito, convém lembrar que, em uma de suas entrevistas, declarou que o conto *Guardador* foi elaborado e reelaborado durante dez anos, mas foi iniciado em 1975, em Londrina.

TEXTO 96– UM CRÍTICO SEM MEDO DE CARA FEIA

Rio, Segunda-feira, 10/4/95

Uma grande foto do escritor e crítico Leo Gilson Ribeiro ilustra esse artigo, que tem o objetivo de divulgar os mais de 30 anos da militância diária do crítico em

importantes jornais e revistas. Abaixo da foto, ocupando o restante do lado esquerdo da página, temos destacados, em letras maiores e em itálico, alguns julgamentos críticos de Ribeiro.

Autor do premiado livro *O continente submerso*, Leo Gilson Ribeiro concede entrevista à *Tribuna Bis*, abordando temas como os concursos literários, a atualização do Brasil em relação à literatura estrangeira, o moderno ensino da literatura, o futuro da literatura brasileira, os temas trabalhados pelos nossos escritores, a existência de um público consumidor de crítica e seus dois livros de crítica literária.

Para Ribeiro, com raríssimas exceções, “a crítica literária virou resenha copiada das orelhas dos livros”, contribuindo para essa realidade o fato de o crítico não receber o suficiente para comprar livros estrangeiros e nacionais e se atualizar, viajar, arejar-se.

O articulista cita os dois livros publicados por Ribeiro. Um de 1964, *Cronistas do absurdo*, e o segundo de 1988, *O continente submerso*.

TEXTO 97 – UM HOMEM CHAMADO BRASIL

Rio, Sábado e Domingo, 15 e 16/4/95

Uma grande foto de Monteiro Lobato ilustra esse artigo, dedicado ao homem que, nas palavras de João Antônio, “esteve à frente do seu tempo, tentando resolver, pela literatura, problemas que continuam a afligir o povo brasileiro”. De tão atual, consciente e contundente que era, foi incompreendido e preso. Mas a história mostrou que ele tinha razão e o objetivo de João Antônio é enfatizar este aspecto.

A maneira como João Antônio constrói esse artigo reflete tema e linguagem coerentemente interligados, perfeitos, ao definir Monteiro Lobato como um homem que “harmonizava uma imensa imaginação artística e um realismo político sem enfeites e sem dissimulações”.

O crítico avalia racionalmente o “descuido” da Semana de 22, que se julgava descobridora de um Brasil mais verdadeiro e que não “descobriu” Monteiro Lobato, Lasar Segall, Euclides da Cunha, Lima Barreto, entre outros.

João Antônio associa a personalidade de Monteiro Lobato a uma das personagens do escritor, Emília, a boneca: “falante, irrequieta, despachada, questionadora e independente, amiga das novidades, dada às situações pioneiras”.

Em *O nacionalismo e a literatura*, João Antônio apresenta a vertente nacionalista de nossa literatura, colocando Monteiro Lobato como um de seus alimentadores. Em *Os personagens e as idéias do autor*, o articulista utiliza a fala de Pedrinho e de Emília para se referir aos objetivos de Lobato. Em *Biografia cronológica*, são destacados acontecimentos significativos da vida do escritor.

TEXTO 98 – PENSAMENTOS FUGIDOS DAS BAIONETAS

Rio, Terça-feira, 25/4/95

O artigo vem ilustrado por um grande desenho, assinado por Oliveira, mostrando uma máquina de escrever, duas mãos assustadas compondo um texto e uma outra mão fardada, “roubando” este texto. Algumas *Frases sobre a censura*, em letras maiores e em itálico, também fazem parte da ilustração.

Logo abaixo do desenho, temos o subtítulo *Currículo de um escritor inquieto* que menciona algumas produções de João Antônio que foram censuradas: *Livro de cabeceira do homem*; *Malditos escritores*; *Aviso aos nanicos* e *Olá, professor, há quanto tempo!* (este último foi incorporado ao livro de contos *Casa de Loucos*).

Principia o artigo falando da censura dissimulada que vigorou no Brasil, “camuflada debaixo de rótulos”, em um Brasil que “é o país dos silêncios esquisitos”, já que “até o nosso silêncio é dissimulado”.

João Antônio coloca-se como agente e paciente dos últimos 30 anos de sua vida, utilizando inclusive a primeira pessoa, e queixando-se da tendência para se esquecer rapidamente o papel contestador de 1970 em todos os segmentos artísticos.

Menciona um trabalho de que gostou muito, ao contrário de alguns que foi obrigado a aceitar. Trata-se da organização da antologia das matérias censuradas do jornal *Movimento* nos anos de 1974 a 1981, enquadrando-o na chamada imprensa alternativa, na imprensa “nanica” – expressão criada pelo crítico no *Pasquim* n.º 318.

Essa antologia contém mais de 4.300 matérias arquivadas que foram censuradas. Para selecionar os textos, ele se pautou no espírito com que atuava a censura naqueles anos. O resultado final, na avaliação do escritor, é “a constatação do arbítrio, da intolerância, do tacho limitador da repressão” sempre constantes. O articulista descreve a divisão das matérias, feita por áreas, o que serve para mostrar que a censura atuou sobre todos os temas do jornal *Movimento*.

Com o subtítulo *Esqueceram de proibir a fome*, aproveitado um poema de Carlos Drummond de Andrade, João Antônio refere-se a alguns jornais “nânicos” que fizeram parte do ciclo penoso da resistência da imprensa pós-64, detendo-se mais no *Movimento*.

TEXTO 99 – *NICOLAU*, UM CARNAVAL DE IDÉIAS COM OS DIAS CONTADOS
Rio, Terça-feira, 2/5/95

Uma foto da primeira página do jornal *Nicolau* e outra do editor Wilson Bueno ilustram esse artigo que João Antônio escreve não apenas para falar sobre o jornal e seu destino, mas principalmente para divulgar a entrevista de Bueno à *Tribuna Bis*.

Nicolau, de Curitiba, criado por Wilson Bueno, e que vinha sendo editado há cerca de oito anos, acabava de receber um “duro golpe do governo Jaime Lerner”, ou seja, conforme Bueno e sua equipe, recebeu o “golpe do house-organ”, dado pelo secretário de Cultura do Paraná, Eduardo Virmond, que não autorizou a impressão e a distribuição nacional do jornal que estava há dois meses parado na edição 56.

Wilson Bueno afirma que o *Nicolau* nunca foi jornal comprometido com o “varejo político”. A política do jornal “foi sempre a de privilegiar a produção de ponta brasileira, a de dar abrigo e voz às vanguardas brasileiras” e que via “o fim virtual” do jornal como “coisa política”.

Wilson Bueno recebeu e aceitou convite para editar, ao lado de Leandro Morales, a revista *De Azur* e o seu objetivo maior era “divulgar a cultura brasileira, mostrar que somos poucos e integrados a uma das maiores senão à mais importante literatura de todo o mundo”. Finalizando, Bueno anunciou seu romance *Cristal*, que será lançado pela Siciliano.

TEXTO 100 – O GRANDE MENTIROSO DA FILOSOFIA
Terça-feira, 9/5/95

Uma grande foto do grupo de Hitler, com Heidegger ao seu lado esquerdo, outra menor do filósofo e uma de Victor Farias ilustram esse artigo de João Antônio.

João Antônio relata que foi a partir do lançamento do livro de Victor Farias, *Heidegger e o nazismo*, resultado de 20 anos de pesquisa, que se instalou a polêmica nos meios intelectuais europeus e se desfez um enigma histórico, deixando a comunidade moderna estupefata.

Com o subtítulo *Como ler e pensar a obra e a vida de Heidegger daqui para a frente?*, João Antônio declara que o filósofo jamais recebeu censura do partido nazista, que até mesmo o protegia.

Com o subtítulo *Um pensador marrom*, o articulista apresenta a descoberta de Farias que comprovou ter sido Heidegger “um membro ativo da ala mais radical do partido nazista, nunca deixando suas convicções”. Farias, um bom aluno de Heidegger, *destruiu o falso mestre*. O articulista já havia tratado deste mesmo tema num outro artigo, escrito em Berlim e publicado na revista *Isto é*, de 20/11/88, com o título *Suástica da discórdia*, referindo-se ao livro de Victor Farias. Confrontando os dois artigos, nota-se a qualidade do escritor em não apresentar estruturas repetidas, mesmo abordando o mesmo assunto.

Com o subtítulo *Grandes idéias e grandes erros*, o articulista mostra equilíbrio quanto a seu julgamento, ressaltando também a inteligência do filósofo.

TEXTO 101 – O INFERNO ESSENCIAL À VIDA URBANA

Rio, Terça-feira, 16/5/95

Ilustram esse artigo uma grande foto do Rio de Janeiro, com destaque para o Cristo Redentor, outra de Manuel Bandeira, que foi um dos pioneiros da *Revista do Patrimônio*, e mais uma, de Gilberto Freyre, que disseminou parte de suas teorias através da publicação daquela revista do Iphan. Ao lado esquerdo da foto do Cristo, são transcritas palavras de Ítalo Calvino retiradas de *Cidades invisíveis*.

O objetivo do artigo é divulgar a circulação, após cinco anos de ausência, da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, que surgiu em 1937, publicada pelo Iphan, retomando-se assim uma tradição de mais de 60 anos. Também divulga a entrevista do presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Glauco Campello, à *Tribuna Bis*. Os assuntos abordados na entrevista centralizam-se na produção da referida revista e na importância e dificuldade da preservação de nosso patrimônio histórico.

TEXTO 102 – O HOMEM QUE DOMOU A INQUISIÇÃO

Rio, Terça-feira, 23/5/95

Ilustra esse artigo um grande desenho assinado por Oliveira, aglutinando a Inquisição em dialogia com aspectos do livro *O primeiro brasileiro*, de Gilberto Vilar, com uma figura de “pano-de-fundo” de Bento Teixeira. À esquerda, um trecho extraído do respectivo livro, enfatizando a dura solidão do protagonista.

João Antônio dedica o artigo à divulgação do livro de Gilberto Vilar, *O primeiro brasileiro*, que tem seu enredo centralizado na figura histórica de Bento Teixeira. Nas palavras do articulista, “o nosso primeiro poeta, autor de *Prosopopéia*, um dos esquecidos, aparece novo neste livro”, revisitado numa mistura de realidade e ficção, revelando mais uma vez “a nossa enorme falta de memória que começou em 1500” e que “tem raízes profundas”, utilizando palavras de João Antônio.

O crítico refere-se a *O primeiro brasileiro* como “uma revelação e um convite atrevido para que, um dia, afinal, comecemos a descobrir o Brasil sempre original, até por desconhecido”, sendo um “mergulho na história da Inquisição no país”.

Em sua entrevista à *Tribuna Bis* a respeito de sua obra, Gilberto Vilar lamenta que muita coisa escrita por Teixeira tenha se perdido e aborda um dos aspectos discutidos no livro, a discussão se Bento seria ou não o primeiro poeta brasileiro. Trata, ainda, de outro fato que faz parte do enredo de seu romance: como Bento Teixeira lutou, durante quatro anos, para livrar-se das fogueiras da Inquisição.

TEXTO 103 – DÁ-LHE, LEGUISAMO!

Rio, Terça-feira, 30/5/95

Uma ilustração de jôqueis competindo, acentuando-se a velocidade dos cavalos, ilustra metade da página impressa desse artigo que João Antônio dedicou à “figura lendária” do jôquei uruguaio Irineu Leguisamo, por ocasião dos dez anos de sua morte.

Legui, como o chamavam, foi um atleta que, aos 60 anos, era capaz de competir com os de 30 e ainda vencê-los. Foi cantado por grandes nomes: Gardel, por exemplo,

dedicou-lhe “a interpretação calorosa do tango *Leguisamo Solo*”, cuja letra foi transcrita para este artigo, com comentário de Jorge Luis Borges.

Sempre criticado por “correr errado”, apesar de acreditar estar certo, foi expulso de sua primeira corrida devido a sua certa teimosia. Da segunda vez, ganhou o prêmio, mesmo correndo “errado”. O jóquei, que viveu 82 anos, costumava dizer que não possuía habilidade, mas sorte: “O verdadeiro jóquei é Deus”, afirmava Leguisamo.

O artigo enumera alguns dos inúmeros prêmios conquistados por Leguisamo; que, além de “Legui”, recebeu outros nomes, como “El Pulpo”, “El Maestro”.

TEXTO 104 – LIMA BARRETO, O URUBU E OUTROS BICHOS

Rio, Terça-feira, 6/6/95

Nesse artigo, a ilustração resume o próprio texto: uma grande figura de um urubu, envolto na bandeira do Flamengo. À esquerda, um trecho referindo-se ao futebol, na voz da personagem de Lima Barreto, Policarpo Quaresma. À direita, um trecho na voz de um torcedor do Flamengo, Gabreno da Rocha, em plena Copa de 74.

É interessante observar que, mesmo a fala sendo de Gabreno, têm-se as iniciais P. Q. como autoria, sugerindo, assim, a identificação entre ambos.

O articulista retoma o episódio relatado no artigo de 18 e 19/12/93, *Um urubu para Hannover*, que narra a quase façanha do favelado Gabreno da Rocha, que tentou despachar um urubu para a Alemanha, em plena Copa de 74.

Aqui, João Antônio dá uma importância maior ao referido episódio pitoresco, ocorrido no Rio, comparando o ato de Gabreno às reformas radicais e ao mesmo tempo ingênuas, sugeridas por Policarpo Quaresma ao Congresso Nacional. O articulista transcreve o requerimento que Gabreno conseguiu junto a um advogado para que mandassem a ave para a Alemanha.

Também cita Carlos Drummond de Andrade que, em sua crônica *A Semana Engorda*, por ocasião do cinquentenário da Semana de Arte Moderna, apontou os exageros “patrioteiros” cometidos na imprensa e que persistem até hoje. Marca, ainda, a discrepância entre o valor dado a certos momentos em detrimento a outros, como o cinquentenário da morte de Afonso Henriques de Lima Barreto, reforçando a idéia de modernidade e de contemporaneidade das personagens barretianas.

Utilizando os títulos de algumas das obras de Lima Barreto, o cronista traça um painel não apenas do Rio de Janeiro, mas do povo brasileiro de nosso tempo, chegando ao futebol e à sua atualidade.

TEXTO 105 – UM SANTO COM CARA DE BANDIDO

Rio, Terça-feira, 13/06/95

O artigo vem ilustrado por uma grande foto de Nélson Rodrigues, tendo à direita, palavras do dramaturgo sobre o que “gostaria de ser”.

João Antônio escreve esse artigo por ocasião do aniversário de quinze anos da morte do teatrólogo, mostrando que “Nélson vai levantando exclamações e espanto a cada retorno em livro, no cinema e na televisão”. Conforme o articulista, o dramaturgo produziu muita coisa além da dramaturgia: produziu um “anedotário”, foi cronista esportivo e articulista de jornal. Um escritor com “visão pessoal épica e feérica do futebol”.

O crítico assinala a importância sempre inovadora de *Vestido de Noiva*, peça de 1943, com os seus vários planos dramáticos dentro do palco. Nela “Nélson Rodrigues faz uso do grotesco, usa o disforme, o horrível, o ridículo, o burlesco, a quase caricatura”, resultando num teatro que mistura o drama, a tragédia, a comédia e o lirismo. O artigo trata, também, da linguagem, das personagens e dos temas aproveitados, criados e inovados pelo dramaturgo, que procurou a essência de nossa sociedade. Nas palavras de João Antônio, “homem e personagem são igualmente importantes e ‘construídos’ em Nélson Rodrigues”.

TEXTO 106 – COMO ELES SOFREM POR NÓS

Rio, Segunda-feira, 19/6/95

Um grande mapa do Brasil ilustra esse artigo de João Antônio. Em plano menor, duas fotos: uma representando os moradores do Sul e outra os do Norte do Brasil, ao lado dos dizeres do articulista: “Norte e Sul do país: terras tão diferentes nos costumes e tão parecidas no esquecimento”.

A abordagem de João Antônio recai sobre a literatura, fugindo do famoso eixo cultural Rio-São Paulo. Discorre, com maior destaque, sobre Heitor Saldanha, do Rio Grande do Sul, e Luís Bacelar, do Amazonas, classificando-os como “dois exemplos singulares e fortes” de nossa literatura, num espaço de 22 anos.

Em outubro de 1988, em Berlim, João Antônio recebeu a notícia da morte do poeta Heitor Saldanha, a quem ele denominava “meu poeta evaristo” e ao qual dedicou outros artigos, como no *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

O articulista demonstra sua admiração por Heitor Saldanha, enumerando as diversas qualidades do poeta, concluindo que seu encanto por Heitor viria “quem sabe”, por ele responder a “um sentimento lá de dentro, forte e represado” que João Antônio carregava, “meio tímido, apesar de tanta andança”.

Com o subtítulo *Soprando flauta de barro*, o articulista destaca o poeta amazonense Luís Bacelar. Para exaltar o valor deste escritor, João Antônio transcreve julgamentos críticos de Manuel Bandeira e comenta *Flauta de Barro*, o único livro do poeta, destacando um excerto de *Balada da Rua da Conceição*.

TEXTO 107– A ALMA ENCANTADORA DE JOÃO DO RIO

Rio, Sábado e Domingo, 24 e 25/6/95

Nesse artigo, João Antônio compôs uma retranscrição extensa, falando sobre a vida de João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio, e sobre os estudos críticos que a obra do escritor começava a receber. O articulista justifica o emprego do título do artigo devido à vida breve de João do Rio, que morreu aos 40 anos. Uma grande foto do escritor ilustra o artigo, e logo abaixo, uma menor, ilustrando o Rio do começo do século XX.

João Antônio enumera diversos nomes da literatura cujas reedições faltam nas livrarias, entre os quais cita João do Rio, autor de obras como *O bebê de Tarlatana Rosa*, *A alma encantadora das ruas*, *As religiões do Rio*, *A correspondência de uma estação de cura*, *A profissão de Jacques Pedreira*, “livros para além das dimensões de reportagem ou crônica”.

Nem sempre se tem um “instrumento crítico apurado e aberto” para as novas obras, “fincando-se na tal saudade da crítica que tivemos um dia”, e autores como João do Rio são vítimas deste sistema. Ainda segundo João Antônio, João do Rio, tradutor

brilhante de Oscar Wilde, pintou “em relevo o lado irônico, curioso e anticonvencional do que o cercava”. Assim, o uso do pseudônimo João do Rio não é mero acaso.

Com o subtítulo *Vida Breve*, transcreve comentários sobre João do Rio feitos por dois estudiosos: Gilberto Amado e Homero Senna. No subtítulo *Opiniões Críticas*, João Antônio reproduz excertos críticos de Flora Süssekind, Ribeiro Couto e João Ribeiro sobre o talento de João do Rio e o valor de sua obra.

TEXTO 108 – POPULAR E SOFISTICADO A UM SÓ TEMPO

Rio, Sábado e Domingo, 29 e 30/6/95

João Antônio dedica esse artigo à divulgação do lançamento, pela Ateliê Editorial, de *O mistério do leão rampante*, livro de Rodrigo Lacerda, cuja capa vem ilustrando o texto.

Inicia o artigo levantando alguns aspectos da crítica literária em relação às “novas” obras. A propósito do assunto, o articulista vale-se do exemplo da obra citada, possuidora de “um senso estético primoroso e uma visão fortemente humanística e das mais abertas”.

João Antônio compara Lacerda ao “Shakespeare das comédias”. Para ele, *O mistério do leão rampante* “vai nos enredando num mundo fascinante e de dilemas extremos que foi o Renascimento inglês e que marca o papel-limite, difícil e transformador de Shakespeare...”.

Com o subtítulo *Fragmentos*, transcreve um trecho do livro. À direita, com o subtítulo *Uma opinião*, temos a foto de João Ubaldo Ribeiro, acompanhada de seu comentário crítico sobre o talento de Rodrigo Lacerda e da obra *O mistério do leão rampante*.

TEXTO 109 – CADA LOUCO COM SUA MANIA

Rio, Sábado e Domingo, 8 e 9/7/95

Esse artigo foi ilustrado por Jaguar. Em destaque, uma cena mostrando o pavor de uma família brasileira em relação à violência, mais duas ilustrações menores, também carregadas de ironia.

Numa lista de “anedotário” de nossa literatura, João Antônio insere o lançamento do livro *Cada louco com sua mania (uma visão bem-humorada do comportamento humano)*, de Marcio Paschoal, ilustrado por Jaguar.

O texto é dividido em várias partes. Principia ressaltando o valor artístico de Jaguar, referindo-se, em seguida, à sátira e ao humorismo que, conforme o crítico, têm sido expressões mais que literárias em nosso país, servindo também como “desabafo da alma popular contra as injustiças sociais, contra os absurdos oficiais”.

A respeito do humor ou de seu uso, o articulista cita opiniões de Alain, Mário da Silva Brito, Millôr Fernandes e Marcio Paschoal, dando, também, destaque a um pensamento de Chesterton: “Louco não é o homem que perdeu a razão. Louco é o homem que perdeu tudo menos a razão”.

A segunda parte do artigo, intitulada *Autor explica, tintim por tintim, a criação de sua obra*, consiste na entrevista concedida por Marcio Paschoal à *Tribuna Bis*, sobre a gênese do livro.

TEXTO 110 – UMA VISÃO NACIONAL DA POESIA DE HOJE

Rio, Quarta-feira, 9/8/95

A capa do livro *Sincretismo – A poesia da Geração 60: introdução e antologia*, organizado por Pedro Lyra, ilustra esse artigo no qual João Antônio compôs uma extensa retranscrição a respeito do lançamento da obra que “viria preencher uma lacuna em nossa bibliografia”. O livro foi lançado pela Topbooks, em convênio com a Fundação Cultural de Fortaleza e a Fundação Rioarte.

Trata-se de uma rigorosa pesquisa, realizada ao longo de 10 anos, reunindo 45 poetas nascidos entre 1935-55 e/ou estreantes entre 1955-75. Alguns destes poetas são conhecidos, outros quase completamente ignorados, pelo menos fora da sua região.

O articulista transcreve também a entrevista concedida por Pedro Lyra à *Tribuna Bis*. O assunto gira mais em torno do processo e critérios utilizados por Lyra na elaboração da antologia.

TEXTO 111 – O NOME CURTO É DE UM SENHOR POETA

Rio, Sábado e Domingo, 26 e 27/8/95

Uma foto da capa do livro *Curral de peixe*, de Lêdo Ivo, e uma foto do poeta, romancista, ensaísta e tradutor, ambas superpostas ilustram esse artigo. À esquerda, temos o poema *O ignorante*.

O articulista transcreve a entrevista concedida por Lêdo Ivo à *Tribuna Bis*. À pergunta: “quem é Lêdo Ivo?”, o poeta cita Rimbaud, de quem foi o primeiro tradutor brasileiro, e responde: “Eu sou o outro.” O assunto central da entrevista foi o processo de criação literária: a vida de escritor, o valor da poesia na sua vida e sua “fidelidade à literatura”.

No final da página, com o subtítulo *Opiniões*, em destaque, João Antônio registra a opinião de diferentes críticos sobre Lêdo Ivo e sua obra.

TEXTO 112 – DANÇA: BELA E DIFÍCIL VOCAÇÃO

Rio, Segunda-feira, 11/9/95

João Antônio traça aqui um painel de um povo que tem a alegria de viver “apesar dos pesares ou até por causa deles”, o brasileiro, que expressa essa alegria cantando e dançando. O artigo vem ilustrado pelo cartaz da *Mostra de Novos Coreógrafos*, ocorrida no Rio de Janeiro e pela foto de Márcia Guimarães.

O objetivo do artigo é divulgar o lançamento do livro *Memória – 12 anos de mostra*, que evidencia, em suas 150 páginas, depoimentos de vencedores e jurados que contribuíram para o fortalecimento e perenidade da mostra. Para João Antônio, o livro, promovido pela Rioarte e em edição comemorativa, “reflete o pensamento de profissionais que dedicaram sua vida à dança e fizeram dela um ato de fé”, além de propor um debate mais amplo sobre os destinos da dança no Brasil.

Em entrevista à *Tribuna Bis*, Márcia Guimarães, companheira de Lilia Kuperman – idealizadora do projeto que resultou em *Memória – 12 anos de mostra* – revela ter ficado “24 horas à disposição do projeto, comendo, sonhando e respirando o mundo frágil e terrível das sapatilhas”.

Com o subtítulo *Palavras de um poeta*, o articulista transcreve um depoimento do responsável pela Rio Arte, Gerardo Mello Mourão, sobre a importância da dança.

TEXTO 113 – O CORAÇÃO-DE-LEÃO DAS LETRAS

Rio, Quarta-feira, 27/9/95

Ilustram esse artigo, a capa do livro *Teoria e prática da crítica literária*, de Assis Brasil, lançado pela Topbooks, e duas caricaturas: uma de João Cabral de Melo Neto e outra de João Ubaldo Ribeiro.

João Antônio destaca a importância de Assis Brasil para nossas letras, mencionando o romance *Beira rio beira vida*, que recebeu o importante prêmio Walmap. Destaca principalmente o papel de crítico literário: um dos méritos de Assis Brasil é o de não se restringir ao “famigerado” eixo Rio-São Paulo. “Ele garimpa até os mais distantes rincões do país, atento a todo movimento literário nacional”.

Teoria e prática da crítica literária abrange uma larga faixa de prosadores e poetas da década de 80 e “se torna, quando menos, necessário às novas gerações de leitores e estudiosos”.

Em entrevista à *Tribuna Bis*, Assis Brasil aborda temas relacionados ao seu novo livro e à literatura. Comenta que *Teoria e prática da crítica literária* trata-se de um resumo de toda a sua atividade na área, “esclarecendo pontos polêmicos e chamando a atenção para alguns escritores brasileiros de grande importância e também para alguns equívocos”. O livro complementa os 4 volumes de *A nova literatura*, publicado em 1975, através de inúmeras análises de obras, principalmente dos escritores mais novos, enfatizando a literatura após o Modernismo.

Com o subtítulo *Fala escritor*, à semelhança de uma entrevista pingue-pongue, João Antônio expõe o modo de pensar de Assis Brasil sobre família, solidão, mercado de livros, morte e imortalidade etc.

TEXTO 114 – A GRANDE DAMA DO ENCANTADO

Rio, Sábado e Domingo, 7 e 8/10/95

Em destaque, uma foto de Aracy de Almeida ilustra esse artigo. A intérprete de nomes ilustres de nossa música popular, como Noel Rosa, está em frente ao quadro que Aldemir Martins pintou da cantora, à semelhança de um espelho.

Nas palavras do articulista, Aracy “era voz, uma voz da terra e do povo”. Segundo ele, ao cantar Noel Rosa, “captava o sentido trágico, quase grego da vida”.

Carregava “a alma do subúrbio, mas o subúrbio universal”, sendo “a grande dama do Encantado”, expressão que deu origem ao título da última obra de João Antônio.

É interessante observar o empenho de João Antônio em resgatar valores de nossa cultura que estavam e/ou estão no esquecimento ou relegados ao último lugar por alguns estudiosos.

TEXTO 115 – *CRISTAL*, ROMANCE QUE VEM DE CURITIBA

Rio, Sexta-feira, 20/10/95

Uma grande ilustração da capa do livro de Wilson Bueno, *Cristal*, e uma foto do autor de *Mar paraguay* dividem a página com o texto de João Antônio.

Vários assuntos foram abordados na entrevista concedida à *Tribuna Bis* pelo autor de *Bolero's Bar* e *Manuel de Zoofilia*, nome relevante no jornalismo cultural do Paraná, tendo criado e dirigido por oito anos o jornal *Nicolau*. Sua função atual é a de editor da revista *De Azur*, ao lado de Leandro Morales, da Columbia University.

Seu objetivo, em *Cristal*, é “captar a atmosfera de lascívia, de cores e de transbordamento” de nossa linguagem, através da qual, Wilson pretende fazer uma edição inteiramente dedicada ao Brasil, dentre outros projetos. Quanto a *Nicolau*, o escritor comenta que não basta querer fazer as coisas, era preciso saber fazê-las.

Com o subtítulo *Opiniões Críticas*, João Antônio transcreve comentários de críticos e escritores renomados sobre o valor literário de Wilson Bueno.

TEXTO 116 – NÁSSARA: 85 ANOS DE CARIOQUICE

Rio, Segunda-feira, 13/11/95

Algumas caricaturas feitas pelo caricaturista, jornalista, compositor, músico e campeão de carnavais, Antônio Gabriel Nássara, ilustram esse artigo dedicado ao próprio Nássara. Grande admirador seu, João Antônio já havia dedicado ao artista outro artigo neste mesmo espaço, *Nássara, 84 anos de humor*, em 1994.

João Antônio transcreve algumas observações de outros críticos a respeito de Nássara. Na entrevista à *Tribuna Bis*, Nássara aborda vários assuntos, como o significado do sobrenome Nássara, a cidade do Rio de Janeiro, a atividade de

caricaturista etc. Aparece também a opinião crítica do caricaturista Nani, elogiando Nássara. O articulista transcreve o depoimento de Cássio Loredano, autor de livro sobre Nássara.

Com o subtítulo *Uma estrela permanente*, João Antônio define Nássara como “um patrimônio vivo, carioca e brasileiro ..., que encantou e surpreendeu várias gerações de humoristas, chargistas, caricaturistas...”

TEXTO 117 – A FONTE ONDE SE BEBE

Rio, Terça-feira, 19/12/95

Duas fotos ilustram esse artigo: uma da capa do livro *A fonte onde se bebe* e outra de sua autora, Cláudia Fares.

O artigo começa com a apresentação de Cláudia e seu livro. Em seguida, vem a entrevista concedida à *Tribuna Bis*. Para o articulista, com *A fonte onde se bebe*, que recebeu o Prêmio BDMG-Cultural, em 1993, a escritora “fez por se integrar numa ilustre família, única da literatura: a dos cronistas brasileiros”.

A autora informa que todas as crônicas do referido livro foram escritas por ocasião de sua longa temporada em Paris, onde defendeu tese na Sorbonne sobre a solidão na obra de Caetano Veloso. Cita, ainda, vários nomes de escritores que a influenciaram em sua formação, iniciando a lista com José de Alencar e Thomas Mann e finalizando-a com José Saramago e Guimarães Rosa.

1996

TEXTO 118 – CANTO DE AMOR PLENO E PERMANENTE

Rio, Quinta-feira, 4/1/96

Esse artigo vem ilustrado por uma foto do poeta e, em destaque, pela capa do livro, *Petrucha*, de Albertus Marques, desenhada por Ziraldo.

O artigo inicia falando da nova safra de poetas brasileiros de qualidade, inserindo neste rol Albertus Marques, com o seu *Petrucha*, lançado pela Topbooks, um livro de poemas escrito e guardado pelo poeta por 40 anos.

Com o subtítulo *Encanto vem desde a infância*, João Antônio traça uma síntese bibliográfica do autor de *Petrucha*. A respeito do livro, com o subtítulo *Sobre Petrucha*, o articulista transcreve apontamentos críticos de Ivo Barroso, Victor Giudice e Suzana Vargas, exaltando o valor do livro de Albertus Marques, que foi prefaciado por Ivo Barroso.

TEXTO 119 – CARLOS MENEZES ESTÁ DE VOLTA

Rio, Terça-feira, 16/1/96

A reprodução da capa do livro de Carlos Menezes, *Elesbão, o bleso e outras histórias*, reeditado pela *Sette Letras* e uma foto do autor ilustram esse artigo.

Na opinião de João Antônio, Carlos Menezes é o mais antigo colunista de literatura do país, sendo pessoa de “humildade franciscana e de uma paciência beneditina”. Na entrevista concedida à *Tribuna Bis*, Carlos Menezes conta fatos de sua vida pessoal, profissional, seus sonhos e aspirações, mostrando-se um leitor assíduo.

Relata, por exemplo, que *Elesbão, o bleso* nasceu de sua mania de folhear dicionários em busca de velhas palavras fora de uso, como bleso, ofiase, gípeo etc., que foram anotadas e utilizadas no respectivo conto, resultando num “tipo de humor bastante singular”.

O texto menciona ainda o romance *Vitória, o pai-avô e o pérfido Camarinha*, também de Carlos Menezes, inspirado em sua avó materna. O escritor, por sua vez, revela seus projetos para um novo romance, *Degredo e inferno no paraíso*, sobre o que

teria acontecido com os dois degredados que Pero Vaz de Caminha relata ter aqui deixado.

No *box*, com o subtítulo *Opinião crítica*, o articulista transcreve palavras de Néelson Rodrigues sobre o escritor Carlos Menezes.

TEXTO 120 – *RIO, RIO É UM SENHOR LIVRO DE CONTOS*

Rio, Sábado e Domingo, 27 e 28/1/96

Esse artigo vem ilustrado pela capa do livro de Muniz Sodré, *Rio, Rio*, que estava sendo lançado pela Relume Dumará, no Rio de Janeiro.

O texto está dividido em duas partes: o comentário de João Antônio sobre a obra e sobre o autor de *Rio, Rio*, com a entrevista concedida por Muniz à *Tribuna Bis* e uma pequena biografia de Sodré por ele mesmo.

Na entrevista, Muniz Sodré fala sobre sua vida profissional: o lado do ficcionista e o do teórico, a gênese de *Rio, Rio*, seu outro livro, *Santugri*, e seu próprio estilo enquanto escritor.

Com o subtítulo *Muniz Sodré por ele mesmo*, o contista faz uma síntese de fatos biográficos de sua própria vida.

Com outro subtítulo, *Opiniões críticas*, há alguns excertos de comentários críticos por João Ubaldo Ribeiro, Sônia Coutinho e Antonio Callado sobre Muniz Sodré e seu livro. Com o subtítulo *Obras*, aparece uma lista com as obras do contista.

TEXTO 121 – *UMA COLETÂNEA BELA E CORAJOSA*

Rio, Sábado e Domingo, 24 e 25/2/96

Uma grande foto do professor de língua portuguesa e de literatura, Edimílson Caminha, ilustra esse artigo que também traz, em menor destaque, a foto de Drummond.

João Antônio dedica esse artigo ao trabalho de Caminha, *Palavras de escritor*, coletânea de entrevistas com alguns dos maiores poetas e escritores do país, livro editado pela Thesaurus, de Brasília. O professor elaborou o livro ao longo de mais de dez anos, organizando entrevistas realizadas por ele e que foram inicialmente publicadas em jornais.

Nota-se, uma vez mais, a preocupação de João Antônio a respeito da “ditadura nefanda” – expressão criada por ele – que o eixo Rio-São Paulo exerce na divulgação de escritores da literatura brasileira. Na entrevista de Edimilson Caminha concedida à *Tribuna Bis*, são abordados temas como a atual universidade brasileira, a gênese do livro *Palavra de escritor*, o eixo cultural Rio-São Paulo e os “esquecidos” de nossa literatura.

Com o subtítulo *Fragmentos de Pedro Nava*, João Antônio transcreve trecho do livro *Palavras de escritor*.

TEXTO 122 – REFRAÇÕES NO TEMPO, UM BANHO DE CULTURA

Rio, Sábado e Domingo, 6 e 7/4/96

Ilustram esse artigo a capa do livro *Refrações no tempo – Tempo histórico/Tempo literário*, de Maria José de Queiroz, e, em menor destaque, a foto da escritora.

O objetivo é divulgar a atividade de Maria José de Queiroz como escritora, uma das ensaístas mais importantes do Brasil da atualidade, segundo João Antônio. Seu *Refrações no tempo*, lançado pela Topbooks, “reconfirma a presença em nossas livrarias de uma das escritoras mais originais do tempo presente”.

O livro de Maria José é composto por ensaios no campo da história literária, fazendo fronteira com a filosofia, a história e a sociologia.

O articulista relembra o livro *A literatura e o gozo impuro da comida*, publicação anterior da escritora como “um banho de cultura, bom gosto e cabimento”.

Em entrevista concedida pela ensaísta à *Tribuna Bis*, são abordados assuntos sobre os dois livros mencionados, Ortega y Gasset, o primeiro ensaio do livro *Refrações no tempo*, Elias Canetti etc.

TEXTO 123 – A TRINCA DO CURVELO, UMA ILUSTRE COMPANHIA

Rio, Sábado e Domingo, 20 e 21/4/96

Esse artigo objetiva a divulgação do livro de Elvia Bezerra, *A trinca do Curvelo*, lançado pela Topbooks, com capa de Victor Burton. Trata-se de uma coletânea de três

ensaios sobre três ex-moradores da Rua do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. O artigo vem ilustrado pela capa do livro e pelas fotos dos três ex-moradores.

Na entrevista, Elvia Bezerra, redatora/colaboradora na *Encyclopaedia Britannica do Brasil* e professora de português no Consulado Britânico do Rio de Janeiro e no British Council, fala de seu livro e das três personalidades nele contempladas: Manuel Bandeira atua como fio de ligação entre a trinca – vale dizer que para Bandeira “trinca” era a molecada da rua, não um grupo de três.

A partir dele, a autora reconstitui a trajetória de Ribeiro Couto, escritor pouco conhecido que foi poeta apreciado por Bandeira, além de cronista e contista - e a firme amizade que havia entre ambos. Relaciona por fim Bandeira a Nise da Silveira, psiquiatra e moradora da Rua do Curvelo, em frente à casa de Bandeira.

TEXTO 124 – UMA RAJADA DE TALENTO E AFLIÇÃO

Rio, Sábado e Domingo, 27 e 28/4/96

A capa do livro *Luar*, de Guy de Maupassant, ilustra esse artigo de João Antônio, dedicado ao contista, por ocasião do relançamento de duas de suas obras: *Luar* e *A máscara*, pela Boitempo Editorial, de São Paulo.

O texto está dividido em pequenos blocos intitulados. *Mestre entre os grandes* trata do eixo comum de toda a produção do escritor. *Vida breve e longa* fala da vida de Henri-René-Albert-Guy de Maupassant. *Um touro triste* – assim o chamavam seus amigos – refere-se ao “estilo quente, fácil, malicioso, sensual” da arte de narrar de Guy. Com o subtítulo *A morte na Terra*, o articulista descreve o período que antecede a morte de Guy.

No *box*, com o subtítulo *Obra intensa*, aparece a lista das obras de Guy de Maupassant.

TEXTO 125 – DA RUA PARA A LITERATURA

Rio, Terça-feira, 21/5/96

Escrito por Denise Oliveira, esse artigo é dedicado ao escritor João Antônio, jornalista, ensaísta e colaborador na *Tribuna Bis*. Uma foto do contista, ocupando metade da página impressa, ilustra o texto de Denise, dividindo a página com a capa do livro *Patuléia*, de João Antônio, que aqui de entrevistador passou ao papel de entrevistado.

Segundo Denise, com *Patuléia*, livro que reúne alguns dos melhores contos de João Antônio já publicados, mais uma vez, o escritor confirma a fama de contista de talento, com livros editados em oito idiomas. Para o escritor, “o encantador no conto é o desafio que oferece ao autor. É a possibilidade de assumir a liberdade criadora”.

TEXTO 126 – PRESENÇA INCÔMODA E FECUNDA

Rio, Sábado e Domingo, 15 e 16/6/96

Ilustra esse artigo, a capa do livro *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*, de Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, lançado pela Tempo Brasileiro.

João Antônio principia o artigo referindo-se à “presença incômoda e fecunda” de Lima Barreto, num país em que se evita “um corpo-a-corpo com a realidade”, expressão presente em outros textos do escritor.

O ensaio de Carmem Lúcia, segundo o articulista, revisita os primeiros anos da República, expondo o valor pioneiro e revelador de Lima Barreto.

Na entrevista concedida à *Tribuna Bis*, a autora responde perguntas sobre seu livro, sobre Lima Barreto e sobre o contexto da Primeira República.

Carmem Lúcia, que fazia caricatura no *Correio da Manhã*, comenta *Triste fim de Policarpo Quaresma* do ponto de vista da caricatura e trata a literatura como sendo a “possibilidade de transitar entre o discurso oficial, a ideologia e o imaginário social”.

João Antônio, aproveitando mais essa oportunidade, deixa registrada sua admiração e identificação com o escritor Lima Barreto, que, para o crítico, tornava-se moderno a todo instante, a cada leitura e releitura de suas obras.

TEXTO 127– UM MISTÉRIO QUE DURA MAIS DE UM SÉCULO

Rio, Sábado e Domingo, 22 e 23/6/96

A capa do romance *Kaspar Hauser*, de Jacob Wassermann, ilustra esse artigo de João Antônio. Para ele, através desse romance “enigmático, intrigante e perturbador”, o autor resgata o polêmico caso “jurídico-criminal” e ainda enigmático ocorrido em Nuremberg, na Alemanha, no século XIX. Na avaliação do articulista, do ponto de vista psicológico, sociológico, histórico, além do literário, o livro se presta a múltiplas discussões.

O artigo refere-se também ao filme que Werner Herzog levou para as telas, baseado na história de Kaspar Hauser. *Kaspar Hauser* como livro passou meio século fora das livrarias, retornando pela edição da Topbooks, tradução de Adonias Filho e capa de Víctor Burton, em 1996.

O articulista comenta o enredo, as personagens e a possível ligação da obra com fatos reais e com o protagonista Kaspar Hauser. Além disso, com o subtítulo *Emoção em forma de poema*, transcreve um poema de George Trakl, *Canção de Kaspar Hauser*, escrito sob o impacto da história do protagonista.

João Antônio reforça seu julgamento crítico com apontamentos de Thomas Mann, Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, exaltando o valor literário de Jacob Wasserman. Para isso, cita mais duas obras do escritor: *Os judeus de Linsdorf*, com a qual o autor se firmou e estreou, e *O processo de Maurizius*, que marcou profundamente Albert Camus.

TEXTO 128 – CIRO MONTEIRO IA VIVENDO DE AMOR

Rio, Sábado e Domingo, 20 e 21/7/96

Esse artigo vem ilustrado por uma enorme caricatura de Ciro Ribeiro, o formigão, assinada por Henrique Estevão. A margem direita foi ilustrada com a foto de Ciro repetida ao longo de toda a página.

João Antônio já havia dedicado a Ciro Monteiro o artigo de 27/7/93, *O telecoteco de Ciro Monteiro*, que aparece praticamente transcrito aqui, modificando apenas a sua ilustração.

TEXTO 129 – VINTE GRANDES DA NOSSA LITERATURA

Rio, Sábado e Domingo, 10 e 11/8/96

Esse artigo, dedicado a Homero Senna, objetivando divulgar sua obra *República das letras* e reeditado pela Civilização Brasileira e Univap, vem ilustrado pela capa do livro e pelas caricaturas de Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Após citar os vinte nomes de escritores entrevistados, João Antônio refere-se a esse conjunto como “uma vintena do melhor porte e que raramente aparece reunida”. Para o articulista, o livro de Homero Senna esclarece, informa e oferece um ponto de partida para discussões não apenas sobre a literatura brasileira, mas sobre cultura nas últimas décadas.

Como procedimento rotineiro em seus artigos, João Antônio transcreve julgamentos críticos de Brito Broca e Carlos Drummond de Andrade, exaltando o valor de Homero Senna e seu trabalho.

TEXTO 130 – A LUZ NEGRA DA SOLIDÃO

Rio, Quinta-feira, 29/8/96

Um desenho de Henrique Estevão ilustra esse artigo, mostrando um rosto angustiado e uma borboleta presa em uma teia de aranha. O título da música de Néelson Cavaquinho e Amâncio Cardoso, *Luz Negra*, foi aproveitado para intitular o artigo.

Dois meses antes de seu falecimento, João Antônio transcreve de modo literal o artigo que publicou em 25 de julho de 1994 sobre a solidão, *A solidão a um, a dois, a muitos*, mudando apenas a ilustração de seu texto.

Título e ilustração mostram-se mais pesados e introspectivos que os do outro artigo.

TEXTO 131 – O BRILHO RARO DE UMA ABELHA OPERÁRIA

Rio, Terça-feira, 17/9/96

João Antônio dedica esse artigo à divulgação do desenhista nascido em Buenos Aires e radicado no Brasil desde 1969, Luís Trimano, e da exposição dos desenhos do artista realizada pela *Funarte*. O texto vem ilustrado com desenhos do próprio Trimano.

O crítico apresenta o desenhista como uma personagem reconhecida no meio artístico não só pelo seu trabalho sobre os poemas de Leonardo Fróes mas por muitos outros, como as ilustrações para a *Antologia poética*, de Mário Benedetti, o trabalho dedicado a Cesar Vallejo, suas caricaturas etc.

Nássara, outro grande caricaturista, definiu o amigo a partir de um trocadilho sobre o sobrenome do amigo: “TRI-MANO, pois só com três mãos para realizar o que parece impossível aos olhos leigos”.

Com o subtítulo *Lembranças dos amigos*, João Antônio transcreve depoimentos sobre Luis Trimano e sua arte. Para reforçar seus apontamentos críticos, utilizou textos de Paulo Caruso e Paulo Herkenhoff que evidenciam o valor da arte de Luis Trimano.

No canto inferior esquerdo da página impressa, há um auto-retrato do desenhista e a opinião do artista sobre o próprio trabalho. João Antônio também transcreve o poema *Ambições e assombrações*, de Leonardo Fróes, que homenageou Luis Trimano, por ocasião da exposição promovida pela Funarte.

TEXTO 132 – UMA DÍVIDA QUE PRECISA SER PAGA

Rio, Quinta-feira, 3/10/96

Esse artigo, o penúltimo escrito, é dedicado a Cassiano Nunes e vem ilustrado por uma foto recente do escritor, tirada em Brasília. À direita, como costume, estão transcritos os poemas *Bicicleta*, *Mistério da noite* e *Recado a Adonirã Barbosa*.

João Antônio principia queixando-se do descaso com escritores como Cassiano Nunes, poeta, prosador, jornalista, crítico e ensaísta, “Um ponto de referência no Distrito Federal”, segundo suas palavras.

Traça um painel dos fatos relevantes ocorridos com Cassiano Nunes, da infância até a aposentadoria. Insere trechos em que o próprio Cassiano se pronuncia em assuntos como sua vida, Mário da Silva Brito, Oswald de Andrade, seu interesse pela cultura norte-americana, o samba, Zicartola etc.

No *box*, o articulista escreve a *biografia* de Cassiano Nunes, com os subtítulos: *Artigos*, *Bolsa*, *Curso*, *Aposentado* e *Poemas*.

TEXTO 133 – MARGINALIZADOS PERDEM A SUA VOZ

Rio, Sábado e Domingo, 2 e 3/11/96

Esse é o último artigo escrito por João Antônio para a *Tribuna Bis*, antes de sua morte, aos 59 anos e vem ilustrado com uma grande foto do escritor, em idade madura, sorrindo e com os dizeres: “João Antônio partiu sem dar maiores explicações, ao contrário da maneira com que levou a vida, na sua busca incessante de razões e de conhecimento sobre o mundo”. No final da página, está a capa do livro de Carlinhos de Oliveira.

O título escolhido para o artigo é *Os muitos Carlinhos de Oliveira*. Principia discorrendo sobre a biografia, fazendo o trocadilho com as palavras “biografia e biografias”. Traça um paralelo entre o mercado editorial brasileiro e o estrangeiro, resumindo a história do gênero.

Estabelece características de uma boa biografia e introduz o nome de José Carlos Oliveira, por ocasião do aniversário de dez anos de sua morte, centralizando seu texto na divulgação de *Diário da Patetocracia – crônicas brasileiras – 1968*, editado pela Graphia Editorial.

Também divulga o trabalho de Jason Tércio sobre Carlinhos de Oliveira, em especial, como “o mais importante e corajoso dos cronistas em 1968”, transcrevendo apontamentos de Tércio sobre o cronista.

4. Bibliografia

- AGUIAR, F. Evocação de João Antônio ou do purgatório ao inferno. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p.105-20.
- ANTUNES, B. Menino de má conduta: para ler João Antônio. *Proleitura n. 17*, Assis, dez. 1997, p. 10.
- ARÊAS, V. Chorinhos de um retratista: (improviso). *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p.121-37.
- ASSIS BRASIL, L. A. A nova literatura – João Antônio. In: _____. *O conto*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1973.
- ASSIS BRASIL, L. A. Crítica literária: Impressionismo ou dogmatismo? *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 79-84, jan.-mar. 1980.
- BÁRBARA, Danúsia. Geração 77 é o seguinte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12, jan. 1976. s.n., s.p.
- BARBOSA FILHO, H. Crítica literária e jornalismo. *D.O. Leitura*, São Paulo, 6, jun. 1987. n. 61, p. 16.
- BARBOSA, J. A. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BARBOSA, J. A. A paixão crítica. *Letras de Hoje. Anais do II Seminário brasileiro de Crítica Literária & I Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 57, p. 7-15, set. 1984.
- BARBOSA, J. A. A prosa de uma consciência. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Dama do encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. ed. 3. São Paulo: Cultrix, 1981.
- BRITO, M. S. A sofrida arraia miúda de João Antônio. In: FERREIRA FILHO, João Antônio. *Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BRITO, M. S. Um corpo-a-corpo com a vida. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Malhação do Judas Carioca*. ed. 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- BRITO, M. S. Os malandros paulistas entram na literatura. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BRUNO, E. Esperanças da crítica. *Uniletras*, Ponta Grossa, n. 6, p. 18-21, dez. 1984.

- CABELLO, A. R. G. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Assis: Universidade Estadual Paulista, 1984. 226 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de ciências e letras “Júlio Mesquita Filho”, 1984.
- CAMINHA JÚNIOR, E. Abraçado ao nosso rancor. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 15, nov. 1986. n. 1049, p. 10.
- CAMINHA JÚNIOR, E. Corpo a corpo com a vida. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8, dez. 1984. n. 949.
- CAMPOS, H. B. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- CAMPOMIZZI FILHO. “Malhação do Judas Carioca”. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 3, abr. 1976. n. 508, p. 8.
- CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. ed. 2. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, A. Ele descreveu as franjas escuras da vida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., p. 3-6.
- CANDIDO, A. Na noite enxovalhada. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 83-8.
- CARNEIRO, C. P. Em torno de “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18, out. 1975. n. 410, p. 10.
- CARNEIRO, C. P. Malhação do Judas Carioca. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17, jul. 1976. n. 513, p. 3.
- CARNEIRO, C. P. Meu perfil de João Antônio. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 11-23.
- CARPEAUX, O. M. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1995.
- CARVALHO, J. A. Cartas de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6, mar. 1982. n. 805, p. 4.
- CARVALHO, J. A. João Antônio e Noel Rosa. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16, out. 1982. n. 837, p. 9.
- CAVALCANTI, V. Malhação do Judas Carioca (o Rio, com muito amor). *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28, fev. 1981. n. 752, p. 4.
- CECCANTINI, J. L. C. T. Casado com a literatura. *Proleitura n. 17*, Assis, dez. 1997, p. 8-9.

- CIRNE, M. A crítica e os preconceitos à margem da literatura de massa. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 93-97, jan.-mar. 1980.
- CLEMENTE, E. A crítica na universidade e na imprensa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 64, p. 14-8, jun. 1986.
- COELHO, L. M. João Antônio: força e autenticidade. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 25, jul. 1981. n. 773, p. 5.
- COELHO, N. N. “Malagueta, Perus e Bacanaço.” *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5, out. 1968. n. 110, p. 7.
- COUTINHO, A. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
- COUTINHO, A. S. (org). Da crítica brasileira. In: _____. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, 1974. v. 1, p. 263-7.
- CUNHA, C. Ô Copacabana! *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24, mar. 1979. n. 651, p. 4.
- CUNHA, F. Crítica literária: reflexões da praxis. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro n. 60, p. 59-67, jan.-mar. 1980.
- CUNHA, H. P. A crítica: resgate do humano. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60. Rio de Janeiro, p. 17-22, jan.-mar. 1980.
- DAICHES, D. A crítica prática. In: _____. *Posições da crítica em face da literatura*. (trad.) Thomaz Newlands Neto. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967. p. 174-365.
- DEPOIMENTO de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11, abr. 1981. n. 758, p.1-2.
- DIAFÉRIA, L. Do Joãozinho ao João Antônio. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 57-63.
- DIAS, A. Um painel da crítica literária brasileira hoje. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 3-6, jan.-mar. 1980.
- DIEGUES, G. K. Dimensões da crítica literária contemporânea. *Tempo Brasileiro. Leitura e verdade*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 62-65, jan.-mar. 1979.
- D’ONOFRIO, S. *O texto literário: teoria e aplicação*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- DURIGAN, J. A. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DURIGAN, J. A. João Antônio e a ciranda da malandragem. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28, mai. 1983. n. 869, p. 1-2.

- DURIGAN, J. A. Otários & otários & otários. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24, mai. 1986. n. 1024, p. 6-7.
- EAGLETON, T. *A função da crítica*. (trad.) Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- ENEI, B. Esperanças da crítica. *Uniletras*. “25 anos de Departamento de Letras/ 10 anos de UNILETRAS”, Ponta Grossa, n. 10, p. 18-21, dez. 1988.
- FERREIRA FILHO, J. A. Corpo-a-corpo com a vida. In: _____. *Malhação do Judas Carioca*. ed. 3. Rio de Janeiro: Record, 1975. p. 143-51.
- FERREIRA FILHO, J. A. O escritor e a televisão. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8, jan. 1977. n. 537, p. 8.
- FERREIRA FILHO, J. A. *João Antônio*. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por João da Silva Ribeiro Neto. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- FERREIRA FILHO, J. A. O escritor assume sua cor. É Lima Barreto. *D. O. Leitura*, São Paulo, 8, abr. 1983. n. 11, p. 14-5.
- FERREIRA FILHO, J. A. Jogo do bicho. *D. O. Leitura*, São Paulo, 4, abr. 1986. n. 47, p.20.
- FRESNOT, D. Crítica da crítica literária. *D.O. Leitura*, São Paulo, 7, abr. 1989. n. 83, p. 16.
- FIGUEIREDO, F. *Aristharcos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1941.
- FIM de partida. Morre João Antônio, craque do conto e da crônica. *Veja*, São Paulo, n. 1469, p.138, nov. 1996.
- GOLDSTEIN, N. S. A sedução ficcional dos malandros de João Antônio. *Proleitura* n. 17, Assis, dez. 1997, p. 5-7.
- GOMES, J. E. João Antônio: garra e nomadismo. *Leitura*. Rio de Janeiro, n. 94/95, p. 12-5, 44-5, mai.-jun. 1965.
- GOMES, D. O parajornalismo de João Antônio “em malhação” do Judas Carioca. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27, mar. 1976. n. 497, p. 3.
- GONÇALVES, L. João Antônio – um incrível banho de humanidade. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9, abr. 1983. n. 862, p. 3.
- GROSSMANN, J. Os grandes desafios da crítica literária. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 52-8, jan.-mar. 1980.
- HELENA, L. A crítica, a arte e a história. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 7-11, jan.-mar. 1980.

- HOHLFELDT, A. C. A crítica literária e o papel da universidade. *Letras de Hoje. Anais do II Seminário Brasileiro de Crítica Literária & I Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, set. 1984. n. 57, p. 111-16.
- HOHLFELDT, A. C. O conto sócio-documental. In: _____. *Conto Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- HOHLFELDT, A. C. Prá lá de Bagdá. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Os melhores contos de João Antônio*. Seleção de Antônio Hohlfeldt. São Paulo: Global, 1986.
- HOLLANDA, H. B., GONÇALVES, M. A. O caso João Antônio. Política e literatura: a ficção da realidade brasileira. In: _____. *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa Empresa, 1979-1980. 7v.
- JOÃO Antônio, ou a hora e a vez do anti-herói. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5, out. 1968. n. 110, p. 6.
- JOÃO Antônio faz na corda bamba a arte dos pingentes. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 20, out. 1984. n. 942, p. 9.
- JOZEF, B. A questão da crítica e a crítica em questão. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 85-92, jan.-mar. 1980.
- LAGO, M. Ô Copacabana. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18, nov. 1978. n. 634, p. 5.
- LAURITO, I. B. João Antônio: o inédito. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 25-53.
- LIMA, A. A. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- LIMA, L. C. Questionamento da crítica literária. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 105-114, jan.-mar. 1980.
- LUCAS, F. A jornada paulista de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2, mai. 1987. n. 1071, p. 9.
- LUCAS, F. Jacarandá e sua constelação de máscaras. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. São Paulo: Atual, 1993.
- LUCAS, F. Reflexões sobre a prosa de João Antônio. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 90-103.
- LUCAS, F. A obra e a crítica numa cultura dependente. *Letras de Hoje. Anais do II Seminário Brasileiro de Crítica Literária & I Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, set. 1984. n. 57, p. 155-61.

- LYRA, P. Para um conceito de crítica. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 98-104, jan.-mar. 1980.
- MACÊDO, T. C. João Antônio, esse (des)conhecido. *Proleitura n. 17*, Assis, dez. 1997, p. 4.
- MAJADAS, W. Alegria: passarela da malandragem. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 139-46.
- MANDATTO, J. João Antônio: I/Mortal na casa dos quarenta. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5, fev. 1977. n. 541, p. 12.
- MANDATTO, J. João Antônio: aberto para balanço. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27, set. 1980. n. 730, p. 2.
- MANDATTO, J. Fechado para balanço. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7, fev. 1981. n. 749, p. 4.
- MANDATTO, J. “Malagueta, Perus e Bacanaço”, um livro insubstituído”. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7, mar. 1981. n. 753, p. 5.
- MANDATTO, J. Novos malandros de João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13, nov. 1982. n. 841, p. 5.
- MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.
- MEDINA, C. A. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. São Paulo: Imprensa Nacional Casa da Moeda/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1985.
- MENDES, J. P. Crítica Textual. *Uniletras*. “25 anos de Departamento de Letras/10 anos de UNILETRAS”, Ponta Grossa, n. 10, p. 45-53, dez. 1988.
- MOISÉS, M. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- MOISÉS, M. *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- MONSERRAT FILHO, J. No Brasil, todos ganham com o trabalho do escritor, menos o próprio escritor. *Caderno de Sábado*, São Paulo, 21, fev. 1976. n. 11.
- MOURA, F. M. Elementos de crítica literária. *D. O. Leitura*, São Paulo, 4, abr. 1986. n. 47, p. 8-9.
- NORMAS para publicações da UNESP. *Referências bibliográficas*. São Paulo: UNESP, 2.v. s.d.
- NORMAS para publicações da UNESP. *Preparação e revisão de textos*. São Paulo: UNESP, 3v. s.d.
- NORMAS para publicações da UNESP. *Do trabalho científico ao livro*. São Paulo: UNESP, 4v. s.d.
- NOVO manual da redação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

- NUNES, C. Nota sobre João Antônio. In: _____. *Breves estudos da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- PAES, J. P. Ilustração e defesa do rancor. In: _____. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PAIXÃO, F. As coisas mais simples de João Antônio. *Folha de São Paulo. MAIS!*, São Paulo, 1996, p.5-12.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- PERRONE-MOISÉS, L. Escolher e/é julgar. In: ____ et al. *Cadernos da Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 1, p. 159-171, 1982.
- PERRONE-MOISÉS, L. História literária e julgamento de valor I. In: ____ et al. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 77, p. 5-18, jan. 1984.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Roland Barthes*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERRONE-MOISÉS, L. História literária e julgamento de valor II. In: ____ et al. *Cadernos da Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 100, p. 24-41, nov.-dez. 1987.
- PINHEIRO, N. Abraçado ao meu rancor: João Antônio. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11, out. 1986. n. 1044, p. 9.
- PLOEGMAKERS, R. “Frescuras do coração” (a melancolia nos contos do submundo de João Antônio). *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11, mai. 1985. n. 971, p. 8-9.
- PRADO, A. A. Lima Barreto Personagem de João Antônio. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 147-67, 1999.
- QUINTELLA, A. João Antônio: o compromisso com o texto. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6, dez. 1986. n.1052, p. 10.
- RATH, J. Abraçado ao meu rancor ataca de dois lados. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28, fev. 1987. n. 1063, p. 10.
- RICCIARDI, G. *Escrever: origem, manutenção, ideologia*. Bari: Libreria Universitaria, 1988.
- RICCIARDI, G. A literatura é um ato de humildade. *Proleitura n. 17*, Assis, dez. 1997, p.1-3.
- RIEDEL, D. C. O outro saber. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19, mai. 1990. n. 1146, p. 13.
- SANT’ANNA, A. R. Uma interpretação prática na questão da Crítica e da Teoria Literária. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 68-78, jan.-mar. 1980.

- SCHÜLER, D. O espírito de fronteira e as fronteiras da crítica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 57, p. 93-110, set., 1984.
- SILVERMAN, M. *Moderna ficção brasileira 2: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- SILVERMAN, M. A multiforme (não) ficção de João Antônio. In: _____. *Moderna ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1982.
- SILVERMAN, M. *Moderna sátira brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- SOARES, A. M. S. Crítica Literária: modelo literário. *Tempo Brasileiro. A poesia e a Crítica*, Rio de Janeiro, n. 51, p. 53-61, out.-dez., 1977.
- SPIELMANN, E. João Antônio em Berlim. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 71-9.
- SÜSSEKIND, F. Rodapés, tratados e ensaios – a formação da crítica brasileira moderna. *Papéis Colados*, Rio de Janeiro, s.n., p.13-33, 1993.
- TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária do século XX*. (trad.) Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1992.
- TELES, G. M. Introdução à crítica histórica. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 23-51, jan.-mar. 1980.

5. Anexo: índice onomástico

Os números dos verbetes correspondem aos dos textos.

ABRANTES, Nelson: 20
 ABREU, Bricio de: 33
 ABREU, Capistrano de: 94
 ABREU, Zequinha de: 25
 ACCIOLY, Breno: 19
 ACHELARD, Gaston: 45
 ACOSTA, Máximo: 103
 ADORNO, Theodor: 8
 AFONSINHO (jogador): 60
 AGUILAR, Guillermo: 73
 AIMORÉ (compositor): 25
 AITA, Zena: 123
 AKUTAGAWA, Rionossuke: 10, 79
 ALAIN: 29, 109
 ALBUQUERQUE, Almir Moraes: 60
 ALCEBÍADES: 26
 ALEIJADINHO: 18, 25, 30, 64, 80, 83, 115
 ALENCAR, José de: 6, 117, 119
 ALÉSSIO, Felipo: 27
 ALEXANDRIA, São Clemente de: 88
 ALF, Johnny: 25
 ALIGHIERI, Dante: 56, 65, 91, 106, 111, 129
 ALLEN, Woody: 91
 ALMEIDA, Aracy de: 23, 114
 ALMEIDA, Jaime de: 86
 ALMEIDA, José Américo de: 129
 ALMEIDA, Manuel Antônio de: 6, 14, 32, 69, 85
 ALMIRANTE (biógrafo de Noel Rosa): 23
 ALONSO, Dámaso: 44
 ALPHONSUS, João: 81, 121
 ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva: 94
 ALVARENGA, Oneyda: 18
 ALVES, Ataulfo: 17, 85, 114, 119
 ALVES, Audálio: 63
 ALVES, Constâncio: 107
 ALVES Netto, Cosme: 36
 ALVES, Francisco: 23, 34, 51, 73, 114
 ALVES, Lúcio: 80
 AMADO, Gilberto: 107
 AMADO, Jorge: 5, 11, 22, 24, 27, 44, 46, 49, 65, 81, 94, 98, 109, 117, 119
 AMÂNCIO, Moacir: 115
 AMARAL, Amadeu: 97
 AMÉRICO, Pedro: 58
 AMORA, Antonio Soares: 132
 ANCHIETA, José de: 102, 94
 ANDERSON, Sherwood: 10, 54

ANDRADE, Carlos Drummond de: 3, 6, 18, 23, 29, 32, 34, 35, 37, 40, 44, 50, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 83, 84, 85, 87, 89, 91, 94, 96, 98, 101, 104, 111, 118, 119, 120, 129, 130, 132, 133
 ANDRADE, Castor de: 48
 ANDRADE, Evandro Carlos de: 119
 ANDRADE, Jeferson de: 33
 ANDRADE, Joaquim Pedro de: 18, 27, 37
 ANDRADE, Jorge: 44
 ANDRADE, Mário Raul de Morais : 6, 17, 18,19, 20, 22, 27, 29, 32, 34, 36, 38, 40, 44, 45, 58, 61, 65, 69, 75, 79, 80, 81, 83, 87, 94, 101, 107,111, 113, 115, 123, 129, 130
 ANDRADE, Moacir de: 106
 ANDRADE, Oswald de: 20, 22, 29, 30, 32, 35, 40, 69, 81, 86, 94, 99,113, 115, 132
 ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de: 101
 ANDREIEV, Leonidas: 10
 ANJOS, Augusto dos: 6, 50, 79, 118, 126
 ANJOS, Cyro dos: 129, 132
 ANTELO, Raul: 107
 ANTÔNIO, João: 8, 19, 27, 64, 74, 80, 85, 98, 115, 121, 125, 133
 ANTONIONI, Michelangelo: 70
 ANTUNES, Elias: 103
 ANYSIO, Chico: 24, 28, 96
 APOLLINAIRE: 21, 58
 ARAGÃO, Teresa: 63
 ARAGÃO, Verônica de: 110
 ARAP, Fauzi: 63
 ARARIPE Jr., Tristão de Alencar: 41
 ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de: 14
 ARISTÓFANES: 65
 ARISTÓTELES: 21
 ARMSTRONG, Louis: 70
 ARNOLD, Matthew: 84
 ARRAES, Guel: 76
 ARREOLA, Juan José: 96
 ARRIGUCCI Jr., Davi: 45, 66, 70
 ARROYO, Leonardo: 89
 ARRUDA, Eva Paraguassu de: 124
 ARTIGAS, Juan Pedro: 103
 ASSIS BRASIL, Luiz Antonio: 32, 37, 50, 56, 62, 65, 66, 74, 80, 81, 83, 85, 87, 96,113, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124
 ASSIS, Machado de: 133
 ASSIS, São Francisco de: 42
 ATAÍDE (pintor): 30
 ATAYDE, Austregésilo de: 5
 ATHAYDE, Felix de: 63
 AUBRY, Olga: 33
 AUDEN, W. H. : 56, 58
 AVERCHENKO, Arkadi: 10, 62
 AYALA, Walmir: 111, 113, 115
 AZEVEDO, Aluísio: 6, 52, 65, 94, 116
 AZEVEDO, Arthur: 52, 61, 62, 116

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de: 6
 AZEVEDO, Maurício: 60
 AZEVEDO, Waldir: 25
 AZEVEDO Filho, Leodegário: 44
 BABEL, Isaac: 10
 BACELAR, Luís: 106
 BACH(músico): 18, 49, 33
 BACK, Sylvio: 7
 BACON: 84
 BADEN, Karl Von: 127
 BAKER, Carlos: 133
 BAKUN, Miguel: 99
 BALZAC, Honoré: 33, 54, 65, 111, 122, 127
 BANDEIRA, Manuel: 3, 6, 17, 18, 19, 20, 22, 29, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 50, 56, 58, 62, 66, 87, 91, 101, 105, 106, 111, 118, 123, 129, 132
 BANDOLIM, Jacob do: 25
 BARATA, Agildo: 46
 BARBERO, Júlio: 38
 BARBOSA, Adonirã: 51, 132
 BARBOSA, Alaor: 113
 BARBOSA, Almir Rolmes, 81
 BARBOSA, Francisco de Assis: 33, 40, 46, 69, 76, 116
 BARBOSA, Horta: 97
 BARBOSA, João Alexandre: 113
 BARBOSA, Luiz: 52
 BARBOSA, Orestes: 23
 BARBOSA, Rui: 41, 97, 107
 BARCELLOS, Jalusa: 63
 BARCELOS, Caco: 98
 BARRETO, Alfredo Coelho: 107
 BARRETO, Benedito: 96
 BARRETO, Bruno: 81
 BARRETO, João Paulo Alberto Coelho (ver João do Rio)
 BARRETO, Lima: 3, 4, 6, 11, 14, 15, 16, 20, 28, 32, 39, 43, 46, 52, 56, 59, 61, 62, 66, 74, 76, 77, 85, 86, 90, 96, 97, 104, 116, 117, 119, 126, 130, 133
 BARRETO, Paulo (ver João do Rio)
 BARRIOS, Agustín: 25
 BARROS, Ademar de: 119
 BARROS, Manoel de: 30, 42, 79, 99, 115, 118
 BARROSO, Ari: 23, 71, 85, 114
 BARROSO, Ivo: 78, 118
 BARROSO, Maurício: 114
 BARTHES, Roland: 113
 BARTÓK, Bella: 5
 BATATA, Roberto: 31
 BATISTA, Marília: 23
 BATISTA, Wilson: 34, 114
 BAUDELAIRE, Charles: 13, 21, 30, 42, 58, 84, 111, 124
 BAUMGARTEN, Eduart: 100
 BECKER, Cacilda: 132

BECKETT, Samuel: 61, 96 (Godot), 130
 BEETHOVEN, Ludwig van: 5, 8, 33, 52, 87
 BENEDETTI, Mário: 131
 BENJAMIN, Walter: 87
 BERGMAN, Ingmar: 61, 130
 BERGMAN, Ingrid: 21
 BERNARDES, Artur: 27
 BERTASO (editor): 129
 BERTOLUCCI, Bernardo: 10
 BEZERRA, Elvia: 123
 BEZERRIL, Maria: 16
 BILAC, Olavo: 21, 97
 BISCHOF, Richard: 93
 BITTENCOURT, Paulo: 5, 38
 BITTENCOURT, Sérgio: 119
 BLANCO, Billy: 80
 BLANK, Fredy: 123
 BLANK, Joanita: 123
 BLECAUTE (compositor): 80
 BLOOM, Harold: 91
 BOADELLA, Albert: 98
 BOCCACIO, Giovanni: 7, 10, 67
 BOLOGNINI, Mauro: 10
 BOMBIM, Manoel: 5, 45
 BONAPARTE, Napoleão: 88
 BONFÁ, Luís: 25
 BONTEMPELLI, M.: 119
 BOPP, Raul: 132
 BORBA Filho, Hermilo: 91
 BORGES, Jorge Luis: 3, 10, 42, 54, 70, 73, 87, 91, 96, 103
 BORJALO (desenhista): 58
 BÔSCOLI, Ronaldo: 80, 83
 BOSI, Alfredo: 45
 BOSWELL: 133
 BOTAFOGO, Ana: 112
 BRAGA, A.: 28
 BRAGA, Humberto: 63
 BRAGA, Rubem: 15, 20, 23, 32, 33, 40, 66, 85, 121
 BRAGANÇA, Maria Adelaide Serra: 114
 BRAHMS (músico): 87
 BRANCO, Castelo: 38, 120
 BRANDÃO (desenhista): 58
 BRANDÃO, Ignácio de Loyola: 115
 BRANDÃO, Laura: 123
 BRANDÃO, Leci: 71
 BRANDÃO, Otávio: 123
 BRAQUE: 57
 BRASIL, C. (compositor): 28
 BRECHT, Bertolt: 8, 50
 BRETANO, Franz: 100

BREUGHEL (pintor): 44
 BRITO, Francisco Xavier de: 34
 BRITO, Guilherme de: 28
 BRITO, Manuel Xavier de: 34
 BRITO, Mário da Silva: 29, 109, 132
 BRIZOLA, Leonel: 5, 44
 BROCA, Brito: 34, 89, 107, 129
 BROCH, Hermann: 5
 BRONTË, Charlotte: 42
 BROWNING, Elizabeth: 123
 BRUNETIÄRE: 126
 BRUNO, Barreto: 81
 BUARQUE, Chico: 17, 22, 25, 49, 80, 119
 BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio: 40
 BUARQUE DE HOLANDA, Francisco: (ver Chico Buarque)
 BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio: 101, 111, 129
 BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa: 101, 110
 BUENO, Alexei: 44
 BUENO, Otacilio: 104
 BUENO, Wilson: 96, 99, 115
 BUKOWSKY (poeta): 91
 BUNIN, Ivan: 10
 BUÑUEL, Luís: 61, 130
 BURLINGAME, Levi: 103
 BURNET, Lago: 119
 BURTON, Victor: 17, 73, 78, 101, 122, 123, 127
 BUTLER, Maud: 54
 BUTLER, Murry: 54
 BYRON: 42
 CABRAL, Mário: 66
 CABRAL, Pedro Álvares: 34, 94
 CABRAL, Sérgio: 51, 63
 CABRITOS, Jorge dos: 51
 CACHAÇA, Carlos: 23, 35, 51
 CADICAMO, Enrique: 27
 CAETANO, Pedro: 90
 CALDAS, Álvaro: 47
 CALDAS, Sílvio: 9, 23, 51, 128
 CALDERON: 93
 CALLADO, Antônio: 5, 20, 41, 120, 121
 CALMON, Pedro: 41
 CALVINO, Ítalo: 101
 CÂMARA CASCUDO, Luís da: 18, 79
 CÂMARA, dom Hélder: 33
 CAMARGO, Iberê: 80, 83
 CAMINHA, Adolfo: 6, 28, 94, 107
 CAMINHA, Edmílson, 92
 CAMINHA, Pero Vaz de: 90, 94
 CAMÕES, Luís Vaz de: 21, 65, 91, 94
 CAMPELLO, Glauco: 91, 101

CAMPOS, Geir: 3
CAMPOS, Haroldo de: 44, 96, 115
CAMPOS, Humberto: 5, 96, 107
CAMPOS, Moreira: 92
CAMPOS, Paulo Mendes: 3, 6, 15, 17, 18, 20, 23, 37, 56, 58, 59, 65, 66, 86, 118, 121
CAMUS, Albert: 10, 54, 127
CANDIDO, Antonio: 3, 5, 17, 18, 29, 45, 66, 89, 107, 111, 125, 132
CANECA Frei: 102
CANETTI, Elias: 93
CANNABRAVA, Euryalo: 113
CAPANEMA, Gustavo: 40
CAPOLVILA, Maurício: 27
CAPOTE, Truman: 35
CARDIM, Pe. Fernão: 94, 102
CARDINALE, Cláudia: 92
CARDOSO, Amâncio: 28, 61, 130
CARDOSO, Elisete: 51, 133
CARDOSO, Fernando Henrique: 74
CARDOSO, Gentil: 86
CARDOSO, Lúcio: 20, 111
CARDOZO, Joaquim: 3
CARJAT, Étienn: 78
CARLOS, Roberto: 75
CARLOS II: 42
CARLOS, J.: 43
CARLYLE: 42
CARNEIRO, Édison: 86
CARNEIRO, Levi: 41
CARPEAUX, Otto Maria: 3, 5, 32, 40, 45, 62, 81, 89, 107, 127, 129
CARPENTIER, Alejo: 86
CARRERO, Raimundo: 113
CARTOLA (músico) : 4, 23, 28, 34, 35, 51, 58, 114, 132
CARUSO, Chico: 73, 116
CARUSO, Paulo: 131
CARVALHO, Bete: 51
CARVALHO, Delgado de: 45
CARVALHO, Hermínio Bello de: 80, 132
CARVALHO, Horácio de: 119
CARVALHO, Paulo Machado de: 37
CARVALHO, Ronald de: 6
CARVALHO, Vladimir: 92
CARVALHO: Luiz Geolás de Moura: 119
CASTRO ALVES, Antônio Frederico de: 6, 21, 24, 27, 91, 118
CASTRO, Eugênia de Melo e: 80
CASTRO, Jorge Viveiros de: 119
CASTRO, Moacir Werneck de: 18, 65
CASTRO, Osório Alves de: 107
CASTRO, Rômulo de: 32
CASTRO, Ruy: 80, 38
CASTRO, Tarso de: 80

CATANI, Oberdan: 105
 CAVALCANTI, Cláudia: 98
 CAVALCANTI, Hermenegildo Sá: 119
 CAVALHEIRO, Edgard: 81, 132
 CAVAQUINHO, Néilson: 22, 23, 28, 34, 35, 43, 51, 58, 61, 85, 88, 114, 130, 132
 CAYMMI, Danilo: 49
 CAYMMI, Dorival: 4, 17, 49, 66, 80, 114
 CAYMMI, Nana: 80, 49, 119
 CAYMMI, Stella Maris: 49
 CECIM, Vicente: 96
 CERVANTES, Miguel de: 2, 7, 44, 54, 65, 67, 76, 111
 CÉSAR, Guilhermino: 106, 113
 CÉSAR, Paulo: 60
 CÉZANNE: 49, 78
 CHAGALL, Marc: 44
 CHANDLER, Raymond: 62
 CHAPLIN, Charles: 17, 27, 106
 CHATEAUBRIAND, Assis: 33, 133
 CHAVES, Vânia: 110
 CHERSTERTON: 62, 109
 CHESTERTON, G. K.: 42
 CHEVALIER, Maurice: 73
 CHRISTENSEN, Carlos Hugo: 81
 CHURCHILL, Winston: 49
 CIORAN: 93
 CIPRIANO, São: 88
 CLARA, A. Santa: 100
 CLAUDEL, Paul: 22
 CLAUDIUS: 58
 COELHO, Marcelo: 42
 COELHO, Paulo: 93, 96
 COHEN, Isaac: 65
 COLBERT, Claudette: 41
 COLERIDGE: 58
 COLKER, Débora: 112
 COLLIGNY Bispo: 67
 COMTE, Augusto: 107
 CONDÉ, João: 17, 32, 38, 46
 CONNOLY, Cyril: 57
 CONRAD, Joseph: 91
 CONY, Carlos Heitor: 92
 CORBIÄRE: 58
 CORBIN, Alain: 93
 CORDOVIL, Margareth: 27
 CORREA, Zé Celso Martinez: 99
 CORTÁZAR, Julio: 3, 10, 70, 73
 CORTES, Araci: 132
 CORTESÃO, Jaime: 44
 CORTESÃO, Maria da Saudade: 44
 COSTA e SILVA, Clementina: 29

COSTA e SILVA, Paulo Sérgio: 29
 COSTA, Armando: 63
 COSTA, Cláudio Manoel da: 3, 6
 COSTA, Flávio Moreira da: 62
 COSTA, Gal: 80
 COSTA, Lúcia Maria: 27
 COSTA, Lúcio: 92
 COSTA, Osmar: 27
 COSTA, Samuel Guimarães da: 99
 COSTA, Sebastião Bernardo da (ver Grande Othelo)
 COSTA, Sueli: 71
 COUTINHO, Afrânio: 45, 111
 COUTINHO, Edilberto: 85, 96
 COUTINHO, Lourival: 33
 COUTINHO, Sônia: 92
 COUTO, Ribeiro: 20, 106, 122, 123
 CREUSA, Maria: 80
 CROCE, Benedito: 41
 CROSBY, Bing: 73
 CRULS, Gastão: 100
 CRUPEZ, Fernando: 112
 CRUZ, Oswaldo: 85
 CUBANO (ladão): 32
 CUNHA, Celso: 20
 CUNHA, Euclides da: 3, 4, 6, 32, 46, 76, 85, 96, 97, 126
 CUNHA, Fausto: 3, 45, 89, 107, 110, 111, 122
 CUNHA, Helena Parente: 113
 CURTIUS, Ernest Robert: 5
 CURVELO, Ivan: 113
 CYBELE (Quarteto em Cy): 80
 D'ALMEIDA Filho, Manoel: 75
 D'ESTISSAC: 67
 DA VINCI, Leonardo: 19
 DALLAPICCOLA, Luigi: 44
 DAMATA, Gasparino: 20
 DANILO: 37
 DANTAS, Paulo: 113
 DAVIS, William Myron: 132
 DE LEON, Ponce: 59, 60
 DELEGADO: 35
 DERENGOSKI, Paulo Ramos: 11
 DERRIDA, Jacques: 100
 DI STEFANO: 53, 54
 DI CAVALCANTI, Emiliano: 11, 20, 22, 23, 29, 33, 114
 DIAMENT, Clara: 109
 DIAS, BRANCA: 102
 DIAS, Cícero: 123
 DIAS, Gonçalves: 6, 57, 91
 DICKE, Ricardo Guilherme: 96
 DICKENS: 76

DIDEROT: 2
 DIDI (Jogador): 35, 37, 53, 54, 86, 133
 DIDIER, Carlos: 23
 DIEGUES, Carlos (Cacá): 63
 DINES, Alberto: 7
 DONGA (músico): 51
 DORÉ, Gustavo: 67
 DOROCHEVITCH, Vlas: 62
 DOSTOIEVSKI, P.: 10, 13, 22, 38, 44, 54, 68, 74, 87, 120, 124, 127
 DOURADO, Autran: 38, 113
 DOYLE, Plínio: 99, 123
 DRUMMOND, João Batista Viana: 48
 DRUMMOND, Roberto: 96
 DU BELLAY: 67, 122
 DUARTE, Cássio: 70
 DUARTE, Paulo: 18, 132
 DUBUFFET: 117
 DUHAMEL, Georges: 50
 DUNCAN, Emília: 117
 DURAN, Dolores: 25, 71, 80
 DÜRER: 8
 EBERMAYER, E. : 127
 ECHAVARREN, Roberto: 115
 ECO, Umberto: 91, 119, 120
 EDMUNDO, Luís: 14, 20, 48
 EFEGÊ, Jota: 119
 EISENHOWER (pintor): 49
 EISENSTEIN, Sergei: 36
 ELIOT, T. S. : 3, 42, 56, 58
 ÉLIS, Bernardo: 6, 114, 115, 121
 ELLMANN, Richard: 133
 ENGELS: 8, 100
 EPICARMO (escritor): 65
 ESPEL, Santiago: 115
 ESTEVÃO, Henrique: 25, 61, 68, 82, 83, 94
 EULALIO, Alexandre: 107
 FABRINI (médico): 72
 FAGNER, Raimundo: 51
 FALCÃO, Armando: 98
 FAORO, Raymundo: 5
 FARAS, Jorge: 52
 FARES, Cláudia: 117
 FARIA, Otávio de: 69
 FARIAS, Lindbergh: 63
 FARIAS, Victor: 100
 FARNEY, Dick: 80
 FARQUHAR, Percival: 97
 FAULKNER, William: 10, 19, 20, 54, 57, 79, 96, 108, 111, 113
 FAUSTINO, Mário: 3, 56, 89, 118
 FEITLER: Bea: 58

FELDMANN, Helmut: 32
 FELINTO, Marilene: 121
 FÉLIX, Moacyr: 3, 63, 110
 FEOLA, Vicente: 37, 53
 FERNANDEL (ator): 10
 FERNANDES, Antônio da Fraga (Ver Antônio Fraga)
 FERNANDES, Hélio: 38
 FERNANDES, Millôr: 15, 52, 109, 116
 FERRAZ, Aidano do Couto: 72
 FERRAZ, Geraldo: 132
 FERREIRA FILHO, João Antônio (ver João Antônio)
 FERREIRA, Abel: 25
 FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda: 89, 129
 FERREIRA, Bibi: 24, 27
 FERREIRA, Daniel Pedro de Andrade: 74
 FERREIRA, Irene Gomes: 74
 FERREIRA, Octalles Marcondes: 97
 FERREIRA, Orlando da Costa: 91
 FEUERBACH, Anselm Von: 127
 FEUERBACH, Ludwig: 127
 FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros: 126
 FIGUEIREDO, Jackson de: 38, 97
 FILHO, Adonias: 127
 FILHO, André: 23
 FILHO, Antunes: 18, 132
 FILHO, Mário: 59
 FISCHER, Eugen: 100
 FLAUBERT, Gustave: 13, 62, 98, 117, 124, 133
 FLAUTA, Manuelzinho da: 51, 132
 FONDELLI, Mário: 10
 FONSECA, Hermes da: 72
 FONSECA, Rubem: 45, 59, 86, 94, 96, 121
 FONSECA, Sílvio: 23
 FONTES, Amando: 6
 FONTOURA, João Alves da: 41
 FORD, John: 13, 124
 FORMIGÃO (ver Ciro Monteiro)
 FOUCAULT, Michel: 100
 FRAGA, Antônio: 20, 30, 98
 FRANÇA, Paulo: 5, 74
 FRANCE, Anatole: 67, 108
 FRANCESCA, Piero della: 44
 FRANCIS, Paulo: 38
 FRANCO, Afonso Arinos de Mello: 129
 FRANCO, Itamar: 5
 FRANCO, Luís: 129
 FRANCO, Virgílio de Melo: 33
 FREIRE, Laudelino: 41
 FREIRE, Roberto: 63
 FREUD, Sigmund: 56, 127

FREYRE, Gilberto: 33, 45, 86, 94, 101
 FRIEDENREICH: 37, 86
 FRIEIRO, Eduardo: 65
 FRÓES, Leonardo: 131
 FUENTES, Carlos: 2
 FUSCO, Rosário: 22
 GALVÃO, Patrícia (Pagu): 132
 GALVÃO, Walnice Nogueira: 113
 GANDAVO, Pero Magalhães de: 94, 102
 GARBO, Greta: 21
 GARCEZ, A: 28
 GARCIA, Isaurinha: 132
 GARCIA, José Godoy: 3
 GARCIA, Rodolfo: 102
 GARCÍA LORCA, Federico: 19, 21, 58, 71, 106
 GARDEL, Carlos: 73, 103
 GARDES, Berthe: 73
 GARDES, Carlos Romualdo (Ver Carlos Gardel)
 GARRINCHA, Mané: 22, 24, 25, 35, 37, 53, 54, 59, 83, 86, 87, 105, 133
 GASSET, José Ortega Y: 5, 122
 GAUGHIN, Paul: 49
 GAULLE, Charles de: 61, 98, 130
 GENET, Jean: 20
 GENOÍNO, José: 55
 GERSON (jogador): 54
 GIL, Gilberto: 24
 GILBERTO, João: 22
 GILDA (escritora): 17
 GIORGIO, Bruno: 114
 GIOTTO: 49
 GIUDICE, Victor: 118
 GNATALI, Radamés: 25, 80
 GODARD, Jean-Luc: 10, 98
 GOES, Damião de: 102
 GÖETHE, Johann Wolfgang von: 5, 7, 42, 65, 117
 GOGOL, Nicolai V.: 2, 10, 62, 76, 112
 GOLDSCHMIDT, David: 38
 GOMES, Dias: 48
 GOMES, Duílio: 62, 113
 GOMES, Eugênio: 75, 107
 GOMES, Sérgio: 59
 GONÇALVES, Milton: 24, 112
 GONÇALVES, Néelson: 23
 GÓNGORA, Luís de: 115
 GONZAGA, Chiquinha: 71, 72
 GONZAGA, Tomás Antônio: 3, 6
 GORKI, M.: 10, 50, 76
 GOULART, João: 38, 98
 GOUNOD (músico): 87
 GOYA, F.: 44

GRACIANO, Clóvis: 49
 GRACO, Caio: 63
 GRACO, Julien: 122
 GRANDE OTHELO: 24, 27, 30, 34, 48, 88
 GRASS, Günter: 65, 67
 GREY, Denis: 112
 GRIECO, Agripino: 4, 41, 69, 76, 93,111, 129
 GRIS: 57
 GRÜNEWALD, José Lino: 73
 GUARESCHI, Giovanni: 10
 GUERRA, Gregório Matos: 3, 6, 41, 83, 94, 109, 121
 GUEVARA, Ernesto (Che): 52
 GUIA, Domingos da: 37, 86
 GUIGNARD (pintor): 49
 GUILHON, Everardo: 119
 GUILLÉN, Jorge: 44
 GUIMARÃES, Márcia: 112
 GUINLE, Jorge: 35
 GULLAR, Ferreira: 63, 89
 GUSTAVO, Miguel: 35
 GUTZKOW (escritor): 127
 HALEY, Alex: 119
 HALLAWELL, Francis: 33
 HAMSUN, Knut: 65
 HANDKE, Peter: 127
 HAUPMANS (crítico): 124
 HAUSER, Kaspar: 127
 HAWKING, Stephen: 96
 HAYDN (músico): 5
 HEGEL: 44 ,127
 HEIDEGGER, Martin: 100
 HEILBRON, Júlio: 64
 HELENA, Heloísa: 27
 HELÉNE, Josephine: 27
 HELENO (jogador): 37, 60, 86
 HELLER, Joseph: 119
 HEMINGWAY, Ernest.: 54, 57, 61, 79,130, 131, 133
 HENRY, O. : 10, 13, 62, 124
 HERKENHOFF, Paulo: 131
 HERZOG, Werner: 127
 HESSE, Hermann: 5, 127
 HILST, Hilda: 84, 96, 114
 HIRSZMAN, Leon: 32, 80
 HITLER, Adolf: 7, 52, 116
 HOFFMANNSTHAL, Hugo Von: 127
 HOHLFELD, Antônio: 62
 HOLANDA, Gastão de: 91
 HOLANDA, Karla: 81
 HOMERO: 54, 65, 111
 HOROLENKO, Wladimir: 10

HOUAISS, Antônio: 3, 19, 62, 85, 121, 126,
 HOUSMAN, A. E.: 58
 HOYLE, Fred: 113
 HUGO, Victor: 40
 HUYSMANS (escritor): 122
 INOCÊNCIO II Papa: 88
 ISÓCRATES: 133
 ITARARÉ, Barão de: 89
 IVO, Lêdo: 78, 111
 JACOBBI, Ruggero: 44
 JAGUAR: 15, 52, 58, 109, 116
 JAGUARIBE, Sérgio de Magalhães Gomes (Ver Jaguar)
 JAIRZINHO (jogador): 53, 60, 86
 JAKOBSEN, Roman: 44
 JALLADEAU, Allain: 27
 JAMES, Henry: 87
 JARARACA (músico): 51
 JARDIM Jr., David: 67
 JARDIM, Luís: 38
 JARDIM, Rachel: 85
 JARDIM, Reynaldo: 118
 JÉRCOLIS, Jardel: 24, 27
 JEROME, K. Jerome: 62
 JESUS, Anara Rita de: 39
 JESUS, Clementina de: 23, 51, 114, 132
 JINKINGS, Ivana: 124
 JOÃO, Alberto: 63
 JOBIM, Antônio Carlos Brasileiro de Almeida (Ver Tom Jobim)
 JOSÉ, Elias: 121
 JOYCE, James: 10, 46, 54, 58, 111
 JUNG, C. G.: 123
 JÚNIOR, Peregrino: 123
 JUNQUEIRA, Ivan: 3, 42, 81
 JUVENAL (repórter): 98
 KAFKA, Franz: 8, 10, 44, 62, 87
 KALIL, Emílio: 112
 KALILI, Narciso: 19
 KELLER, Gottfried: 87, 132
 KÉTI, Zé: 51, 132
 KEYNES, J. M.: 33
 KHAN, Agha: 35
 KHAN, Ali: 35
 KHÁYYAM, Omar: 61, 130
 KID, Pepe: 114
 KILKERRY, Pedro: 126
 KIPLING, Rudyard: 42, 50
 KLABIN, Israel: 38
 KLEE, Paul (pintor): 44
 KOOGAN, Abrahão: 7
 KRISTEVA, Júlia: 77

KUBITSCHECK, Juscelino: 33, 38, 46
 KUNDERA, Milan: 119
 KUPERMAN, Lilia: 112
 KUPRIN, Alexandre: 10
 KUROSAWA, Akira: 10, 61, 79, 130
 KURY, Adriano da Gama: 20
 LACAN, Jacques: 100
 LACERDA, Benedito: 25
 LACERDA, Carlos: 33, 38
 LACERDA, Rodrigo: 108
 LACEY, E. A.: 132
 LACOMBE, Américo Jacobina: 107
 LAFORGUE, Jules: 50, 58
 LAGE, Nilson: 119
 LAGO, Corrêa do: 44
 LAGO, Mário: 34, 114
 LAING, Ronald: 123
 LANG, Fritz: 61, 130
 LAQUEUR, Walter: 127
 LAVAL, Pierre: 38
 LEAN, David: 36
 LEÃO, Jayme: 121
 LEÃO, Múcio: 123
 LEÃO, Nara: 132
 LEC, Stanislaw Ferzy: 98
 LEGUISAMO, Irineu: 103
 LEITE, Sebastião Uchoa: 91
 LEMINSKI, Paulo: 96, 99, 115
 LENNON, John: 80, 83
 LENOIA, Carlos: 126
 LEÓN, Ponce de: 86
 LERMONTOV (escritor): 10
 LERNER, Jaime: 99
 LESSA, Orígenes: 59, 81, 86
 LEWGOY, José: 48, 80
 LEWINSOHN, Richard: 33
 LIESKOV (escritor): 10
 LIMA, Alceu Amoroso (ver Tristão de Atayde)
 LIMA, Arthur Moreira: 25
 LIMA, Iran: 24, 27
 LIMA, Jorge de: 3, 6, 44, 118, 129
 LIMA, Lezama: 115
 LIMA, Luiz Costa: 45, 113
 LIMA, Negrão de: 39
 LIMA, Walter Moreira: 80
 LINHARES, Temístocles: 99, 107
 LINS, Álvaro: 38, 89, 107, 127
 LINS, Ivan: 119
 LINS, Osman: 89
 LINS, Ronaldo Lima: 126

LIRA, Carlinhos: 22, 51
 LISBOA, Henriqueta: 132
 LISPECTOR, Clarice: 6, 96, 99, 113, 117, 126
 LOBÃO (músico): 80
 LOBATO, José Bento Marcondes: 97
 LOBATO, Monteiro: 3, 6, 32, 46, 97, 126, 132
 LOBATO, Olímpia Augusta Monteiro: 97
 LOBO, Capitão: 32
 LOBO, Edu: 22, 80
 LOLOBRIGIDA, Gina: 92
 LOMBARDO, Edson Luís: 74
 LONGAS, Ângelo Maria: 48
 LONGLAND, Jean: 132
 LOREDANO, Cássio: 52, 116, 131
 LORENS, Günter W.: 45
 LOUZEIRO, José: 98, 113
 LUCAS, Fábio: 55, 61, 74, 89, 113
 LUSTOSA, Heloísa Alexo: 116
 LUXEMBURGO, Rosa: 8
 LYRA, Pedro: 110
 MACEDO, Joaquim Manoel de: 6
 MACEDO, Stud Buarque de: 103
 MACHADO, Alfredo: 121
 MACHADO, Aníbal Monteiro: 20, 81, 96
 MACHADO, António de Alcântara: 59, 62, 69, 86
 MACHADO, Dyonélio: 6, 62, 115
 MACHADO, Maria Clara: 81
 MACHADO, Maria Helena M.: 81
 MACHADO, Nauro: 3
 MACHADO, Pinheiro: 107
 MACHADO, Virgílio Cristiano: 81
 MADÁCH, Imre: 61, 130
 MADI, Tito: 80
 MADUREIRA, Pedro Paulo de Senna: 99, 115
 MAGALDI, Sábado: 105
 MAGALHÃES, Adelino: 20, 106
 MAGALHÃES, Aloísio: 91
 MAGALHÃES, Juraci: 5
 MAGALHÃES Jr., R.: 107
 MAGALHÃES, Rosa: 112
 MAIA, Deodato: 119
 MAIAKOVSKY, W: 77
 MALDONADO, Paulo: 56
 MALFATTI, Anita: 18, 97
 MALIBRAN (músico): 73
 MALLARMÉ, S.: 44, 58, 111
 MALLET, Pardal: 52, 116
 MALTA, Otávio: 41
 MALUF, Paulo Salim: 74
 MANCERON, Claude: 122

MANGA, Carlos: 24
 MANGUEIRA, Darcí da: 132
 MANN, Thomas: 5, 8, 117, 127
 MANSA, Marisa Gata: 71
 MANSFIELD, Katherine: 10, 13, 87, 124
 MANTEIGA (jogador): 86
 MARANHÃO, Heraldo: 119
 MARANHÃO, João: 119
 MARANHÃO, Paulo: 119
 MARCEL, Gabriel: 5
 MARCHI, Francisco de: 132
 MARCOS, Plínio: 23, 59, 86, 115
 MARIA, Antônio (cronista): 9, 15, 22, 25, 43, 66, 71, 80, 83, 128
 MARIANA, Maria: 93
 MARIANO Filho, José: 76
 MARINHO, Roberto: 5
 MARLENE: 80
 MARQUES, Albertus: 118
 MÁRQUEZ, Gabriel García: 3, 98
 MARTINS, Aldemir: 114
 MARTINS, Cláudio: 67
 MARTINS, Felisberto: 9, 128
 MARTINS, Herivelto: 24, 27, 88
 MARTINS, Luís: 29
 MARTINS, Wilson: 45, 62, 74, 79, 115
 MARX, Burle: 80, 83, 85
 MARX, Karl: 8, 120
 MASACCIO (pintor): 49
 MASELI, Francesco: 10
 MATISSE: 49
 MATOS, Florisvaldo: 89
 MATTA, Roberto da: 85
 MAUÁ: 133
 MAUPASSANT, Henri René Albert Guy de: 10, 13, 15, 46, 117, 124
 MÁXIMO, João: 23
 MEDEIROS, Benício: 62
 MEDEIROS, Elton: 35, 51, 132
 MEIRELES, Cecília: 3, 6, 118, 126
 MELO Neto, João Cabral de: 3, 6, 33, 44, 45, 59, 70, 86, 91, 99, 106, 110, 111, 113, 118, 121
 MELLO, Fernando Collor de: 5, 55, 59, 63, 74, 91
 MELLO, José Rodrigues de Graça: 23
 MELLO, Saulo Pereira de: 36
 MELO, José Laurânio: 91
 MELVILLE, Herman: 108
 MENDELSSOHN (músico): 87
 MENDES, Antônio: 90
 MENDES, Fradique: 33
 MENDES, Murilo Monteiro: 3, 6, 44, 83, 117, 118, 129, 132
 MENDONÇA, Antônio Sérgio: 44

MENDONÇA, Heitor Furtado de: 94
 MENEZES, Ademir de: 35
 MENEZES, Carlos: 33, 119
 MENEZES, Emílio de: 52, 76, 116
 MERCADANTE, Paulo: 20, 46
 MERCURY, Daniela: 49
 MERQUIOR, José Guilherme: 5, 44, 45, 87, 113
 MESTRE MARÇAL: 88
 MESTRINHO, Gilberto: 106
 MEYER, Augusto: 87, 107
 MIGUEL-PEREIRA, Lúcia: 46, 107, 129
 MILANO, Dante: 6, 61, 130
 MILLIET, Sérgio: 3, 18, 22, 29, 32, 40, 45, 76, 81, 89, 107, 111, 132
 MIRANDA, Aurora: 114
 MIRANDA, Carlos: 63
 MIRANDA, Carmem: 49, 115
 MIRANDA, Luperce: 25
 MIRANDA, Macedo: 37, 59, 86, 105
 MIRANDA, Murilo: 18
 MISAILIDES, Marcelo: 112
 MISTER ECO: 71, 119
 MITKE, Thassilo: 33
 MIÚCHA: 80
 MOJICA, José: 73
 MOLÏARE (crítico): 109
 MOLIÈRE: 62
 MOLINA, Tirso de: 122
 MONBEIG, Pierre: 45
 MONET: 57
 MONTAIGNE: 29, 65
 MONTCORBIER, François (ver François Villon)
 MONTEIRO, A.: 28
 MONTEIRO, Ciro: 9, 22, 35, 43, 80, 128
 MONTEIRO, Marcelo: 118
 MONTEIRO, Vicente do Rego: 132
 MONTELLO, Josué: 44, 45, 113, 119
 MONTENEGRO, Fernanda: 24, 114
 MONTIEL, Sarita: 114
 MOOG, Vianna: 121, 129
 MOORE, Marianne: 58
 MORAES, Dênis de: 46
 MORAES, Eneida de: 46
 MORAES Neto, Geneton: 33
 MORAES, Marcos Vinícius da Cruz de Melo: 3, 6, 15, 20, 22, 23, 25, 36, 37, 49, 58,
 59, 66, 80, 83, 84, 85, 86, 133
 MORAES, Prudente de: 35
 MORAIS Neto, Prudente de: 38, 123, 129
 MORALES, Leandro: 99, 115
 MORAVIA, Alberto: 10
 MOREIRA, Thiers Martins: 75

MOREIRA, Vivaldi: 67
 MOREIRA, Zezé: 59
 MOREYRA, Álvaro: 33
 MORENGUEIRA (ver Moreira da Silva)
 MOREYRA, Alvaro: 33
 MORGENSTERN (poeta): 58
 MORRIS, William: 42
 MORSE, Richard: 14
 MORUS, Thomas: 68
 MOSES, Herbert: 41
 MOTA, Mauro: 50
 MOTTA, Dantas: 3
 MOURA, Clóvis: 63
 MOURA, Paulo: 49
 MOURÃO, Gerardo Mello: 112
 MOZART, W. A.: 8, 25, 33, 44, 46, 114
 MUGNIER, Henri: 29
 MÜLLER, Lauro: 35
 MÜLLER, Maneco: 35, 37
 MÜLLER, Manoel Bernardez (ver Maneco Müller ou Jacinto de Thormes)
 MUNCH: 117
 MUNTHE, Axel: 13, 124
 MURAT, Luís: 52, 116
 MURTEIRA, Isabel: 99
 MUSIL, Robert: 5, 6, 8, 21, 87, 96
 NABOKOV, W.: 122
 NAMORA, Fernando: 62
 NANI (caricaturista): 52, 116
 NASCIMENTO, Edson Arantes do (Ver Pelé)
 NASCIMENTO, Milton: 119
 NASCIMENTO (técnico futebol) : 37
 NASSAR, Raduan: 115
 NÁSSARA, Antônio Gabriel: 18, 23, 43, 52, 58, 116, 131
 NATHAN, R. : 7
 NATIVIDADE, Maria Pureza da: 97
 NAVA, Pedro: 18, 35, 44, 65, 121
 NAZARETH, Ernesto: 25 ,80
 NEGREIROS, Mário: 80
 NEI, Paula: 29
 NEISTEIN, José: 85
 NEJAR, Carlos: 3
 NEME, Mário: 32, 40
 NERO (imperador): 65
 NERUDA, Pablo: 58
 NERY, Ismael: 44
 NETO, Amaral: 63
 NETO, Fausto: 60
 NETO, Coelho: 50, 52, 72, 116
 NETO, Ismael: 25
 NETTO, Macedo: 71

NEVES, Davi: 27, 80, 83
 NEVES, Geraldo das: 51
 NEVES, João das: 63
 NEVES, Tancredo: 59
 NEY, Nora: 80
 NIEMEYER, Oscar: 24, 80, 121
 NIETZSCHE, Frederico: 13, 84, 124, 126
 NIJINSKY (bailarino): 47
 NIOMAR (escritora): 38
 NOBRE, Antônio: 50
 NOGUEIRA, Hamílton: 38
 NOGUEIRA, Paulinho: 49
 NUNES, Benedito: 56, 107, 113, 115
 NUNES, Cassiano: 77, 132
 NUNES, Clóvis: 53
 NUNES, Gérson de Oliveira: 53
 NUNES, Lygia Bojunga: 85
 NUNES, Maria Helena: 53
 NUTELS, Noel: 40
 OLÍMPIO, Domingos: 6
 OLINTO, Antônio: 24, 27, 46, 119
 OLIVEIRA, Angenor de: (ver Cartola)
 OLIVEIRA, Angenor de: 132
 OLIVEIRA, Dalva de: 27
 OLIVEIRA, Denoy de: 63
 OLIVEIRA, Domingos de: 23
 OLIVEIRA, Franklin de: 5, 17, 45, 65, 89, 97, 119
 OLIVEIRA, José Aparecido de: 80
 OLIVEIRA, José Carlos (Carlinhos de): 66, 119, 133
 OLIVEIRA, Zica de: 51
 OLYMPIO, José: 32
 ONETTI, Juan Carlos: 10, 62, 70
 ORMESSON, Jean D': 122
 OROZCO, José Clemente: 2
 ORTÊNCIO, Bariene: 113
 OSCARITO: 27
 OTÁVIO Filho, Rodrigo: 40
 OVALLE, Jayme: 17, 123
 PACHECO, Félix: 41
 PACHECO, Jacy: 23
 PACHECO, José: 75
 PACHECO, Tânia: 63
 PACINI, Giovanni: 46
 PAIM (desenhista): 69
 PAIVA, Manuel de Oliveira: 6, 107
 PAIVA, Roberto: 28, 80, 90
 PALMEIRA, Vladimir: 133
 PALMÉRIO, Mário: 121
 PANCETTI (pintor): 49
 PAPAVERO, Modesto H.: 103

PAQUITO (músico): 90
 PARECIS, Isabel: 27
 PARKER, Charlie Bird: 70
 PARKER, Doroty: 10
 PASCAL: 44, 74, 125
 PASCHOAL, Márcio: 109
 PASOLINI, Pier Paolo: 10
 PASTINHA (capoeirista): 84
 PATÁVIO (músico): 25
 PATROCÍNIO, José do: 52, 107, 116
 PAULO II: 88
 PAVESE, Cesare: 10
 PAZ, Octávio: 2, 3
 PECADORA, Joãozinho da: 51
 PEDERNEIRAS, Raul: 52, 116
 PEDRO I : 58
 PEDRO II: 48
 PEDROSA, Mário: 20
 PEDROSO, Braulio: 79
 PEIXOTO, Afrânio: 129
 PEIXOTO, Fernando: 63
 PEIXOTO, Floriano: 76
 PEIXOTO, Mário: 36, 106
 PELÉ: 24, 37, 53, 54, 60, 86
 PENNA Filho, Carlos: 63
 PENHA, Oscar da: 43
 PERA, Alfredo Le: 73
 PEREIRA, Geraldo: 9, 17, 34, 43, 85, 128
 PEREIRA, José Mário: 5, 38, 78, 118, 122
 PEREIRA, Otoniel Santos: 37
 PEREIRA, Raimundo: 98
 PEREIRA, Uilcon, 62
 PERKINS, Max: 57
 PERNAMBUCO, João: 25
 PERNAMBUQUINHO, Almir (jogador): 86
 PÉROLA NEGRA: 17
 PESSOA, Fernando: 58, 91, 99, 106, 120
 PETRÔNIO: 65, 88
 PICASSO, Pablo: 57
 PICCHIO, Luciana Stegagno: 44
 PIN, Patrice de la Tour du: 22
 PINCHERLE, Alberto (Ver Alberto Moravia)
 PINHEIRO, Leila: 49
 PIÑON, Nélica: 121
 PINTO, Francisco José Dias: 63
 PINTO, Roquette: 101
 PINTO, Sobral: 38
 PIOLIM (palhaço): 132, 133
 PIRANDELLO, Luigi: 6, 10, 87
 PIROLI, Wander: 89

PIXINGUINHA: 22, 23, 25, 34, 35, 49, 51, 74, 80, 83, 85, 114
 PIZZA, Daniel: 42
 PLÁ, Pichin: 63
 PLACER, Xavier: 78
 PLATAÃO: 44, 65
 PLOEGMAKERS, Ruud: 87
 POE, Edgar Allan: 70
 POGGI, Siro: 132
 POIRIER, Louis: 122
 PÓLVORA, Hélio: 113, 119
 POMPÉIA, Raul: 6, 65
 PONGETTI, Henrique: 33
 PONTES, Eloy: 16
 PONTES, Paulo: 63
 PONTY, Merleau: 100
 POPE: 42
 PORTELA, Natal da: 48, 51
 PORTELLA, Eduardo: 110, 111
 PORTINARI, Maribel: 47
 PORTINARI: 32, 34, 35, 40, 49
 PORTO, Sérgio Marcus Rangel (ver Stanislaw Ponte Preta)
 PORTOCARRERO, Hélio: 5
 POTY: 20, 79
 POUND, Erza: 57, 58
 POWELL, Baden: 22, 27
 PRADO, Décio de Almeida: 89, 105
 PRATA, Chico: 27
 PRATA, Sebastião Bernardes de Souza: (ver Grande Othelo)
 PRATOLINI, Vasco: 10
 PRAZERES, Heitor dos: 4, 66, 35, 51, 114, 132
 PRESTES, Olga: 46
 PRESTES Filho, Luiz Carlos: 24, 27
 PRETO RICO: 132
 PROENÇA, Manoel Cavalcanti: 75, 81
 PROUST, Marcel: 33, 36, 44, 54, 61, 67, 111, 117, 122, 130
 PUCHKIN: 10
 PUIG, Manuel: 87
 PUJOL, Alfredo: 97
 QUADROS, Jânio: 59
 QUASÍMODO, Salvatore: 44
 QUEIROZ, Eça de: 7, 33, 35, 65, 117
 QUEIROZ, Maria Eugênia Fernandes de: 24, 27
 QUEIROZ, Maria José de: 65, 122
 QUEIROZ, Raquel de: 32, 33, 36, 81, 111, 119, 121
 QUÉRCIA, Orestes: 5
 QUINTANA, Mário Miranda: 21, 61, 79, 80, 83, 89, 115, 118, 121, 130
 QUINTEREOS, Ruben: 103
 RABELAIS, François: 65, 67, 89
 RAMALHO, João: 94

RAMOS, Graciliano: 5, 6, 15, 32, 37, 40, 41, 46, 48, 50, 56, 59, 61, 84, 86, 87, 89, 94, 111, 113, 129, 130, 132, 133
 RAMOS Neto, José: 124
 RAMOS, Ricardo: 32, 46, 89, 120
 REBÊLO, Marques: 15, 20, 32, 40, 79, 89
 REGINA, Elis: 80
 REGO, José Lins do: 5, 32, 40, 44, 46, 59, 65, 69, 86, 111
 REIS, Mário: 23, 52
 REIS, Ricardo: 106
 RENAI, Alain: 61, 130
 RESENDE, Otto Lara: 50, 65, 79, 89, 121, 122
 REY, Marcos: 115
 RIAN: (ver Nair de Teffé)
 RIBEIRO, Carlos: 129
 RIBEIRO, Darcy: 5
 RIBEIRO, João Ubaldo: 5, 8, 80, 96, 108, 113, 117, 121, 120
 RIBEIRO, João: 69, 94
 RIBEIRO, Léo Gilson: 62, 96, 115
 RIBEIRO, Pery: 27
 RICARDO, Cassiano: 45, 123
 RICCI (músico): 46
 RICHELIEU: 41
 RILKE, R. M.: 106, 120
 RIMBAUD, Jean Arthur: 44, 58, 78, 84, 111
 RIO, João do: 14, 18, 33, 43, 52, 59, 66, 76, 86, 107, 116, 126
 RIVELINO, Roberto: 53, 60
 RIVERA, Diego: 2
 ROBSON (jogador): 86
 ROCHA, Adiléia Silva da (Ver Dolores Duran)
 ROCHA, Gabreno: 31, 104
 ROCHA, Glauber de Andrade: 11, 23, 47, 98, 133
 ROCHA, Hélio: 20
 ROCHA, Manuel Fernandes da (ver Carlos Drummond de Andrade)
 ROCHA, Plínio Sussekind: 36
 RODRIGUES, Augusto: 40, 49
 RODRIGUES, João Carlos: 20, 107
 RODRIGUES, Lupicínio: 9, 17, 28, 128
 RODRIGUES, Márcia: 80
 RODRIGUES, Néelson: 5, 59, 33, 38, 48, 50, 86, 96, 105, 117, 119, 133
 RODRIGUES Filho, Mário: 86
 ROMERO, Sílvio: 41
 ROMEU (jogador): 37
 RÓNAI, Paulo: 6, 32, 40, 45, 62, 79, 89, 107
 RONDON marechal: 133
 ROOSEVELT: 129
 ROSA, João Guimarães: 3, 5, 6, 11, 17, 45, 80, 83, 84, 96, 99, 113, 115, 117, 121, 126
 ROSA, Lindaura: 23
 ROSA, Maria Helena Soares da: 27
 ROSA, Noel de Medeiros: 4, 17, 23, 30, 34, 35, 43, 48, 49, 52, 59, 71, 74, 80, 83, 85, 97, 114, 116, 132

ROSSELINI, Roberto: 69
 ROSTAND: 42
 ROUANET: 42
 ROUSSEAU, J. J.: 122
 RUBIÃO, Murilo: 89
 RUBINI: 73
 RUFINO, Joel: 24
 RULFO, Juan: 2, 70, 96, 99
 SÁ, Jorge de: 66
 SÁ, Nair Cardoso Gomes de: 74
 SÁBAT: 58
 SABINO, Fernando: 17, 18, 59, 66, 86, 119, 121
 SAINT-SIMON: 122
 SALAZAR, A. O.: 41
 SALDANHA, Heitor: 106
 SALDANHA, João: 60
 SALLES, Mauro: 38
 SALOMÃO, Sonia: 110
 SALVADOR, Vicente de: 102
 SANDRONI, Cícero: 119
 SANT'ANNA, Affonso Romano: 3, 63, 113
 SANT'ANNA, Sérgio: 59, 86, 117
 SANTA ROSA, Tomás: 5, 81
 SANTA ROSA, Virgílio de: 5, 113
 SANTIAGO, Silviano: 113
 SANTORO, Cláudio: 132
 SANTOS, Messias dos: 93
 SANTOS, Néelson Pereira dos: 27, 32
 SANTOS, Nílton: 35, 37, 53, 54
 SANTOS, Sílvio: 96
 SANTOS, Turíbio: 28
 SARAMAGO, José: 44, 117
 SARDINHA, Anibal Augusto (Garoto): 22, 25, 28
 SARGENTO, Néelson: 88, 132
 SARNEY, José: 5, 52, 55, 116
 SARTRE, Jean-Paul: 10, 20, 54, 110, 120
 SAVONAROLA: 42
 SAYERS, Raymond: 132
 SCHAWAMBORN, Ingrid: 7, 81
 SCHEEBERGER, Guido: 100
 SCHIKELE, René: 127
 SCHILLER: 42, 84
 SCHLAFMAN, Léo: 115
 SCHMIDT, Afonso: 5, 6
 SCHMIDT, Augusto Frederico: 32, 36, 38, 40, 50, 123
 SCHOPENHAUER: 87
 SCHUMANN, Roberto: 13, 124
 SCLIAR, Moacyr: 121
 SCOTT, Walter: 42
 SEGALL, Lasar: 97

SENNA, Ayrton: 80, 89
 SENNA, Homero: 107, 129
 SERELEPE: 25
 SERPA, Jorge: 5, 38, 62
 SGANZERLA, Rogério: 23
 SHAKESPEARE, William: 23, 38, 50, 54, 61, 65, 68, 91, 96, 108, 109, 111, 125, 129
 SHAW, Bernard: 36, 42
 SICCA, Vitório de: 10, 61, 130
 SICILIANO, Enzo: 10
 SILVA, Aguinaldo: 62, 98
 SILVA, Chica da: 15
 SILVA, Deonísio da: 93
 SILVA, Estanislau: 90
 SILVA, Hélio: 41
 SILVA, Ismael: 4, 23, 34, 88
 SILVA, J. B.: (ver Sinhô)
 SILVA, Leônidas da: 37
 SILVA, Luiz Roberto do Nascimento e: 63
 SILVA, Moreira da: 23, 48
 SILVA, Orlando: 114, 133
 SILVA, Roberto do Nascimento e: 101
 SILVEIRA, Cid: 132
 SILVEIRA, Ênio: 15, 63, 79
 SILVEIRA, Joel: 33, 121
 SILVEIRA, Miroel: 132
 SILVEIRA, Nise da: 123
 SILVEIRA, Sousa da: 129
 SIMINOV, K. : 10
 SIMMEL, George: 117
 SIMÕES, Gaspar: 46
 SIMÕES Neto, J.: 62
 SINHÔ: 23, 48
 SIQUEIROS, David Alfaro: 2
 SNEGE, Jamil: 96
 SOARES, Elza: 53
 SOARES, Ilídio: 53
 SOARES, Macedo: 35
 SOARES, Mário: 44, 80
 SOARES, Orson: 27
 SÓCRATES: 133
 SODRÉ, Muniz: 120
 SODRÉ, Nelson Werneck: 32
 SÓFOCLES: 46
 SOLEDADE, Paulo: 22, 49, 80
 SOLOGUB: 10
 SONNEMBERG, Michael: 85
 SOUSA, Cruz e: 6
 SOUSA, Gabriel Soares de: 94
 SOUSA, Pompeu de: 35
 SOUSA, Sílvia de: 27

SOUZA, Gabriel Soares de: 102
 SOUZA, Herbert de (Betinho): 63
 SOUZA, Otávio Traquínio de: 61, 130
 SOUZA, Ruth de: 27
 SOUZÂNDRADE: 5
 SPENDER, Stephen: 56
 SPINOZA: 123
 SQUEFF, Egídio: 33
 SQUEFF, Ênio: 124
 STALLONE, Sylvester: 98
 STANISLAW PONTE PRETA: 15, 35, 43, 58, 66, 71, 86
 STAUDINGER, Hermann: 100
 STEIN, Gertrude: 57
 STEINER, George: 78
 STENDHAL: 13, 44, 61, 124, 130
 STEVENSON, Robert Louis: 42, 100
 STOKOWSKY, Leopold: 51
 STRAIT, Panait: 117
 STUKART, Wilhelm: 100
 SUASSUNA, Ariano: 91, 121
 SUETÔNIO: 88
 SUPERVIELLE, Jules: 44
 SÜSKIND, Patrick: 122
 SÜSSEKINF, Flora: 107
 SWIFT, Jonathan: 13, 62, 124
 TABOXÁ, Arnaldo: 7
 TAINE, H.: 126
 TAPAJÓS, Haroldo: 22
 TAPAJÓS, Paulo: 22
 TASSO, Torquato: 13, 124
 TAUBER, Richard: 73
 TÁVORA, João Franklin da Silveira: 6
 TÁVORA, Juarez: 97
 TCHEKHOV, Anton Pavlovitch: 10, 13, 62, 87, 124
 TEFFÉ, Nair de: 72
 TEIXEIRA, Bento: 102
 TELES, Mendonça: 113
 TELLES, Lygia Fagundes: 115, 120
 TEODORICO: 25
 TÉRCIO, Jason: 77, 133
 TERRA, Eliane: 81
 TERRAZA, Emílio: 132
 TERTULIANO: 88
 TEZZA, Critóvão: 99
 THIMBERG, Natalia: 38
 THOMAS, Dylan: 42, 44, 70
 THORMES, Jacinto de: 35
 TIM (jogador): 37, 53
 TINHORÃO, José Ramos: 28, 119
 TINTORETTO: 49

TODD, Olivier: 127
 TOLSTOI, Alexei Nicolaievitch: 10, 42, 96
 TOLSTOI, Leon: 10, 19
 TOM JOBIM: 22, 49, 51, 52, 59, 71, 80, 83, 119
 TOMASO, Salvador Di: 103
 TOQUINHO: 22
 TORGA, Miguel: 21
 TORRES, Alberto: 97
 TOSTES, Adelaide (Ver Stella Caymmi)
 TRAKL, Georg: 127
 TREMEMBÉ, Visconde de: 97
 TREVISAN, Dalton Jerson: 79
 TREVISAN, Dalton: 37, 61, 75, 87, 89, 96, 99, 113, 114, 121, 125, 130
 TRIMANO, Luis: 73, 131
 TRISTÃO DE ATAYDE: 3, 5, 18, 41, 44, 66, 69, 110, 129
 TRUFFAUT, François: 127
 TUCCI, Terig: 73
 TURGUENIEV: 10
 TZARA, Tristan: 44
 ULHOA, Osvaldo: 103
 UNGARETTI, Giuseppe: 44
 UTRILLO: 49
 VADICO: 4
 VALE, João do: 132
 VALENTIM: 34
 VALÉRY, Paul: 61, 91, 130
 VALLE, Maurício do: 83, 80
 VALLEJO, César: 65, 115, 131
 VAN GOGH, Vincent: 13, 87, 124
 VARGAS, Getúlio: 5, 7, 33, 38, 59, 97, 114
 VARGAS, Suzana: 118
 VASCONCELOS, Cícero: 41
 VASCONCELOS, Nelson Corrêa: 93
 VAUVENARGUES: 61, 130
 VEIGA, Jorge: 35
 VEIGA, José J.: 33, 45, 89
 VEIGA, Mayrink: 25
 VELOSO, Caetano: 49, 117
 VENTURA, Mauro: 99
 VERDE, Antônio (Ver Aníbal Machado)
 VEREZA, Carlos: 63
 VERÍSSIMO, Érico: 10, 46, 65, 129
 VERÍSSIMO, José: 41
 VERÍSSIMO, Luiz Fernando: 62, 79, 85, 115, 121
 VERLAINE, Paul: 50, 58, 78, 127
 VIANA, Fernando Mendes: 3
 VIANA Filho, Luiz: 55
 VIANNA Filho, Oduvaldo: 27, 63
 VICTOR HUGO: 58
 VIEIRA, Pe. Antônio: 5, 33, 83, 115

VILAR, Gilberto: 102
VILAS BOAS, Mário de Miranda: 119
VILELA, Luiz: 59, 75, 86, 96, 115
VILLABOIM, Paschoal: 16
VILLAÇA, Marcus: 5
VILLAÇA: Antônio Carlos: 81, 121, 123
VILLA-LOBOS, Heitor: 11, 23, 25, 35, 51, 83, 85
VILLARINHO (músico): 90
VILLON, François: 26, 68
VINCI, Leonardo da: 13, 52, 124
VIOLA, Paulinho da: 25, 28, 51, 80, 88, 114, 132
VIRMOND, Eduardo Rocha: 99
VISCONTI: 69
VITTI, Mônica: 44
VOLTAIRE: 6, 89
WAGNER: 5
WAINER, Samuel: 33
WANDERLEY, Jorge: 91
WASSERMANN, Jacob: 127
WEFFORT: 101
WELLES, Orson: 27, 36
WERFEL, Franz: 127
WERNECK, Néelson: 75
WHITMANN, Walt: 81
WILDE, Oscar: 7, 11, 107, 133
WILLEMS, Emílio: 45
WILLEMSEN, August: 37, 87
WILLIAMS, Andy: 49
WILLIAMS, William Carlos: 70
WILSON, Edmund: 96
WINTERNIZ, Friderike Maria Von: 7
WISNIK, José Miguel: 121
WOODWORTH, Robert Sessions: 84
XAVIER, Nelson: 63, 132
YEATS, William Butler: 133
YESENIN: 77
ZAGALO: 31, 35, 104
ZAMPA, Luigi: 10
ZEVADA, Manuel Ismael: 48
ZICA: 28, 132
ZICO: 133
ZIEMBINSKI: 132
ZILLE, Weinrich: 8
ZIRALDO: 58, 63, 99, 118
ZWEIG, Lotte: 7
ZWEIG, S.: 7

JESUS, C.D.A. de. *A crítica de João Antônio em “Tribuna da Imprensa”*. Assis, 2001. 177 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

RESUMO

Os estudos sobre o escritor João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) recaem especialmente sobre a sua ficção. Este estudo, contudo, enfatiza a produção crítica do escritor de 1993 a 1996, totalizando 133 textos escritos na *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro. Os textos foram resenhados e analisados através de material teórico referente à crítica literária contemporânea, especificamente a crítica praticada em jornal, fazendo-se uma breve retrospectiva de sua origem, isto é, a crítica de rodapé desde o século XIX até a década de 90 do século XX. A análise mostra que não é possível enquadrar o exercício crítico de João Antônio em determinada linha de análise, mas que vários modelos de análise crítica convergem para seus textos, resultando numa crítica individual, com reflexos de outros modelos críticos, mas com a marca única do escritor.

Palavras-chave: João Antônio – crítica literária – crítica em jornal.

JESUS, C.D.A. de. *A crítica de João Antônio em “Tribuna da Imprensa”*. Assis, 2001.

177 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

ABSTRACT

The studies about the writer João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) they especially worked about his fiction. This study, however, emphasizes the writer's critical production from 1993 to 1996, totaling 133 texts written in the *Tribuna da Imprensa* of Rio de Janeiro. The texts were summarized and analyzed through theoretical material regarding the contemporary literary criticism, specifically the one practiced in newspaper, being made a short retrospective of its origin, that is, the baseboard criticism since century XIX to the decade of 90 of century XX. The analysis shows that it is not possible to frame João Antônio's critical exercise in certain analysis line, however several analysis models converge to his texts, resulting in an individual criticism, with reflexes of other critical methods, but with the writer's only mark.

Keywords: João Antônio – literary criticism – newspaper criticism.